



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS



LUCIANA PATRÍCIO DUARTE MARTINS

**LIVROS SÃO VIAGENS, CONTOS SÃO BILHETES DE PARTIDA:
A LITERATURA FANTÁSTICA EM SALA DE AULA**

MONTES CLAROS – MG
MAIO DE 2019

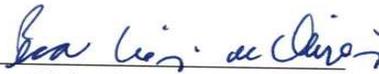
LUCIANA PATRÍCIO DUARTE MARTINS

**LIVROS SÃO VIAGENS, CONTOS SÃO BILHETES DE PARTIDA:
A LITERATURA FANTÁSTICA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito obrigatório para a conclusão do curso e obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ilca Vieira de Oliveira.
Área de Concentração: Linguagens e Letramentos
Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino
Sublinha: Formação do Leitor.

Liberado em 09/08/2019



Ilca Vieira de Oliveira

MONTES CLAROS – MG
MAIO DE 2019

Martins, Luciana Patrício Duarte.

M379I Livros são viagens, contos são bilhetes de partida [manuscrito] : a literatura fantástica em sala de aula / Luciana Patrício Duarte Martins. – Montes Claros, 2019.

136 f. : il.

Bibliografia: f. 88-93.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ PROFLETRAS, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Ilca Vieira de Oliveira.

1. Narrativa fantástica. 2. Conto. 3. Assis, Machado de – 1839-1908. 4. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. 5. Carroll, Lewis, 1832-1898. 6. Bobin, James, 1972–. 7. Ensino de literatura. I. Oliveira, Ilca Vieira de. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: A literatura fantástica em sala de aula.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



LUCIANA PATRÍCIO DUARTE MARTINS

"LIVROS SÃO VIAGENS, CONTOS SÃO BILHETES DE PARTIDA: a literatura fantástica em sala de aula"

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Prof.^a Dr.^a Ilca Vieira de Oliveira – Orientadora (Unimontes)

Prof. Dr. Evaldo Balbino (UFMG)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (Unimontes)

Montes Claros (MG), 31 de maio de 2019

Para Nathália e Helena

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de força e alento.

A meu esposo, Sandro, pelo companheirismo e pela compreensão.

A minhas filhas Nathália e Helena, que souberam entender minhas ausências, meu estresse e os meus “agora não!”.

Aos meus pais João e Maria, pelas orações que fortaleceram e iluminaram minha caminhada.

A minha admirável orientadora, professora doutora Ilca Vieira de Oliveira, por seus ensinamentos, observações e preciosas contribuições.

Aos professores e professoras do Mestrado Profissional, pelas preciosas contribuições e pelo constante estímulo.

Aos colegas, com quem compartilhei descobertas, leituras, dúvidas e angústias.

A minha amiga e colega de trabalho, Cláudia Bahia Vasconcelos, pelo incentivo e disponibilidade. Sou muito grata a ela.

Aos meus amigos, em especial a Aparecido Cardoso por ter sido o meu suporte em vários momentos desse percurso acadêmico.

Aos professores, alunos e funcionários da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro pela colaboração no desenvolvimento da pesquisa, em especial, ao diretor Danilo Cordeiro, por acreditar na realização desse projeto.

Aos familiares e colegas de mestrado, que me incentivaram e dividiram as lutas do cotidiano acadêmico.

Ao Mestrado Profissional por todo o suporte técnico e acadêmico.

*Pode chamar isso de “absurdo” se quiser, mas já
ouvi absurdos que fariam este parecer tão
sensato quanto um dicionário.
(Lewis Carroll)*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo realizar uma proposta de intervenção com o intuito de melhorar as competências leitoras dos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro. A proposta de intervenção do presente projeto foi de proporcionar aos alunos o contato com a literatura a partir dos contos “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe e “O espelho”, de Machado de Assis; e do filme *Alice através do espelho*, dirigido por James Bobin. A partir da correlação entre as obras citadas, buscaram-se desenvolver práticas de ensino-aprendizagem que possibilitassem o interesse e desenvolvessem o senso crítico dos discentes. A abordagem metodológica do projeto estava centrada na pesquisa-ação, e a base teórica está alicerçada nos estudos de Magda Soares, Roxane Rojo, Vincent Jouve, Teresa Colomer, Lígia Cademaroti, Harold Bloom, Leila Perrone-Moisés, Antônio Candido, Isabel Solé, Nádia Battella Gotlib, Charles Kiefer, Tzvetan Todorov e Ana Luiza Camarani. A intervenção foi executada a partir do modelo desenhado por Rildo Cosson (2012), cujas etapas foram: motivação, introdução, leitura e pós-leitura. A proposta realizada baseou-se na dificuldade apresentada pelos alunos em praticar a leitura de modo prazeroso. Apresentamos a leitura literária por meio dos contos que seriam o “passaporte” para a leitura de obras maiores. Através das observações registradas ao longo das aulas, foi possível perceber que os discentes se interessam pela leitura desde que sejam utilizados recursos e metodologias que tornem as aulas mais atraentes. Sendo assim, a proposta de intervenção demonstrou que o letramento literário é fundamental para o desenvolvimento da formação leitora do aluno e que, para isso ocorrer, o professor precisa lançar mão de todos os meios possíveis. A intervenção realizada ofertou aos alunos a oportunidade de conhecer mais sobre o gênero conto e de desenvolver maior interesse pela literatura, além da oportunidade de exercitar a criatividade escrevendo seus próprios contos e produzindo histórias em quadrinhos (HQs).

Palavras-chave: narrativa fantástica, conto, Machado de Assis, Edgard Allan Poe, Lewis Carroll, James Bobin e ensino de literatura.

ABSTRACT

This work aimed to make a proposal for intervention with the goal of improving reading skills of the students from the 8th year of Elementary School at “Professor Plínio Ribeiro” State School. The scope of the intervention proposal of this project was to provide students contact with literature from the short stories such as: “The Oval Portrait” by Edgar Allan Poe; “The Mirror” by Machado de Assis; and the film “Alice Through the Looking Glass,” which was directed by James Bobin. Based on the correlation between the works mentioned, it was possible to develop teaching-learning practices that allowed the interest and development of critical sense of the students. The methodological approach was arranged in action research and the theoretical basis is focused on the studies of Magda Soares, Roxane Rojo, Vincent Jouve, Teresa Colomer, Lígia Cademartori, Harold Bloom, Leila Perrone-Moisés, Antônio Candido, Isabel Solé, Nádia Battella Gotlib, Charles Kiefer, Tzvetan Todorov and Ana Luiza Camarani. The intervention was carried out from the model designed by Rildo Cosson (2012), whose steps are: motivation, introduction, reading and post-reading. The proposal presented and executed was based on the difficulties presented by students in practicing reading in a pleasant way. We present the literary reading through the short stories that would be the “passport” for reading of larger works. Through the observations recorded throughout the classes it was possible to perceive that the students are interested in reading as long as resources and methodologies are used to make funnier classes. Thus, the intervention proposal demonstrated that literary literacy is essential for the development of student reading instruction, and for this, it is necessary that teacher uses all possible means. The intervention gave the students greater interest in literature, and with this they exercised their creativity by writing their own short stories as well as their own comics.

Keywords: fantastic narrative, short story, Machado de Assis, Edgard Allan Poe, Lewis Carroll, literature teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBC	Conteúdos Básicos Comuns
CEP	Comitê de ética em pesquisa
D	Descritor
HQ	História em quadrinhos
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IPL	Instituto Pró-Livro
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIP	Projeto de Intervenção Pedagógica
PNBE	Programa Nacional da Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLL	Programa Nacional do Livro e da Leitura
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PROEB	Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica
Proerd	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
Profletras	Programa de Pós-graduação mestrado profissional em Letras
UFSE	Universidade Federal de Sergipe
Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – LITERATURA E ENSINO	15
1.1 – A literatura.....	15
1.2 – A literatura no espaço escolar	21
1.3 – A leitura literária como prática social	31
1.4 – A formação do leitor literário na escola	36
1.5 – Características da mediação da leitura literária	40
1.6 – O letramento literário e o ensino da literatura.....	42
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	47
2.1 – O contexto da pesquisa.....	48
2.2 – A clientela escolar	49
2.3 – A comunidade pesquisada.....	50
2.4 – Tipo da pesquisa.....	50
2.5 – Instrumento de coleta de dados	51
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES	53
3.1 – Delimitação do <i>corpus</i> literário.....	53
3.2 – O gênero: contos fantásticos	54
3.2.1 – Machado de Assis.....	59
3.2.2 – Edgar Allan Poe	62
3.2.3 – Lewis Carroll.....	66
3.3 – Descrição das atividades: a leitura literária em foco	68
3.3.1 – Ação I.....	69
3.3.2 – Ação II.....	69
3.3.3 – Ação III	70
3.3.4 – Ação IV	73
3.3.5 – Ação V	73

3.3.6 – Ações VI e VII	74
3.3.7 – Ação VIII	76
3.3.8 – Ação IX	76
3.3.9 – Ação X	76
3.3.10 – Ação XI	77
3.4 – Análise dos resultados da intervenção	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo primordial o “aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura” (BRASIL, 2018, [s.p.]), em harmonia com o que propõe o Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras.

Para a realização dessa intervenção, fez-se a opção pela pesquisa-ação, que consiste em um tipo de investigação que articula determinado conjunto de procedimentos visando à resolução de um dado problema social. Metodologicamente, a pesquisa-ação também se encontra vinculada ao envolvimento colaborativo entre pesquisados e pesquisadores com o propósito de desenvolver a intervenção a ser proposta e aplicada no percurso da pesquisa.

O projeto de intervenção foi desenvolvido no âmbito da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, localizada em Montes Claros – MG, cuja clientela escolar é diversificada, uma vez que a instituição, por sua centralidade, atrai alunos dos mais diversos bairros da cidade. Segundo resultados do Programa Estadual de Avaliação da Educação Básica (Proeb), em 2015, 69% dos alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental da mencionada instituição não atingiram o nível avançado (BRASIL, 2018), e tal resultado está diretamente vinculado às deficiências de leitura e interpretação (BRASIL, 2017a).

Também no cotidiano da prática docente, tem sido possível constatar o desinteresse de parte considerável dos alunos pela prática da leitura de obras literárias. A ausência desse apreço à literatura nos levou ao interesse por observar com maior profundidade os motivos que determinam essa conjuntura. A partir de então, procuramos desenvolver mecanismos que, ao serem aplicados, poderiam intervir na situação de modo a fazer com que a leitura de obras literárias possa contribuir não somente no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, como também na formação de cidadãos mais conscientes, pois, como afirma Antonio Candido, a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1989, p. 12).

É importante salientar que no âmbito do presente estudo trataremos em específico da literatura fantástica. O *corpus* selecionado para o desenvolvimento da pesquisa é composto pelos seguintes contos: “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe; “O espelho”, de Machado de Assis; e o filme *Alice através do espelho*, dirigido por James Bobin. A escolha do *corpus* está fundamentada em dois aspectos: a presença desse tipo de gênero literário no livro didático *Para viver juntos: Português*, o 8º ano do Ensino Fundamental, que é adotado na escola, e pelo fato de a literatura fantástica ter atraído nos últimos anos a atenção dos estudantes a partir de várias narrativas, tais como a dos livros e filmes da saga de Harry Potter, entre outros.

Com base nas observações empíricas delineadas no dia a dia das aulas e no planejamento destas, as indagações que se colocam para este trabalho de pesquisa são: (I) Quais fatores levam os alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental II a apresentarem resistência à leitura de textos literários? (II) Quais são os fundamentos e aspectos que sustentam tal comportamento? (III) Tal desinteresse não estaria vinculado aos tradicionais métodos de ensino da literatura nas escolas?

A presente pesquisa foi desenvolvida em duas etapas, sendo a primeira parte investigativo-diagnóstica e a segunda, de desenvolvimento e aplicação da intervenção propriamente dita. Na primeira fase da pesquisa, procedemos à coleta, por meio de questionário, e à posterior análise desses dados para a elaboração do diagnóstico. Quanto à segunda etapa, implementamos o projeto de intervenção pedagógica com o propósito de atuar sobre a dificuldade observada em sala de aula, isto é, a rejeição à leitura de obras literárias.

Os objetivos do presente projeto são: (I) detectar a partir de estratégias metodológico-diagnósticas os obstáculos e dificuldades que levam os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II a não se sentirem interessados pela leitura de obras literárias; (II) proporcionar aos alunos o contato com a literatura fantástica, a partir dos contos “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe, o “Espelho”, de Machado de Assis, e do filme *Alice através do espelho*, dirigido por James Bobin; (III) Analisar os métodos e práticas comumente utilizados no ensino convencional da literatura; (IV) Propor mudanças que possibilitem maior interesse dos discentes pelas obras literárias; (V) Oportunizar o conhecimento do contexto histórico e social dos contos selecionados, realizando a transposição entre o momento da produção do texto e o contexto contemporâneo, e estabelecendo um diálogo entre as épocas; e, por fim, (VI) Motivar o aluno a ler um texto literário.

Os objetivos acima elencados foram estabelecidos visando testar as seguintes hipóteses de causa para o relatado desinteresse dos alunos: (I) Devido às novas tecnologias, tais como o uso do celular, os jogos eletrônicos e uma gama de possibilidades que a internet promove no uso cotidiano da linguagem, teria ocorrido certo distanciamento da leitura de textos literários; (II) Outra possibilidade poderia ser a linguagem das obras, considerada por muitos como distante da que eles fazem uso cotidianamente; (III) A terceira hipótese causa a ser colocada seria a didática ainda utilizada na maioria das escolas, pois as práticas de ensino de língua portuguesa e literatura permanecem na mesmice, não havendo mudanças significativas na didática aplicada aos conteúdos.

O arcabouço teórico de Mirian Zappone (2008), Magda Soares (2009), Roxane Rojo (2009), Ângela Kleiman (1995) e Rildo Cosson (2016) contribuiu para a compreensão da importância do letramento literário nas aulas de língua portuguesa. Já os estudiosos Vincent Jouve (2012), Teresa Colomer (2003), Lígia Cademartori (2012), Richard Bamberger (2000), Harold Bloom (2001), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999), Leyla Perrone-Moisés (2006), Antonio Candido (1989) e Isabel Solé (1998) serviram de base para a compreensão dos aspectos teóricos da leitura e do ensino de literatura, tendo-se em vista a formação do leitor. Para tanto, estudamos também colocações de Nádia Battella Gotlib (2006), Charles Kiefer (2011), Tzvetan Todorov (2010a e 2010b) e Ana Luiza Silva Camarani (2014) no que concerne ao gênero conto e à literatura fantástica. Além disso, buscamos refletir sobre a inserção da literatura nos livros do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado “Literatura e Ensino”, diz respeito às discussões teóricas que embasam o desenvolvimento da intervenção. Foram discutidas as mais variadas vertentes acadêmicas que tratam: da definição do termo “literatura” e da importância desta do ponto de vista social; da literatura no espaço escolar. da formação do leitor literário; e do letramento literário. No capítulo seguinte, sob o título de “Metodologia”, são apresentados o contexto em que a pesquisa foi concretizada, os métodos de coleta de dados, o tipo da pesquisa e os instrumentos de que lançamos mão para o andamento dos trabalhos. O terceiro, e último, capítulo, denominado “Resultados e discussões”, trata da delimitação do *corpus* literário selecionado, a conceituação de conto e de literatura fantástica, uma breve

abordagem histórica e literária dos autores e obras selecionados, e, por fim, a descrição e observação das atividades executadas.¹

¹ Esta investigação envolvia atividades com seres humanos, por isso, para seguir os devidos trâmites legais, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, e recebeu o parecer substanciado de número: 2.483.674.

CAPÍTULO 1 – LITERATURA E ENSINO

1.1 A literatura

O interesse pela literatura tem levantado discussões e altercações que vão desde a aceção do termo, passando pelos debates relativos à sua importância social, chegando às inter-relações entre literatura, contexto social e cultural, isso de acordo com a época de cada produção e autor.

Conceitualmente, a palavra literatura advém do termo latino *litteris*, cujo significado é “letras”, sendo presumivelmente a tradução do termo grego *grammatikee*, cuja aceção diz respeito aos saberes e habilidades relacionados à boa leitura e escrita e às técnicas de gramática, retórica e poética. A literatura – dita a Sexta Arte – emerge da criação e da imaginação dos seres humanos. Ela é profundamente vinculada à aquisição da cultura e da aprendizagem, auxiliando de maneira profícua a sociedade a produzir o conhecimento.

No entanto, a abrangência do termo ainda suscita questionamentos e discussões entre os profissionais e instituições que lidam diretamente com a produção e a crítica literárias. No que tange à presente pesquisa, nos respaldamos na conceituação de Massaud Moisés, para quem a literatura é “a expressão de conteúdos da ficção ou da imaginação por meio de palavras de sentido múltiplo ou pessoal” (MOISÉS, 2005, p. 28).

A percepção do que vem a ser literatura passa pelas instituições e indivíduos que lidam diretamente com o texto. Regina Zilberman (2001), na obra *Fim do livro, fim dos leitores?*, assinala que cabe à escola, academia, crítica literária e imprensa a atribuição de *status* que possa legitimar ou não determinada obra, além de respaldar determinada concepção de literatura. A autora considera que:

Essas entidades estabeleceram e fixaram a concepção de literatura enquanto “belas letras”, operada a partir da consolidação da sociedade burguesa e do capitalismo, garantindo sua permanência. A seguir, passaram a colocar normas e exigências aos criadores, que eles devem adotar ou não para serem reconhecidos pelo meio e aceitos enquanto artistas (ZILBERMAN, 2001, p. 82).

Além da indagação sobre o que é literatura, outra questão também se coloca: Para que serve a literatura?

A forma mais comum de se explicar a literatura é a que a deslinda como sendo a representação da realidade. Nesse sentido, a arte literária seria a reinvenção da existência humana por meio das palavras e ideias. Segundo Antoine Compagnon (2012), na obra *Literatura para quê?*, a literatura se expressa na evolução e maturidade da pessoa, principalmente nas questões que versam sobre valores e sentimentos. A leitura do texto literário permite conhecer, preservar e transmitir a vivência do outro, possibilitando ao leitor outras vivências e o desenvolvimento de sensibilidades. “A literatura é um exercício de pensamento; a leitura, uma experiência dos possíveis” (p. 41).

Ainda nas palavras de Compagnon, apesar da existência de outras formas de representação que concorrem com a literatura, esta ainda permanece como sendo o *lugar sui generis* para o homem falar e imaginar. “A literatura não é a única [introdução à inteligência da imagem], mas é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento, e isso é suficiente para garantir seu valor perene” (COMPAGNON, 2012, p. 55).

É importante ressaltar que a literatura não pode ser encarada como um mero recurso lúdico, percepção tão comum nas escolas nas últimas décadas, que acabou por destituir a literatura de seu capital original. No ensino, esta deve ter como objetivo primordial proporcionar ao aluno/leitor a competência de compreensão e interpretação das leituras que realizar.

O crítico literário e ensaísta Afrânio Coutinho, no livro *Notas da teoria literária*, define a literatura como sendo a reinvenção e modificação da realidade, e afirma que ela é repassada por meio da linguagem e ganha forma por meio dos gêneros textuais literários. Segundo ele, o processo do “fazer literário” do autor é baseado na sua imaginação e na experiência de vida no contexto social em que se inscreve.

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores – políticos, religiosos, morais, filosóficos. Dotada de uma composição específica, que elementos intrínsecos lhe fornecem, tem um desenvolvimento autônomo. A crítica é, sobretudo, a análise desses componentes intrínsecos, dessa substância estética, a ser estudada como arte e não como documento social ou cultural, com um mínimo de referência ao ambiente sócio-histórico (COUTINHO, 2014, p. 71).

Em sua análise, Coutinho enfatiza que, além das especificidades intrínsecas, a literatura tem como propósito maior proporcionar ao leitor o apreço estético e a autonomia crítica. A obra literária não deve ser colocada apenas sob a ótica de um documento histórico, mas deve prioritariamente proporcionar o prazer estético.

Em outro estudo, numa passagem ligada diretamente a sua definição de literatura brasileira, Coutinho explica o que são os fatores extrínsecos e intrínsecos do “fato literário” e da “estética”:

Com ser de natureza estética, o fato literário é histórico, isto é, acontece num tempo e num espaço determinados. Há nele elementos históricos, que o envolvem como uma capa e o articulam com a civilização – personalidade do autor, língua, raça, meio geográfico e social, momento; e elementos estéticos, que constituem o seu núcleo, imprimindo-lhe ao mesmo tempo características peculiares, que o fazem distinto de todo outro fato da vida: tipo de narrativa, enredo, motivos, ponto de vista, personagem, linha melódica, movimento, temática, prosódia, estilo, ritmo, métrica, etc. [...] Esses últimos elementos formam o “intrínseco”, enquanto os primeiros formam o “extrínseco” (COUTINHO, 2014, p. 9).

Diante do exposto, a literatura não deve ser vista essencialmente como o *lócus* da representação do real. De maneira semelhante, o sociólogo e crítico Antonio Candido estabelece o seu conceito de literatura, no qual

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1972, p. 53).

Compartilhando das definições dos teóricos anteriores, Candido entende a literatura como um sistema composto por autor, obra e público leitor. Para ele, a literatura é um elemento indispensável para a humanização do sujeito, sendo, por isso, a literatura “o sonho acordado da civilização”, pois sem ela “talvez não haja equilíbrio social” (CANDIDO, 1989, p. 12). A literatura faz, ainda segundo esse crítico, com que o homem descubra o que há de humano em si mesmo. Ela está apta a humanizar o

indivíduo em suas mais diversas características, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação e tornando a sociedade mais humanizada.

Sobre o papel humanizador desempenhado pela literatura, Candido enfatiza que ele é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1989, p. 22).

E mais que isso, a literatura desempenha importante papel na formação do homem, uma vez que colabora na confrontação das múltiplas realidades sociais que a ideologia dominante tenta camuflar, ou seja, a literatura “age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela” (CANDIDO, 1972, p.805). A obra literária pode ensinar na medida em que age com toda a sua gama, e “é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e de boa conduta” (CANDIDO, 1989, p. 805). A literatura faz com que o leitor desenvolva o senso crítico, ampliando de forma significativa seu potencial de aprendizagem e imaginação.

No entanto, alguns estudiosos consideram que nas últimas décadas a literatura tem passado por momentos nada exitosos no contexto escolar. No livro *Literatura em Perigo*, Tzvetan Todorov (2010) considera que o ensino da literatura se encontra em risco, pois na maioria das vezes o ensino se restringe a uma mera contextualização das obras, englobando a literatura apenas pela ótica da historicidade. A restrição do uso da literatura – o que Todorov denominou de “Totalitarismo didático” – não permite que esta seja utilizada como meio que contribua para o homem tornar-se um ser pensante. Isso porque o uso da literatura como simples recurso didático faz com que ela fique restrita a uma mera narrativa, não sendo explorados aqueles aspectos que permitem ao aluno uma leitura capaz de aflorar a sensibilidade e promover conhecimentos.

Os textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assinalam que o texto literário:

[...] constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. Como representação – um modo particular de

dar forma às experiências humanas –, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico) (BRASIL, 1998, p. 26).

A partir do texto literário, o leitor torna possível a interposição de sentidos entre o mundo e o sujeito, entre o objeto e a imagem, por meio dos quais emergem a ficção e as múltiplas interpretações do mundo concreto e dos mundos imaginados. Isso porque o diálogo existente nos textos literários é lastreado por jogos de aproximações e afastamentos, nos quais estão a proposição de pontos de vista peculiares e a subjetividade que pode estar entremeada em citações referentes ao cotidiano. O texto literário, tal como sugerem os PCN, não deve ser utilizado de maneira superficial ou apenas como pretexto para o estudo da gramática ou como exposição de valores ligados à moral.

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1998, p. 27).

Em artigo intitulado “Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de literatura”, as pesquisadoras Salete Rosa Pezzi dos Santos e Cecil Jeanine A. Zinani (2004) discorrem sobre o uso dos gêneros textuais, a literatura e leitura em sala de aula. As autoras salientam que a literatura tem função política por ser capaz de despertar no aluno a reflexão e a capacidade crítica. Segundo Paulino e Cosson (2009, p. 65), o leitor terá capacidade de inquirir a ideologia predominante na sociedade, podendo então criticar a realidade em que vive. Essa concepção reflexiva e crítica atribuída à literatura está vinculada à questão de que o hábito frequente da leitura literária promove no sujeito leitor a competência de observar e analisar de maneira crítica a realidade da qual ele faz parte.

Em entrevista concedida ao jornal *O Globo*, a estudiosa Leyla Perrone-Moisés afirma que considera, no mundo contemporâneo – ou no que se convencionou chamar de pós-modernidade –, que “tudo passou por uma espécie de nivelamento comum do

bom e do ótimo e do produto descartável através da via da mera comunicação, inclusive e, sobretudo, da linguagem” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 12). A ensaísta reconhece que o fenômeno do rebaixamento da literatura no currículo escolar ocorre não apenas no Brasil, mas no mundo. O desprestígio da literatura advém das novas diretrizes de formação de mão de obra para o mercado de trabalho, na qual a literatura é considerada, por assim dizer, “inútil” (p. 12).

As discussões acerca da definição de literatura e de sua função na sociedade são bastante amplas. Em vários pontos teóricos se aproximam: a leitura literária não pode ser desprovida de significados ou até mesmo percebida como uma mera distração sem nenhum propósito. Nas palavras de Compagnon, “a recusa de qualquer outro poder da literatura além da recreação pode ter motivado o conceito degradado da leitura como simples prazer lúdico” (COMPAGNON, 2012, p. 47). A leitura literária, muito pelo contrário, reveste-se de importante significado, pois ela permite sondar as possibilidades da língua, seja ela falada ou escrita. Nesse sentido Rildo Cosson assinala que a prática da literatura “consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana” (COSSON, 2016, p. 17).

Por meio da palavra, o sujeito é estimulado a externar a existência da qual faz parte, ressignificando a leitura que faz do mundo e das suas experiências de vida, externando essa linguagem de forma literária, e isso acontece porque “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2016, p. 16). A literatura se assemelha, conforme este autor, à fábula de Bolonha, cidade na qual havia uma pedra mágica. No decorrer do dia, enegrecida e fosca, a pedra absorvia a luminosidade e tudo o que estava em seu entorno. Já durante a noite, a pedra emitia uma resplandecência, iluminando a tudo e a todos com a luz que havia sugado anteriormente. “Assim funciona o texto literário em relação aos saberes que guarda em cada escritura, mas sem o aprisionar dentro de si. Ao contrário, libera-o com brilho a cada leitura” (p. 17). A literatura nos informa sobre quem somos e nos estimula a almejar e a expressar o mundo por nós mesmos. “No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim sermos nós mesmos” (p. 17).

1.2 – A literatura no espaço escolar

O cotidiano docente tem mostrado que a leitura entre os discentes não é prática corriqueira, e que, na maioria das vezes, quando esta é utilizada, serve tão somente para fins de avaliação e obtenção de notas. Tal estratégia não permite que sejam exploradas as competências e habilidades que possibilitam a real capacidade de compreensão dos textos por parte dos alunos. Diante dos dados estatísticos e das evidências a seguir apresentados, nota-se que a leitura literária está muito aquém da proposta concebida pelo letramento literário.

O Instituto Pró-Livro, na quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Ibope), realizada em 2015, traz um amplo panorama do atual estágio da disseminação da leitura entre os brasileiros. O levantamento demonstrou que houve nas últimas décadas aumento considerável da escolaridade média da população. Apesar de o percentual da população alfabetizada funcionalmente ter saltado de 61% em 2001 para 73% em 2011, somente um em cada quatro brasileiros alcança plenamente as habilidades de leitura escrita e matemática. Sendo assim, o crescimento da escolaridade média da população tem uma relevância mais quantitativa (mais pessoas alfabetizadas) do que qualitativa (da perspectiva da compreensão leitora).

Para os parâmetros da pesquisa acima, é considerado leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos três meses” e não leitor, “aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses” (PROLIVRO, 2015, p. 21).

Os dados globais de 2015 demonstram que 56% da população brasileira chegaram a ler pelo menos um livro nos últimos três meses. Na edição anterior (2011), o percentual de leitores era de 50%. Houve também incremento do número de livros lido por ano: em 2011 a média era de 4,0 e passou para 4,96 em 2015. Dos entrevistados, 74% afirmaram não ter comprado um único livro nos últimos três meses e 30%, que nunca adquiriram um livro. Do ponto de vista socioeconômico, 63% dos compradores de livros são da classe A, 40% da classe B, 24% da classe C e apenas 13% das classes D .

Na pesquisa, entre as motivações que impulsionam os leitores do Brasil estão: a disposição para a leitura (25%), incremento cultural (19%), motivação religiosa (11%), desenvolvimento pessoal (10%), exigência escolar (7%) e atualização na profissão ou por exigência do trabalho (7%). Como principal obstáculo para o aumento da leitura, os entrevistados informaram a falta de tempo (43%) (PROLIVRO, 2015, p. 21).

No que se refere aos índices de leitura entre os alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º Ano) apresentados pela pesquisa, a edição de 2011 registra que 78% se consideravam leitores e 22%, não leitores; já na última edição (2015), o índice de leitores se elevou a 84% e o de não leitores, declinou a 16%.

A média de livros lidos nos últimos três meses entre os estudantes do Fundamental II também se mostrou baixa. Em 2015 a média de livros lidos (no total) era de 4,91 por aluno; 2,46 a média de livros indicados pela escola; 1,37 a de livros de literatura lidos por vontade própria e 1,15 a de livros literários indicados pelos professores (PROLIVRO, 2015, p. 21).

As primeiras atividades realizadas no âmbito da intervenção desta proposta eram constituídas de coleta de dados entre os alunos (questionário e produção de texto), cujos resultados alcançaram alguma proximidade com os dados da pesquisa do Instituto Pró-Livro, acima apresentada.

No primeiro semestre de 2018, realizamos pesquisa quantitativa com os alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Professor Plínio Ribeiro”. O propósito da investigação era o de sondar o interesse dos alunos pela leitura de obras literárias e, para tanto, constituiu-se de um questionário de 10 itens, sendo oito questões fechadas e duas, de livre resposta. Após a análise e tabulação dos dados, concluiu-se que, dos trinta alunos que responderam ao questionário, 17 (59%) não gostam de ler literatura, pois preferem o acesso às redes sociais e aos jogos de *vídeo game* e internet. Para esses alunos, o livro físico está associado ao velho, é percebido como “coisa do passado” e a leitura, como um hábito maçante. Dos alunos consultados na pesquisa, 13 (41%) acreditam na importância da leitura para o seu desenvolvimento estudantil e pessoal. Perguntados sobre os temas que mais gostam de ler, os alunos indicaram aventura, mistério, suspense, sobrenatural, terror, ficção científica e, com menor frequência, foram citados romances, dramas e temas de fundo religioso.

Além do questionário, os alunos foram incentivados, após longo debate, a produzir uma redação a partir do seguinte questionamento: “Por que é tão difícil despertar o gosto pela leitura?”. A análise das ideias presentes nessas redações contribuiu para aprofundar o resultado da entrevista aplicada na fase inicial da pesquisa. Primeiramente, a maior parte dos entrevistados alegou que as novas tecnologias (principalmente as ligadas à *internet*) são mais atraentes e, segundo eles, não são monótonas, como o hábito de leitura.

A aluna L. A., 13 anos, do 8º Ano, registrou a seguinte opinião:

Os adolescentes de hoje em dia não ler² mais os livros, por causa da *internet*, celular, *tablet* etc. Hoje em dia está tudo mais avançado. Conforme passa o tempo, a tecnologia avança bem mais e os livros vão deixando de existir na vida dos adolescentes.

Outro assunto que domina as redações dos alunos não habituados com a leitura de obras literárias é a justificativa de que as redes sociais são mais importantes que os livros. A aluna R. E. S. N., 13 anos, do 8º Ano, considera que “hoje em dia qualquer coisa é melhor do que ler um livro, ir a festas, eventos ou até mesmo ficar em casa vendo TV, assistindo um filme qualquer”. A aluna B. S. O. M., de 13 anos, do 8º Ano, enfatiza que “os adolescentes preferem algo moderno e os livros são coisa do passado, ainda utilizados”.

Enfim, a opinião desses alunos converge no sentido de que o hábito de leitura de obras literárias não é interessante diante de tantas opções de diversão que a tecnologia recente oferece aos jovens. O livro é visto como velharia, algo que destoa do conjunto formado por *notebook*, *tablet*, *ipod*, redes sociais, aplicativos de comunicação instantânea, *sites* de filmes e jogos e todo o aparato tecnológico que rodeia o cotidiano dos estudantes.

A falta de estímulo por parte dos pais também é considerada quando se fala de ausência do hábito de leitura entre os estudantes. “É difícil despertar o interesse da leitura nos jovens, por causa que muitos pais não apresentam a literatura para o filhos, ou eles apresentam e os filhos ignoram”, afirma o aluno V. F. V. C., do 8º Ano.

Para além de identificar os fatores que desmotivam a leitura, alguns alunos chegaram a apontar meios que poderiam alterar o quadro vigente. A aluna M. P. R., 12 anos, sugere que

[...] os professores ou pais que quiserem acostumar os seus filhos com o hábito de leitura devem descobrir o assunto que mais os atrai, que mais despertam seu interesse de continuar, a saber, sobre aquele assunto e dar a eles a oportunidade de ter um acesso a esses livros, poemas, fábulas, que falem dos seus sentimentos, sua vida, relatos no qual se identificam.

Os poucos alunos que afirmaram ter o hábito de leitura acreditam que “ler é essencial para a vida”. A aluna C. V. A. registrou que “ler é muito importante para

² Os textos dos alunos foram transcritos como estavam no original; os eventuais problemas gramaticais não foram corrigidos e não serão sinalizados, porque não são o foco desta pesquisa.

raciocinarmos melhor” e que “os jovens deviam se preocupar mais em ter o hábito de ler”. As redações dos estudantes que apontaram a importância da leitura colocam-na como um meio para adquirir novos conhecimentos e incentivar a criatividade. Não há menção da leitura e do livro físico como coisas antiquadas por parte dos que leem.

Os alunos que admitem não gostar de ler sequer mencionam a existência do livro digital, suporte que tem sido usado com muita frequência entre os leitores. Em sentido contrário a essa constatação, os alunos afeitos à leitura de obras literárias afirmam que têm feito uso de obras digitais pelos seguintes motivos: a praticidade e o custo, pois certas plataformas digitais disponibilizam livros a custo zero. Nesse contexto, o aplicativo *Kindle* tem desempenhado importante papel na difusão da literatura em novas plataformas tecnológicas.

Entre as obras citadas pelos leitores destacam-se: a saga *Harry Potter*, da escritora britânica J. K. Rowling, *As crônicas de gelo e fogo* (da coleção Guerra dos Tronos), do escritor norte-americano George R. R. Martin; a trilogia *A lenda dos guardiões*, da norte-americana Kathryn Lasky; a trilogia *Jogos vorazes*, *Em chamas* e *A esperança*, da escritora também norte-americana Suzana Collins; a coleção *Convergente*, *Divergente* e *Insurgente*, de Verônica Roth, natural dos Estados Unidos; *As crônicas de Nárnia*, do britânico Clive Staples Lewis; a coleção *Percy Jackson*, do norte-americano Rick Riordan; e o romance *A culpa é das estrelas*, de John Green, dos Estados Unidos. Percebe-se então o total predomínio da literatura americana ou inglesa, esse fato acontece pela exposição dos alunos aos meios midiáticos e a ideia de que o que o faz parte de outra cultura é sempre melhor que o nossa.

De origem brasileira foram mencionados apenas uma vez os livros *Entre deuses e monstros*, de Lia Neiva; *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira; e uma obra de cunho religioso: *Ágape*, do padre Marcelo Rossi. Fica evidente o distanciamento dos entrevistados em relação aos escritores brasileiros, especialmente dos que se encontram no cânone literário, a exemplo de Machado de Assis, José de Alencar, Mário de Andrade, Lima Barreto, Clarice Lispector entre outros. Nesse contexto, é necessário ressaltar que as políticas públicas voltadas para as bibliotecas escolares, em especial o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, não disponibiliza os títulos que estão em voga no meio estudantil. Outros aspectos a destacar são: a ausência de aulas totalmente voltadas para a literatura (na carga horária da disciplina de Língua Portuguesa, o professor se esforça para ensinar gramática, interpretação e produção de texto e literatura). A formação leitora dos alunos é realizada na escola, mas como o

tempo para a discussão sobre literatura é restrito, os alunos acabam trocando apenas entre si livros e experiência de leitura.

A partir da análise das informações disponibilizadas pelos alunos participantes, percebeu-se a necessidade de esboçar uma proposta de intervenção que permita: a começar do interesse dos estudantes por obras ligadas à literatura fantástica, ampliar o horizonte literário dos alunos, promovendo a leitura de outros autores que escrevem o mesmo gênero; desenvolver mecanismos e métodos diferenciados que incentivem a leitura; explorar a existência da literatura fantástica entre os escritores brasileiros, em especial Machado de Assis, a partir do conto “O espelho”.

Além da pesquisa entre os discentes da turma onde foi executada a intervenção, no segundo semestre de 2018 realizamos pesquisa quantitativa nos registros de empréstimo da Biblioteca Escolar “Prof. Pedro Santana”.³ Ao acessar os registros do setor notamos que havia grande desfalque de livros no acervo, pois alguns usuários não devolvem os livros tomados em empréstimos.⁴ Outro problema que detectamos é que o governo estadual não disponibiliza profissionais com formação em biblioteconomia para as escolas, ficando a organização e o funcionamento das bibliotecas escolares a cargo de professores afastados da sala de aula por motivos de saúde.

Tomando como parâmetro o estabelecido pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, buscamos, por meio do registro de empréstimos de livros, realizar a tabulação dos dados referentes aos alunos da turma com a qual foi realizada a intervenção. De acordo com os registros feitos entre agosto e dezembro de 2018, dos 34 alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental II, 8 (23%) não fizeram empréstimos a biblioteca porque não gostam de ler, sendo, portanto considerados não leitores; já 26 alunos (67%) podem ser considerados leitores, pois leram pelo menos um livro nos últimos três meses.

Os dados até aqui apresentados demonstram que a inserção da leitura entre os hábitos dos brasileiros ainda tem muitos desafios pela frente. E, no âmbito da escola de nível fundamental, também será necessária a implementação ou reforço de políticas públicas e novas metodologias de ensino que possam estimular a leitura, notadamente a de obras literárias.

³ Segundo a Federação Internacional de Bibliotecas, a biblioteca escolar tem como missão “promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação em todos os formatos e meios” (DUARTE; PAIVA, 2016, p. 91).

⁴ Diante dessa escassez de livros, foi necessária a realização de uma campanha de mobilização intitulada “Ajude a Biblioteca”; o projeto mobilizou toda a escola, e foram arrecadados 236 livros literários, que, depois de registrados, foram incorporados ao acervo, ampliando assim a diversidade de temas que possam interessar aos alunos.

A formação de leitores literários não se restringe à indicação e/ou aquisição de livros. Esse processo para que se forme um leitor profícuo é muito mais complexo, pois envolve vários aspectos. O livro por si só não permite que se desenvolva e se aprimore a capacidade de leitura. É necessário que o aluno tenha a percepção de que o livro é um artefato cultural e atribua a este outras significações.

No âmbito da escola é corriqueiro notar que os alunos não leem, ausência esta que se reflete principalmente no convívio familiar. Mas vale ressaltar que, entre a prática da leitura de textos literários e o ensino de literatura, existem diferenças. Do ponto de vista didático, as práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula pelo professor estão voltadas preferencialmente para propósitos que não coadunam com as do letramento literário. Nesse sentido, até mesmo a organização dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II direciona parte considerável do texto inicial de cada capítulo (geralmente excerto de uma obra literária) para atividades cujos propósitos são bastante discordantes dos que estão recomendados pelo letramento literário.

Nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio,⁵ a forma de organização dos conteúdos (subdivida em três áreas, a saber: Literatura, Gramática e Leitura e produção de textos) demonstra que o aluno é conduzido ao estudo das “grandes escolas literárias”, no qual são estudados trechos de obras, características das escolas e contexto histórico delas e seus respectivos autores.

A partir do embasamento teórico concernente à literatura e da observação das metodologias utilizadas pelos professores, foi possível notar que a Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro ainda não faz uso de estratégias que privilegiem o trabalho com o texto literário. Em decorrência disso, temos graves deficiências na formação de leitores. É importante ressaltar que tal situação não deve ser única e exclusivamente atribuída ao professor, pois a adoção de novas práticas exige a disponibilidade de recursos técnicos e didáticos. Como promover mudanças, se a escola não permite a aquisição de livros que atendam ao interesse dos alunos? A exígua carga horária do professor em sala de aula permite uma discussão mais ampla dos temas pertinentes às obras literárias? De modo geral, a literatura se resume à indicação pura e simples de algumas obras do cânone, citadas durante as aulas. Depois de apresentados os aspectos relacionados ao ensino de literatura em sala de aula, os alunos organizam-se em equipes

⁵ A partir das resenhas dos livros de Língua Portuguesa oferecidos pelo PNLD de 2018, constatamos a divisão das obras em Gramática, Literatura e Produção e Interpretação de Textos (BRASIL, 2017c).

e realizam seminários para a apresentação de um resumo da obra escolhida por eles ou indicada pelo professor.

No livro denominado *o Ensino de literatura e a leitura de literatura*, Neide Luzia de Rezende (2013) afirma que o ensino da literatura ainda é dominado pela história da literatura, sendo que:

[...] [a história da literatura] centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas. O livro didático é o maior bastião desta perspectiva, tendo da história uma visão muito particular, com resíduos nada desprezíveis do positivismo do século passado e do anterior, acrescido de uma visada marxista (REZENDE, 2013, p. 101).

Sabemos que tal metodologia promove essencialmente o conhecimento do percurso da literatura através de sua história, resultando em um distanciamento do aluno frente aos textos literários propriamente ditos. Por isso, é preciso que o docente reflita sobre a sua prática profissional no que tange ao ensino da literatura, e, em especial, que medite sobre as práticas de leitura empregadas no âmbito do espaço escolar e se tais práticas têm contribuído de fato para o desenvolvimento da formação literária do aluno.

Primeiramente, o professor precisa reavaliar o papel da literatura para a formação do aluno, dando a este autonomia para escolher o que deseja ler. De acordo com Aguiar,

A escola precisa abrigar múltiplas formas de aproximação entre sujeitos e livros, com oferta livre de tipos de textos, de diferentes linguagens, de atividades de leitura individual e coletiva, dando o livre arbítrio para que o aluno escolha o tipo de texto que deseja ler (AGUIAR, 2006, p. 254).

A metodologia a ser empregada em sala de aula deve considerar a literatura a partir do desenvolvimento global do aluno, levando também em conta a realidade social dele, o contexto atual da produção literária e as obras que têm chamado atenção dos alunos. A partir desses elementos, o professor poderá adotar variadas estratégias de leitura e compreensão de texto, tomando como base inicial os tipos de obra pelos quais os alunos demonstram interesse. Partindo do gênero presente nas obras que os alunos gostam de ler, na proposta de intervenção buscamos aproximá-los do fantástico, que também se faz presente no cânone literário.

Sobre a relação entre texto e leitor, o historiador Roger Chartier (1999) assevera que o leitor produz sentidos a partir daquilo que lê; e, para que isso aconteça, ele faz uso de convenções, normas, regras, símbolos e códigos de leitura que são perceptíveis e compartilhados com os demais leitores. Os interesses e inclinações voltados para determinados estilos são desdobramento do pertencimento do leitor ao seu grupo social e evidentemente revelam seu gosto por determinados estilos de texto. Nesse sentido, Chartier informa que cada leitor tem suas próprias especificidades e história de vida, mas que as “apropriações”⁶ estão vinculadas a determinadas “condições historicamente variáveis e socialmente desiguais” (CHARTIER, 1999, p. 13). E, dessa forma – prossegue o mencionado autor –, os atributos sociais e culturais acabam por gerar as particularidades de cada gênero, daí advindo os diferentes impulsos e motivações que levam alunos e alunas a desenvolverem a prática da leitura.

A leitura dos alunos está ligada a um tipo de literatura comum nos meios juvenis, que é uma literatura de massa e que versa sobre super-heróis, mundos fantásticos e distopias; é a literatura que logo se transforma em filmes, bem ao gosto dos estudantes. A escola, no entanto, não explora essa literatura, de forma a torná-la o ponto de partida para um contato mais frutífero com o cânone literário.

O estudioso italiano Italo Calvino ressalta que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1999, p. 11). A leitura dos clássicos não deve ser abandonada, e, muito pelo contrário, é importante que ela seja estimulada e praticada. Nos tempos atuais, a questão que mais preocupa o professor é a busca de meios viáveis que levem o aluno a ler o cânone sem que seja por meio da imposição e dos cansativos seminários de literatura em sala de aula. É preciso pensar metodologias que aproximem o aluno do texto e que permitam a exploração dos temas inerentes à obra. Italo Calvino assinala que o engrandecimento advindo da leitura de clássicos provém dos livros que “chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (p. 11).

A leitura enquanto prática está presente nos mais variados *locus* de sociabilidade, sendo a escola o principal espaço para o seu desenvolvimento. É principalmente na sala de aula que se desenvolvem práticas diversas com a leitura de cunho literário. É na

⁶ Sobre a definição de apropriação, Chartier (1999, pp. 66-67) assinala que “apropriar-se é estabelecer a propriedade sobre algo [...] o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos”.

escola que a literatura tem maior espaço e relevância, estando presente em todo o percurso do processo de escolarização, podendo ou não proporcionar a evolução da capacidade leitora dos alunos.

Em estudo intitulado *A escolarização da literatura infantil e juvenil*, Magda Soares afirma que

Não há como se ter escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes: o surgimento da escola está indissociavelmente ligado à constituição de “saberes escolares”, que se corporificam e se formalizam em currículos, matérias e disciplinas, programas, metodologias, tudo isso exigido pela invenção, responsável pela criação da escola, de um espaço de ensino e de um tempo de aprendizagem (SOARES, 2006, p. 20).

A escolarização da literatura está ancorada nas opções metodológicas do professor, ou seja, a eficiência ou não da aprendizagem da literatura depende em muito do aporte de que o docente lança mão para promover as habilidades e competências vinculadas a esse saber. Rildo Cosson, no livro *Letramento literário: teoria e prática*, afirma que “a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2016, p. 23). Escapando ao que o autor chama de *conteudismo*, a literatura deve, fundamentalmente, ser “organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar” (p. 23).

O professor em sua prática deve avaliar como a literatura vem sendo escolarizada, buscando perceber se ela tem sido favorável ou não ao desenvolvimento da leitura no aluno. Nesse sentido, muito antes de traçar a intervenção aqui proposta, foi possível notar que a literatura passa “de raspão” pelo processo de escolarização, ou seja, ela só tem servido de suporte para o estudo da gramática. Não se explora em maior profundidade a literatura para a melhoria da capacidade leitora do aluno. Os estudiosos sobre o tema convergem quando afirmam que a literatura deve ser escolarizada de maneira pertinente, devendo-se, para isso, elaborar e executar metodologias e estratégias que efetivamente permitam a constituição de novos leitores.

A principal crítica em relação às metodologias de leitura literária é que elas, em sua maioria, estão desvinculadas da realidade social e cultural do aluno. Esse distanciamento faz com que o estudante não crie simpatia e interesse pela leitura. O professor não deve condenar ou desmerecer o gosto literário do aluno, muito pelo

contrário. Valorizando o interesse do aluno por determinado gênero, o professor deve explorar essas afinidades para vincular a elas outros estilos, de forma a levar o aluno a sentir interesse em ler outras obras.

Apesar de a escola ser o principal espaço para a formação do leitor, não podemos atribuir somente a ela essa função. Nesse sentido, a família constitui, juntamente com aquela, uma instituição que dispõe de inúmeros subsídios que possibilitam a formação leitora. Nas palavras de Charmeux, no âmbito do convívio familiar:

É preciso que não se esqueça de passar para as crianças a importância, de descobrir, através do comportamento de seus pais, que a leitura pode vir a ser uma distração, um prazer, uma oportunidade de descontração, não uma ocasião de trocas e comentários. Se a criança nunca viu seus pais, que ela ama e admira, tirarem prazer da leitura, ela terá, sem dúvida, mais dificuldade para encontrar, ela mesma, este prazer (CHARMEUX, 1997, p. 117 *apud* PERIN, 2009, p. 29).

Por mais que a prática de leitura possa ser incentivada pelos pais, sabemos que a esmagadora maioria destes não tem o hábito de leitura. Charmeux ressalta a importância da criação do hábito de leitura na família, apesar de desconsiderar que na leitura por prazer e descontração não caiba trocas de interpretações e comentários. No processo de letramento é fundamental a troca de experiências literárias e rodas de conversa. Há, certamente, mais dificuldade para a criança que não presencia em casa a leitura, mas como educadores e formadores de leitores temos que acreditar ser possível que apesar de todas as dificuldades, podemos despertar o gosto pela leitura. Muitas vezes, por problemas de ordem social e econômica das famílias, tais “como má distribuição de renda, déficits de escolarização, falta de recursos materiais e humanos nas escolas, falta de bibliotecas, de acesso à informática e à Internet, entre outros” (RIBEIRO, 2003, p. 11). Tais aspectos também estão presentes no dia a dia dos alunos participantes da intervenção proposta. Os textos produzidos, as entrevistas e os debates realizados em sala de aula apontam para as mesmas dificuldades enfrentadas por alunos de escolas públicas do país.

As novas abordagens do ensino não devem focar a leitura como uma prática exclusivamente centrada no espaço escolar, devendo existir a expansão dessa prática, criando novas oportunidades de aprendizagem, a escola precisa criar mecanismos diferenciados, indo além da literatura como mera exigência curricular. O professor deve redimensionar a literatura a partir do interesse do aluno, e não apenas impor a leitura de

algum livro sem que ocorra a participação da turma na escolha. É possível, a partir do mapeamento do gosto de leitura dos alunos, construir projetos que possam introduzir no universo deles autores e gêneros diferenciados. Também é preciso que se elaborem projetos que envolvam outras disciplinas, tais como Arte, História, Língua Inglesa, entre outras. Além disso, a escola deve pensar em projetos que possam envolver toda a comunidade.

Dessa forma, os projetos devem integrar a prática de leitura dos alunos às suas próprias vivências e visões de mundo; a partir dessa articulação, será possível ao estudante leitor identificar e analisar os múltiplos sentidos presentes no texto literário. Ao conduzir o aprendizado da literatura por meio dessa metodologia, a escola viabilizará que o aluno sinta-se mais atraído pelo andamento das aulas, o que fará com que seu conhecimento nas aulas de literatura seja ampliado significativamente. Sendo assim, a escola precisa diversificar práticas pedagógicas que permitam ao aluno vislumbrar a leitura como atividade prazerosa e ao mesmo tempo fator de crescimento intelectual e humano.

É preciso ir além da leitura silenciosa ou em voz alta, superar a leitura de trechos fragmentados, não focar apenas os aspectos históricos e cronológicos das obras literárias, enfim, a escola em seu projeto de formação de leitores precisa redimensionar a literatura por meio de novas práticas. Ângela Kleiman afirma que “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto” (KLEIMAN, 1995, p. 24).

1.3 – A leitura literária como prática social

A leitura é um dos mais importantes sustentáculos do processo de ensino-aprendizagem, pois favorece o desenvolvimento de habilidades ligadas à criticidade e ao desenvolvimento de ideias concernentes aos mais diversos aspectos da sociedade. A leitura traz muitos benefícios a quem a pratica, pois desenvolve e aumenta a capacidade de argumentação, propicia o senso crítico, ajuda a motivar a criatividade, aumenta o vocabulário, e, portanto, facilita a melhoria da escrita. É importante ressaltar que a leitura de que se trata aqui não é apenas a decodificação de palavras escritas, mas a percepção das particularidades presentes em todo o texto. Nas palavras da estudiosa Joseane Maia, “a leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do

indivíduo, mas também ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político” (MAIA, 2007, p. 29).

Assim, o professor não pode restringir a leitura apenas ao seu aspecto linguístico, pois ela possui características de ordem social e cultural que precisam ser exploradas. O aluno precisa sentir a experiência da leitura como prática ligada ao mundo da cultura e da sociedade; isso significa que deve haver um melhor desempenho no diálogo entre texto e leitor. A leitura de diversos textos deve possibilitar ao discente o emprego de diferentes estratégias que o auxiliem na percepção e compreensão do texto. É fundamental que o leitor se mantenha plenamente enredado na leitura, fazendo-a relevante para si mesmo. Nesse sentido, é primordial que esse instante comece com a mediação do docente, ao sugerir um novo método de leitura que estimule a curiosidade e o entusiasmo do aluno pelo texto.

Em estudo intitulado *Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia*, os estudiosos Joanne Busnardo e Denise Bértoli Braga assinalam que:

Uma parte da leitura crítica deveria incluir a exposição a situações diferentes de leitura (desde situações institucionais a situações de lazer), para capacitar os alunos na identificação de graus diferentes de liberdade de leitura associados a cada situação e para desenvolver flexibilidade no leitor (BUSNARDO; BRAGA, 2000, p. 111).

Ao auxiliar o aluno a reconhecer a importância do desenvolvimento de diferentes graus de leitura, os autores consideram que existirá a formação de uma identidade leitora e que a função do professor é “desmascarar” os pressupostos ideológicos presentes no texto.

Uma parte fundamental da atividade em sala de aula seria o desmascaramento de pressupostos ideológicos – pressupostos dos alunos, do texto e do próprio professor. Interpretações finais, por sua vez, podem ser negociadas ou podem ser preservadas as posições conflitantes. Mas o que não se pode deixar de fazer, a nosso ver, é alertar os alunos à possível funcionalidade da materialidade textual. Acreditamos que aqueles que ignoram por completo a importância de ensinar língua, organização textual e convenções discursivas estão, indiretamente, incapacitando os seus alunos, deixando invisíveis, a seus olhos, evidências que seriam importantes na interpretação do “outro” textual e a possível identificação do lugar desse “outro” na estrutura vigente (BUSNARDO; BRAGA, 2000, p. 112).

A aprendizagem da leitura contribuiu significativamente para a construção de conhecimentos por parte dos alunos. Por meio da leitura é possível fomentar a inteligência, e, para que isso se torne efetivo, o professor deve disponibilizar variados tipos de texto, seguidos de atividades diversificadas que privilegiem a leitura do texto genuíno e o intercâmbio de sentidos e ideais entre os membros do grupo.

A escola não deve restringir sua função em ensinar a ler e escrever. Talvez o maior desafio seja o de dotar seus alunos de competências e habilidades que lhes permita fazer uso eficiente da leitura e escrita em sua prática social. Para que o aluno alcance êxito no desenvolvimento de suas capacidades de leitura e escrita, torna-se condição *sine qua non* que ele tenha contato com variados suportes de textos.

A atividade leitora é em essência social justamente pelo fato de constituir-se por meio de um aprendizado cujo resultado vai se construindo ao longo de toda a trajetória do leitor, passando pela escolaridade e também pela maturidade enquanto indivíduo (SILVA; TURCHI, 2006, p. 22). Por isso, é preciso redimensionar o papel da leitura, recuperando a sua extensão social, uma vez que, ao fazer uso competente da leitura, o indivíduo alcançaria um dos mais importantes mecanismos de inserção social.

Na medida em que a escola, na figura do professor, comece a resgatar a dimensão lúdica e prazerosa da leitura, através de diferentes modalidades e da diversidade dos gêneros e dos suportes multimídiais de leitura, passando a apresentar formas criativas de promoção da leitura – a criação ou dinamização de bibliotecas e salas de leitura nas escolas – ela estará incorporando, enfim, a leitura como uma prática social. Essa mudança implica expandir seus domínios e associá-la a diferentes formas de inserção do indivíduo na sociedade, uma vez que ler é mais do que decifrar o código de uma língua (SILVA; TURCHI, 2006, p. 85).

Daí porque, na contemporaneidade, a leitura é considerada um artefato essencial na formação sociocultural do indivíduo. Não obstante, é perceptível que a prática educativa por meio da leitura tem sido deixada apenas sob a responsabilidade dos professores, então novas propostas de ensino estão sendo difundidas.

Em *Letramento literário: teoria e prática*, Rildo Cosson (2016) aponta para uma abordagem inovadora ao propor uma literatura lastreada por novas metodologias. Deve-se focalizar o trabalho em práticas literárias na leitura completa dos textos, e não apenas na de informações esparsas e fragmentadas, nem tão pouco na de um mero apanhado de dados históricos que contextualizam o autor e a obra estudada. Para isso, a escola precisa dispor de múltiplos mecanismos – tais como música, teatro, artes plásticas,

divulgação, painéis, exposições etc. – que proporcionem a disseminação da prática da leitura, não podendo tomar as obras de maneira isolada. Não se deve também abandonar o cânone, pois, como afirma Cosson,

[...] este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos (COSSON, 2016, p. 34).

Os usos a serem feitos do texto literário na escola devem, como já dissemos, estar intimamente ligados à formação do leitor. Isso porque a constituição da competência leitora do indivíduo vai se construindo aos poucos, começando por leituras elementares até alcançar as mais difíceis. Esse percurso de maturação do texto literário, independentemente do gênero, é capaz de viabilizar a independência leitora do aluno e o alargamento de sua visão de mundo, novas percepções e experiências de vida, o afloramento e amadurecimento da imaginação, ampliação dos conhecimentos relacionados à prática da leitura e o emprego adequado dos símbolos verbais e visuais, tendo como efeito uma formação leitora mais crítica.

Nesse processo, o professor deve ir além do ensino da leitura e escrita. É preciso estimular o aluno a realmente compreender o que lê. A apreensão do lido é o primeiro passo para a formação de um leitor crítico. Nas palavras de Silva:

Ensinar a ler criticamente significa, antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade, os dois lados de uma mesma moeda, ou se quiser, os múltiplos lugares ideológicos – discursivos que orientam as vozes dos escritores nos seus textos (SILVA, 1998, p. 30).

O desenvolvimento da capacidade de leitura consiste em uma função social efetivada a partir de uma relação recíproca entre leitor e processos intelectivos articulados à construção dos mecanismos de decodificação e compreensão. A personalidade do sujeito também pode florescer a partir da aquisição das competências e habilidades intrínsecas à leitura, transformando a atividade antes vista como mero protocolo escolar em hábito naturalmente estimado pelos alunos.

Em obra sobre as estratégias de formação do jovem leitor, a estudiosa Maria Salete Daros de Souza afirma que:

A leitura também contribui para a formação do ser humano, uma vez que oferece assuntos para reflexão e experiências que possibilitam o despertar das emoções e estabelecimento de parâmetros, desencadeando a auto compreensão e a compreensão do mundo (SOUZA, 1998, p. 17).

A compreensão da relevância do uso de estratégias de leitura pelo aluno auxilia no entendimento do texto e avança à medida que a leitura progride. É fundamental que o leitor se mantenha plenamente envolvido na leitura, tornando-a relevante para si mesmo.

No âmbito do fomento da leitura, constata-se, em geral, que o objetivo é oportunizar ao educando a expectativa de leituras diversas, como a de bula de remédio, revistas, jornais, receita culinária, receituário médico, *outdoor*, anúncios de emprego, isto é, aproximando a atividade de leitura na escola do cotidiano dos alunos, uma vez que a sociedade faz uso pleno da escrita como linguagem oficial de comunicação. Assim, a prática da leitura consiste em um instrumento imprescindível para a satisfatória formação humana. No que concerne a essa assertiva, Maia afirma que “ler é tomada de consciência, ler é um ato libertador, ler é um instrumento de luta, ler é uma forma de conhecimento sobre a realidade” (MAIA, 2007, p. 42).

Desde o nascimento o ser humano passa a interagir em diferentes grupos sociais e frequenta variados espaços de sociabilidade, a partir dos quais agrega experiências que vão desembocar na sua vivência e maturidade escolar.

A leitura realizada no âmbito da escola tem como objetivo o aproveitamento rápido de textos de diversos gêneros e a categorização desses textos de acordo com a sua forma e conteúdo. As discussões relativas aos textos durante os debates, a troca de experiências e interpretações coletivas precisam ser consideradas pelo docente, pois caso contrário, há um empobrecimento da interação entre aluno e hábito de leitura. Deve-se, para além disso, dar ênfase às vivências experienciadas pelos alunos ao longo da leitura, e não à quantidade de livros e/ou qualidade do material didático utilizado. É preciso valorizar as impressões, os pontos de vista, a multiplicidade de opiniões sobre determinado aspecto observado no texto e as convergências e divergências nos debates em grupo; devem ser evitados o enfoque meramente cronológico e histórico das obras, e a leitura desconexa dos textos.

O aluno precisa desenvolver competências e habilidades a partir do diálogo com o texto, e, à medida que vai atingindo maturidade leitora, ele vai sendo capaz de

compreender textos de forma mais significativa. Segundo Isabel Solé assinala, o ensino de leitura proporciona a interação relevante e funcional da criança com a língua escrita, como mecanismo de construção dos conhecimentos indispensáveis para desenvolver os variados níveis da sua aprendizagem (SOLE, 1998, p. 62).

1.4 – A formação do leitor literário na escola

A apreciação da leitura literária está associada a diferentes fatores que propiciam seu desenvolvimento: o incentivo desde a tenra idade, a observação de exemplos de leitores na família, o hábito de contar histórias e finalmente a intervenção da escola e do professor, que com sua prática pedagógica ampliará o gosto e conhecimento por outras obras.

Ao considerar tais evidências, a escola desempenha um papel significativo, por meio do qual não ensina apenas a decodificar letras, mas também entender as múltiplas significações que um texto pode desempenhar. Pelo menos deveria ser esse seu papel, mas percebemos que a “escolarização inadequada” acaba por deformar o leitor ou afastá-lo do texto, às vezes, definitivamente. Literatura e escola são duas instituições e é como tal que também estão em constante interação. No entanto, o que se tem percebido na maioria dos casos é certo desarranjo/descompasso entre a literatura e o trabalho docente. Nesse sentido, Ivete Lara Walty enfatiza que “não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplada a regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras” (WALTY, 2011, p. 51).

Então, qual deveria ser o papel da escola na formação do leitor? Seria o de transformar, orientar e instigar os alunos a produzir sentidos, dialogar com o texto, seus intertextos e contexto. Será que a escola tem contribuído para a formação desse tipo de leitor? Nesse sentido, entendemos que cabe ao professor oportunizar aos alunos contato com os mais variados estilos de texto.

Um aspecto importante a observar é que a formação de leitores não deve ficar restrita ao ensino da leitura, pois existe uma grande diferença entre o uso concreto da leitura enquanto tecnologia e o emprego profícuo das competências e habilidades da atividade leitora. Na perspectiva do letramento,⁷ considera-se que a leitura deve

⁷ A respeito do conceito de letramento, Soares afirma: “Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento, e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa

ocasionar reações transformadoras no aluno, que, para além da busca por informações no texto, também deve ser capaz de dialogar com ele e interpretá-lo. Esse último aspecto é o que mais contribui para o desenvolvimento intelectual e cultural do leitor.

Para ser possível levar a escola nesse caminho, primeiramente é necessário considerar as políticas públicas direcionadas à ampliação do acesso ao livro no país, uma vez que somente a partir de tais ações é que será ampliado o acervo das bibliotecas públicas e escolares; será possível a criação de projetos inovadores que estimulem a leitura; incentivo à formação de profissionais ligados à biblioteconomia; a modernização das bibliotecas etc. Por meio da execução de tais políticas, pode-se chegar à melhoria do acesso ao livro e, com ela, à aproximação entre leitor e livro.

Conforme o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL),

A leitura e a escrita são encaradas aqui como práticas essencialmente sociais e culturais, expressão da multiplicidade de visões de mundo, esforço de interpretação que se reporta a amplos contextos; a leitura e a escrita são duas faces diferentes, mas inseparáveis, de um mesmo fenômeno (BRASIL, 2017b, p. 18).

Ou seja, as políticas públicas direcionadas à leitura consideram que é importante a promoção da leitura para a formação de uma sociedade mais inclusiva e cidadã. Ainda de acordo com o PNLL,

[...] a leitura e a escrita constituem elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania; são direitos de todos, constituindo condição necessária para que possam exercer seus direitos fundamentais, viver uma vida digna e contribuir na construção de uma sociedade mais justa (BRASIL, 2017c, p. 22).

Além disso, é muito importante que o texto literário, e da mesma maneira a leitura, tenha um lugar de destaque dentro da escola – mais especificamente nas aulas de Língua Portuguesa –, de forma que o ensino da literatura possa situar os alunos no interior de uma comunidade, mas que ao mesmo tempo possa dotá-los desse papel humanizador que a literatura tem. Por isso consideramos imprescindível que o professor reavalie o seu trabalho com textos literários, de forma que possa atrair a atenção dos alunos, despertando o interesse deles pela leitura literária.

socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 1998, pp. 39-40).

No que se refere à adoção de novas metodologias no uso da literatura em sala de aula, Graça Paulino assevera que:

As motivações para a leitura literária teriam que ultrapassar esse contexto de urgência e ser encaradas em nível cultural mais amplo que o escolar, para que se relacionem à cidadania crítica e criativa, à vida social, ao cotidiano, tornando-se um letramento literário de fato, ao compor a vida cotidiana da maioria dos indivíduos (PAULINO, 2008, p. 65).

Entretanto, por todo o já dito, é extremamente difícil para a escola – dentro do atual contexto – formar leitores e simpatizantes de textos literários. Para que esse quadro seja alterado é imprescindível que a escola faça difundir e circular o texto literário em sua plenitude, permitindo de forma democrática o acesso a ele e nos mais variados suportes. Além disso, para que ocorra essa mudança na percepção do texto literário é preciso difundir novas bibliotecas (fixas, volantes etc.), espaços e projetos de leitura e promover a aproximação da literatura com as outras artes, tais como cinema, teatro, artes plásticas, fotografia, dança, música etc. Essas medidas de incentivo devem também manter ligação direta com o espaço escolar, de forma que o aluno se sinta atraído pela leitura a partir de tais inovações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo Ministério da Educação – MEC, ao tratarem da formação leitora no Ensino Fundamental II, assinalam que

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1998, p. 27).

Ainda segundo o documento citado acima, os gêneros literários contribuem para o desenvolvimento do letramento literário. Os PCN preconizam que o ensino contemple “também a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura” (BRASIL, 1998, p. 26). Compreende-se, portanto, que o letramento literário expande a visão e a assimilação de outras práticas leitoras sociais e pode também contribuir para a apropriação de outras práticas associadas à leitura.

Os efeitos ocasionados pela prática de leitura serão considerados quando houver um contato do gênero e do tema com a curiosidade do leitor, colaborando para um crescimento satisfatório de seu processo de ensino-aprendizagem. Destaca-se que o conhecimento só será plenamente construído a partir do momento em que a leitura se tornar o cerne do interesse do leitor. Para tal, o hábito de ler não deve ser imposto, mas sim, motivado de forma que o aluno busque, a partir da leitura, aprender e dominar o conhecimento presente na obra.

No que concerne ao interesse dos alunos pela literatura, o documento intitulado Orientações Curriculares para o Ensino Médio salienta que:

Formar para o gosto literário, conhecer a tradição literária local e oferecer instrumentos para uma penetração mais aguda nas obras – tradicionalmente objetivos da escola em relação à literatura – decerto supõem percorrer o arco que vai do leitor vítima ao leitor crítico. Tais objetivos são, portanto, inteiramente pertinentes e inquestionáveis, mas questionados devem ser os métodos que têm sido utilizados para esses fins (BRASIL, 2006, p. 69).

Dessa forma, postula-se a necessidade de uma escolha bastante criteriosa dos títulos a serem lidos pelos alunos, fazendo a divisão entre textos literários e não literários, e, nesse processo, a mediação do professor é fundamental, cabendo a ele fazer sugestões ao aluno-leitor.

De acordo com o documento oficial acima citado, cabe ao docente

[...] levar o jovem à leitura de obras diferentes desse padrão – sejam obras da tradição literária, sejam obras recentes, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético –, capazes de propiciar uma fruição mais apurada, mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo. E é bom lembrar que nem sempre a leitura literária, como experiência estética, flui de modo espontâneo. Há pontos de resistência no aluno-leitor (seu repertório, os lugares-comuns em que se assenta sua experiência de leitor), como há tensões de difícil desvendamento em certos textos, especialmente o poético (BRASIL, 2006, p. 70).

A formação do aluno leitor de textos literários é uma temática largamente debatida por estudiosos da área, e, em meio a tais discussões, os especialistas afirmam a necessidade de pensar e executar um letramento literário que conduza o aluno à leitura literária e a identificar a importância do cânone para a sua formação e para seu

desenvolvimento intelectual. Além da importância destacada, vale ressaltar que um leitor competente conseguirá expor suas ideias com muito mais clareza.

A partir da leitura de diversificados gêneros literários e da exploração dos aspectos de cada um deles, será possível perceber melhoria considerável na capacidade argumentativa, na escrita e na fala dos alunos leitores. Além disso, o hábito de leitura propicia ao aluno a evolução da criatividade e também da verve crítica, características estas que contribuem para a execução de outras atividades. Já se sabe que alcançar tais propósitos não é tarefa fácil, mas acreditamos que, a partir de um trabalho constante, amparado por ampla e diversificada gama de textos literários e por novas formas de tratá-los em sala, será possível empreender intervenções que possam tornar o aluno um leitor proficiente de literatura.

1.5 – Características da mediação da leitura literária

A motivação para a leitura talvez seja o primeiro elemento a ser considerado no processo de formação dos leitores. Os aspectos motivacionais estão diretamente ligados à formação leitora dos docentes e aos métodos e estratégias que são utilizados com o propósito de desenvolver o interesse e o hábito de leitura.

O grande desafio do professor está, como já dissemos, em fazer com que o aluno se interesse pela leitura, de forma que ela se torne prazerosa e capaz de contribuir para a sua aprendizagem. No entanto, a escola há muito tempo tende a colocar a leitura como mera obrigação e requisito para a obtenção de notas. Nesse contexto, os alunos não conseguem trilhar o percurso do letramento literário, pois apenas leem automaticamente as obras literárias que são frequentemente exigidas em avaliações e processos seletivos para acesso ao ensino superior. Além disso, ainda se faz uso de metodologias há muito superadas, a exemplo da leitura do livro com o preenchimento da ficha de interpretação, a escrita de resumos e o famigerado seminário, em que, além de apresentarem cartazes, os alunos explicam cada capítulo do livro.

Podemos acrescentar a essas especificidades da literatura em sala de aula outro aspecto – de maiores dimensões – que é a mudança pela qual a sociedade vem passando, na qual a escola vem deixando de ser o principal *locus* difusor do conhecimento; por ter sido esvaziado o seu prestígio e autoridade, a escola vem perdendo lugar para outras tecnologias e formas de aprendizagem capazes de gerar conhecimento. Segundo Lígia Cademartori:

A escola pública brasileira já foi lugar de eficiente difusão de conhecimentos, que os mais pobres só poderiam adquirir por meio dela. Há muito, porém, deixou de sê-lo. Perdeu prestígio, com a queda dos tradicionais padrões de autoridade, e com a transferência da abundância simbólica para os meios de massa (CADEMARTORI, 2012, p. 63).

Diante do contexto acima deslindado, vê-se que a prática de leitura literária precisa ser redimensionada dentro da sala de aula uma vez que, como já dissemos, desde que abordada de maneira inovadora e instigante, a literatura pode desenvolver nos alunos o senso crítico e criativo, além de expandir sua visão de mundo, para, dessa forma, possibilitar a produção de novos conhecimentos. Para tanto, a leitura literária precisa ser inserida no cotidiano dos alunos, fazendo com que ela se torne parte integrante da formação deles. Ao tornar a literatura objeto de interesse dos alunos, eles poderão construir múltiplos sentidos a partir das leituras realizadas.

O papel desempenhado pelo professor no desenvolvimento de um contexto de leitura envolvente, que leve ao letramento literário, é fundamental, pois, ao atuar como mediador, o docente vai proporcionar o contato do aluno com o texto literário, instigando-o a observar os aspectos narrativos e estéticos de cada texto. Só que, para isso, o professor-mediador deve necessariamente ter apreço pela literatura. Segundo Michèle Petit: “Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 160).

Por outro lado, para que o professor alcance êxito nessa empreitada, é preciso que ele se desfaça da tradicional imagem de que é detentor do conhecimento em sala de aula e adote uma postura mais dialógica, permitindo o livre debate de ideias e aspectos ligados ao texto.

Michèle Petit (2008) afirma que é essencial o papel do professor-mediador como indicador dos livros, isto é, como o encarregado de principiar a leitura, reconhecê-la, assim como demonstrar interesse em acompanhar o leitor ao longo de seu percurso formativo. Além disso, como as trajetórias de leitura literária construídas pelos alunos são várias e descontínuas, cabe ao professor incentivar o prosseguimento para as etapas seguintes, oportunizando conhecimento de outras obras literárias. Dessa forma, para que essa mediação tenha efetividade, é preciso que o professor seja muito mais que um amante da literatura, é preciso que ele tenha habilidade suficiente para mediar a leitura e propiciar abordagens e métodos diversificados para a exploração dos textos lidos.

1.6 – O letramento literário e o ensino da literatura

Como vimos discutindo, um dos principais desafios do professor em sala de aula é o de proporcionar aos alunos o interesse pela leitura. O professor precisa ao mesmo tempo despertar o interesse pelo hábito de ler e oferecer elementos que contribuam para a compreensão do que foi lido. O impasse está na relação em torno da variedade de leituras que estão à disposição e o grau de maturidade exigido. Diante dos novos recursos tecnológicos, muitas vezes o livro tem sido tratado como algo obsoleto, não sendo valorizado; por vezes, os alunos chegam a enxergar que o livro em sua forma física tradicional impressa está fadado ao desaparecimento. Contrariando esse senso comum, o historiador francês Roger Chartier considera a internet e os demais suportes digitais como poderosos aliados para a manutenção da cultura escrita:

Além de auxiliar no aprendizado, a tecnologia faz circular os textos de forma intensa, aberta e universal e, acredito, vai criar um novo tipo de obra literária ou histórica. Dispomos hoje de três formas de produção, transcrição e transmissão de texto: a mão, impressa, e eletrônica – e elas coexistem (CHARTIER, 2007).

Muitos alunos, no entanto, afirmam não ter tempo para ler e que o celular e as redes sociais são mais divertidos. Além disso, rotulam a leitura literária como algo chato e cansativo, afirmando que a linguagem é de difícil compreensão. Então, como despertar o interesse por esse tipo de leitura numa geração marcada pelo desenvolvimento dos recursos tecnológicos de comunicação e entretenimento? Ler é um exercício que exige capacidade de interpretação, retenção, inferências, e, na contramão, temos alunos que decodificam as letras, e não entendem o que leram.

A leitura, como já dissemos, traz muitos benefícios a quem a pratica, pois desenvolve e aumenta a capacidade de argumentação, propicia que se constitua um senso crítico, ajuda a motivar a criatividade, aumenta o vocabulário e, portanto, facilita a melhoria da escrita. Se esse contato com os livros e a leitura não ocorrer em casa, cabe à escola/professor apresentar inclusive os suportes para a aquisição da leitura.

Segundo Lígia Cademartori, “O Brasil não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica e cultural” (CADEMARTORI, 2012, p. 25); mas, já se percebe, atualmente, nas inúmeras iniciativas, públicas e privadas, para oportunizar a leitura, uma maior preocupação com essas estimativas. A revista *Retratos da Leitura no Brasil* (FAILLA, 2016, p. 128)

divulgou pesquisa cujo resultado coaduna com a percepção de Lígia Cademartori. Nessa investigação, foram ouvidas 5.012 pessoas (alfabetizadas ou não), nos meses de novembro e dezembro de 2015 em todas as unidades da federação. De acordo com os parâmetros da pesquisa, é considerado leitor o cidadão que leu integralmente ou em parte, pelo menos um livro nos últimos três meses. O não leitor foi caracterizado como sendo aquele que afirmou não ter lido livro algum nos últimos três meses, mesmo que tenha lido antes disso. Os dados da pesquisa revelam-se preocupantes, pois 67% dos participantes afirmaram que não tiveram quem os incentivasse a ler; 33% afirmaram que tiveram algum incentivo; 11% foram influenciados pela mãe ou outra figura feminina e 7% pelo professor.

Harold Bloom, em *Como e por que ler*, ressalta que “uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação final de caráter universal” (BLOOM, 2001, p. 17), deixando explícito que ao sermos leitores passamos a conhecer mais a sociedade em que vivemos e teremos autoconhecimento, vivenciando sentimentos, libertando a mente, “exorciza[ndo] fantasmas”. Portanto, propalar a prática de leitura deve ser considerado um exercício fundamental em sala de aula. Uma das consequências da aquisição desse hábito será a transformação da relação dos alunos com o mundo, como cidadãos atuantes e críticos. Como disse o escritor José Mindlin: “Não basta alfabetizar, é preciso ensinar a ler” (MINDLIN *apud* FAILLA, 2016, p. 28).

A concepção de letramento também é necessária ao entendimento da perspectiva teórica abordada nesta investigação. Nas palavras de Magda Soares:

Letramento é o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada (SOARES, 2002, p. 146).

Já vimos que a leitura é transformadora, e pensar a leitura na perspectiva do letramento literário possibilita um trabalho diferenciado em relação àquele que em

muitas escolas ainda é proposto e difundindo. Mas, afinal, o que é letramento literário? Rildo Cosson afirma

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o *processo*, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de *apropriação*, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes (COSSON, 2016, p. 23).

O letramento literário possui um aspecto especial, uma vez que compreende não apenas a leitura e a escrita, mas propõe uma efetivação dos seus domínios, levando à formação de uma comunidade de leitores. Daí a importância da escola nesse processo.

Em sala de aula, o letramento literário pode ser realizado de várias formas, mas, segundo Cosson (2016), há quatro aspectos que lhe são fundamentais. Primeiramente, não existe letramento literário sem a proximidade direta do leitor com a obra, portanto o aluno precisa ter a oportunidade de desfrutar das obras literárias. Em segundo lugar, uma vez concretizado o acesso às obras, faz-se necessária a implantação de uma comunidade de leitores, que funcionará como um espaço para partilha de leituras e trocas de experiências com o texto literário. Em terceiro, o espaço escolar também servirá como meio de ampliação do acervo literário, cabendo as mais diversificadas manifestações culturais, uma vez que a literatura exhibe outros meios e suportes que não apenas os textos escritos. Assim, direcionando o desenvolvimento da leitura e a competência literária, a escola conseguirá atingir seu objetivo de formar o leitor literário. Finalmente, o quarto aspecto é que tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas, direcionadas ao Desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário.

Para melhor entender o conceito de letramento literário, um aspecto fundamental, que ajudará a nortear o presente trabalho, é o do papel da literatura na formação do ser humano.

Literatura é uma forma de expressão artística, que se manifesta por meio de textos. Como arte, está à mercê de juízos de valor. Presente desde a Antiguidade na

sociedade, ela depende da imaginação de criação do ser humano e do seu papel social e cultural no meio em que vive. Massaud Moisés conceitua a literatura como sendo a “expressão de conteúdos da ficção ou da imaginação por meio de palavras de sentido múltiplo ou pessoal” (MOISÉS, 2005, p. 28). Assim, cada indivíduo pode, dependendo da sua concepção, valorizar determinado estilo de texto ou escrita.

De difícil definição, mas de significativa importância, a literatura abordada como “a arte da linguagem” nos remete a outro conceito cuja definição é de difícil consenso: a arte. Existem diversos teóricos que defendem que não é possível nem desejável que se defina a arte, porque fechar um conceito acabaria por tirar a liberdade de criação. Por isso eles propõem para a arte um conceito “aberto”, de possível ampliação. Assim, para M. Weitz (*apud* JOUVE, 2012, p. 14), a arte – na qualidade de conceito “aberto” – não pode ser entendida como algo que pressupõe um conjunto de propriedades necessárias e suficientes. Um conceito é “aberto” quando é possível ampliar o campo de sua aplicação com base numa simples decisão.

Outro aspecto a observar é que, para a arte, não importa apenas se é considerada “bela”, uma vez que esse conceito é subjetivo; cada pessoa possui um juízo pessoal. Também não podemos tomá-la em função de sua utilidade, nem pelo poder de gerar um momento de contemplação. Por outro lado, Gérard Genette (*apud* JOUVE, 2012, p. 32) definiu a obra de arte como sendo “um objeto estético intencional”, definição esta que também é questionada por tentar delimitar um traço da arte em detrimento de outros.

O que podemos dizer é que a arte é inerente ao ser humano, pois, por meio dela, podemos expressar nossas emoções e sentimentos. O homem materializa suas percepções do mundo, seja através da beleza ou da ausência dela, e a arte é a representação da cultura e da história, considerando os valores estéticos, do equilíbrio e da harmonia. Como ressaltado anteriormente, a literatura integra as manifestações artísticas e, quanto material, depreende sua singularidade na utilização da linguagem, porém muitas das questões a ela inerentes não são postas da mesma maneira que em outras artes.

Quanto à etimologia, a literatura provém do termo latino *litteratura* [“escrita”, “gramática”, “ciência”], sendo originária de *littera* [letra]. No século XVI, a literatura passa a ser representada como cultura e, mais exatamente, como a cultura do letrado, ou seja, a erudição. Nas palavras de Vincent Jouve

“Ter literatura” é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras. Como a literatura supõe a afiliação a uma elite, a uma aristocracia do espírito, o termo acaba, por deslizamentos sucessivos, vindo a designar o “grupo das pessoas de letras”. Falar-se-á, por exemplo, dos “senhores da literatura” (JOUVE, 2012, p. 29).

Tal como as demais artes, a literatura não tem a força e o poder de alterar a realidade, mas é capaz de registrá-la e de fazer com que os leitores repensem o seu percurso de vida, seus hábitos e comportamentos. Provocadora e reflexiva, ela ajuda a fazer emergirem nossas inquietações por meio de construções simbólicas.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

A primeira etapa da presente intervenção constituiu-se na elaboração e aplicação de um questionário diagnóstico que perguntava aos alunos “Por que muitos adolescentes não têm o hábito de leitura”, bem como de entrevistas com eles. Em seguida, foi feita um diagnóstico das entrevistas e do questionário, e, a partir dela, descobrimos que a literatura fantástica ocupa quase todo o espaço das leituras dos que usufruem do hábito de leitura. A etapa seguinte correspondeu à leitura exploratória dos contos e das obras desse tipo de literatura.

Ao detectar que parte considerável dos alunos apresenta dificuldades e desinteresse pela leitura de textos literários, cogitou-se a elaboração de um plano de intervenção que pudesse fazer uso da literatura fantástica e, mais especificamente, dos contos fantásticos. Por meio de tal intervenção, ou seja, da proposição de atividades diferenciadas é que seriam lançadas múltiplas estratégias de uso e exploração do texto literário em sala de aula. Com isso, os alunos seriam levados a desenvolver suas habilidades, além de ampliar seu apreço pela literatura.

Dessa forma, a pesquisa foi concebida como intervenção na sala de aula com o propósito de fomentar mudanças na prática educativa. A intervenção, do ponto de vista metodológico, consistiu na aplicação de um plano de ações, engendrado especificamente para atingir um resultado desejado, na presente intervenção, fazer com que o aluno se tornasse mais próximo do texto literário e que se converta em um leitor. Visando atingir esse objetivo, foram planejadas e organizadas sequências didáticas voltadas para o desenvolvimento do letramento literário no âmbito da escola.

Ao longo da pesquisa foram utilizadas diversas formas de coleta de dados, dentre as quais destaco: pesquisa-ação, pesquisa participante, pesquisa quantitativa (coleta de dados na biblioteca), pesquisa bibliográfica e observação e registro de todas as atividades realizadas.

O arcabouço teórico de Mirian Zappone (2008), Magda Soares (2001; 2009), Roxane Rojo (2009), Ângela Kleiman (1995) e Rildo Cosson (2016) contribuíram para a compreensão da importância do letramento literário nas aulas de língua portuguesa; já os estudiosos Vincent Jouve (2012), Teresa Colomer (2003), Lígia Cademartori (2012), Richard Bamberger (2000), Harold Bloom (2001), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999), Leyla Perrone-Moisés (2006), Antônio Candido (1989) e Isabel Solé (1998) serviram de base para a compreensão dos aspectos teóricos da leitura e ensino de

literatura, tendo em vista a formação do leitor. Para tanto, estudamos também reflexões de Nádia Battella Gotlib (2006), Charles Kiefer (2011), Tzvetan Todorov (2010a e 2010b) e Ana Luiza Camarani (2014) no que concerne ao gênero conto e à literatura fantástica.

Esta investigação tratou com seres humanos, por isso, para seguir os devidos trâmites legais, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, sob o parecer consubstanciado número: 2.483.674.

2.1 – O contexto da pesquisa

A escola selecionada para a execução da presente pesquisa é uma instituição pública mantida pelo governo estadual mineiro e se encontra situada na região central da cidade. Trata-se da Escola Estadual “Professor Plínio Ribeiro”, outrora Escola Normal de Montes Claros, criada por lei provincial de fins do ano de 1879, tendo sido instalada em 2 de fevereiro de 1880. A escola é uma das mais antigas instituições de ensino do estado de Minas Gerais.

De acordo com as informações contidas no *Educacenso* 2017 (BRASIL, 2017d), a escola atende à demanda de 2.233 alunos, dentre os quais 542 estão matriculados no Ensino Fundamental II e 1.691, no Ensino Médio. A escola conta com 54 salas de aula, 4 laboratórios, 1 biblioteca, 3 salas de professores, 3 salas de multimeios, 1 amplo auditório, 3 quadras poliesportivas, 3 salas de supervisão e 3 salas de vídeo.

Quanto aos resultados da escola no Programa Estadual de avaliação da Educação Básica (Proeb), o nível de proficiência dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental (público-alvo dessa pesquisa) em Língua Portuguesa para o ano de 2015 foi de 235,7, considerado nível intermediário. Dos alunos avaliados na ocasião, 14,2% estão abaixo do nível esperado; 29,2%, no intermediário; 26,5% no recomendado; e 30,1% no avançado. Portanto, esses dados nos revelam que 69,9% dos alunos não atingiram o nível avançado e esse fraco resultado está diretamente ligado às deficiências de leitura (BRASIL, 2017d).

De acordo com os dados da Prova Brasil, a média de proficiência padronizada do 9º ano do Ensino Fundamental (em uma escala de 0 a 10) foi de 5,78 em 2011, 5,51 em 2013 e 5,73 em 2015 (BRASIL, 2017). Os dados das três últimas edições assinalam que

a escola, além de não ter alcançado a média nacional, não tem conseguido sucesso em outros índices significativos para além das metas estabelecidas.

Para o planejamento das atividades docentes, a escola segue as diretrizes oficiais, tais como a Proposta Curricular ou Conteúdo Básico Comum (CBC), Projeto Político Pedagógico (PPP) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Durante o ano letivo, a escola desenvolve diversos projetos, entre eles: “Consciência Negra”, “Semana Educação para a Vida”, “Virada da Educação”, “Feira de Ciências”, “Festa Junina” e “Desfile Cívico de 7 de Setembro”. Em parceria com a Polícia Militar, é desenvolvido o “Proerd – Programa Educacional de Combate às Drogas”; em colaboração com o curso de Psicologia das Faculdades Unidas do Norte de Minas – Funorte, a escola oferece programa de assistência psicológica aos alunos e servidores; em parceria com a Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, é realizado ao longo do ano o Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. A Biblioteca Escolar “Prof. Pedro Santana” dispõe de acervo literário considerável para consulta e empréstimo, além de disponibilizar acesso à internet.

É importante ressaltar que a referida instituição foi escolhida para a realização da investigação pelo fato de a pesquisadora nela lecionar desde o ano de 2016. Esse fator permitiu que fosse realizado o acompanhamento dos alunos, a coleta de dados e a aplicação do projeto com maior espaço de tempo e com a participação de docentes de outras disciplinas.

2.2 – A clientela escolar

Os alunos da Escola Estadual “Prof. Plínio Ribeiro” são de variadas classes sociais, com diversificados poderes aquisitivos e em sua maioria residentes nos bairros mais afastados da cidade. Além de ter localização central, a “Escola Normal”, como ainda é conhecida, é considerada tradicional pelos quase 140 anos de ensino público.

Mesmo sendo escola referência devido à sua história na educação da região, a instituição também passa pelos mesmos dilemas que as demais escolas públicas brasileiras, a começar pelos relatos pontuais de uso de drogas, gravidez na adolescência, depredação do patrimônio, violência física, *bullying* e a recorrente indisciplina.

2.3 – A comunidade pesquisada

A turma em que foi desenvolvida a intervenção é o 8º Ano do Ensino Fundamental, turno vespertino, com o quantitativo de 35 alunos. Conforme dados da avaliação diagnóstica aplicada em março de 2018, pode-se concluir que 72% dos alunos não haviam consolidado as habilidades de leitura correspondentes ao ano de escolaridade em que se encontravam no ano anterior. A turma, de modo geral, demonstra pouco interesse em leitura e apresenta na escrita deficiência em expor suas ideias e opiniões. A seguir apresentaremos as etapas e os procedimentos metodológicos que foram aplicados para a realização desta pesquisa.

2.4 – Tipo da pesquisa

Nas palavras de Renato Janine Ribeiro (2015), a principal distinção entre o mestrado acadêmico e o profissional é o resultado esperado. No mestrado acadêmico, pretende-se pela profunda pesquisa formar, em longo prazo, um pesquisador. No mestrado profissional também é necessária a atividade da pesquisa, mas o propósito essencial é formar o indivíduo que, no âmbito profissional e extramuros à academia, possa localizar, reconhecer, identificar e, sobretudo, utilizar a pesquisa de forma a inserir valor na sua prática, podendo ser de interesse social ou pessoal.

A presente pesquisa pode ser classificada como sendo “pesquisa-ação”, que consiste em

[...] um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLENT,1985, p. 14).

Ainda de acordo com esse autor, é possível destacar seis aspectos caracterizadores da pesquisa ação, a saber:

- a) há uma ampla explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos,

em esclarecer os problemas da situação observada; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1985, p. 26).

Além disso, também é pertinente fazer uso da concepção metodológica de “pesquisa participante”. De acordo com Gil (2002), a pesquisa-ação e a pesquisa participante são de idêntico teor, por se caracterizarem pela interação entre o pesquisador e os membros das situações a serem estudadas. No entanto, alguns estudiosos consideram que a pesquisa-ação está vinculada a uma forma de execução planejada, de aspecto educacional ou técnico.

A pesquisa participante, por sua vez, envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante. Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutenção do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar a realidade, sobretudo a partir dos recursos que a natureza lhe oferece. A pesquisa participante envolve posições valorativas, derivadas, sobretudo, do humanismo cristão e de certas concepções marxistas. Tanto é que a pesquisa participante suscita muita simpatia entre os grupos religiosos voltados para a ação comunitária. Além disso, a pesquisa participante mostra-se bastante comprometida com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos e por essa razão tem-se voltado, sobretudo, para a investigação junto a grupos desfavorecidos, tais como os constituídos por operários, camponeses, índios etc. (GIL, 2002, p. 34).

Marconi e Lakatos (2010) consideram a pesquisa participante como sendo um tipo de pesquisa que não detém um planejamento ou mesmo um projeto anterior à sua prática e execução, na qual as considerações finais e os efeitos são primeiramente percebidos na prática. Os objetivos são alcançados com êxito se houver envolvimento dos participantes. Schmidt argumenta que a pesquisa participante “apresenta o caráter de abrigar diferentes modos de viver e pensar, os quais refletem diretamente na produção do conhecimento sobre a diversidade humana” (SCHMIDT, 2006, p. 10).

2.5 – Instrumento de coleta de dados

Na coleta de dados foram consultados documentos institucionais, tais como: os livros de registro do acervo e o de empréstimos da biblioteca escolar, o Projeto Político

Pedagógico – PPP e o Regimento Escolar. Foram utilizadas, ainda, informações de documentos oficiais, a exemplo das informações do *Educacenso*, das avaliações do Inep e também as informações da última edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, a partir do trabalho de Zoara Failla (2016).

Como metodologia visando à coleta de informações, fez-se a opção pelo método pesquisa participante, por meio da qual foi possível observar o projeto e seu andamento, permitindo que fossem feitas alterações e melhorias à medida que o projeto se desenvolvia. Isso porque, através da observação o pesquisador pode interpretar o objeto/intervenção no contexto social no qual ele está se desenvolvendo.

As aulas de observação tiveram início no mês de março de 2018 e perduraram até dezembro do mesmo ano. As aulas direcionadas ao projeto de intervenção ocorreram semanalmente. Das seis aulas semanais de Língua Portuguesa, duas foram dedicadas à intervenção, de forma que o planejamento anual não fosse prejudicado.

As aulas foram devidamente planejadas e observadas, realizando-se continuamente anotações sobre a participação dos alunos e o poder de envolvimento da intervenção, sendo registrados também os pontos positivos e o que poderia ser aprimorado nas aulas seguintes. A pesquisa-ação e a pesquisa participante foram fundamentais para a execução da intervenção, pois possibilitaram a articulação entre teoria e prática, permitindo ao professor uma abordagem também teórica de sua prática docente e ao mesmo tempo permitindo ao aluno uma maior aproximação com a leitura literária, em especial, com os contos fantásticos.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 – Delimitação do *corpus* literário

No que tange ao *corpus* utilizado na pesquisa, há que se ressaltar que os contos fantásticos despertam muito o interesse dos alunos, por serem em geral centrados em elementos não existentes ou não reconhecidos na realidade. Aproveitando o interesse e a familiaridade dos alunos com esse tipo de narrativa, foram selecionados os contos “O retrato oval”, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (2008), escrito em 1852, e “O espelho”, de Machado de Assis (2015), publicado em 1882, na coletânea de contos intitulada *Papéis avulsos*.⁸ Juntamente com os contos, foi exibido o filme *Alice através do espelho* (2016), película inspirada na obra *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), publicada em 1865 com o pseudônimo de Lewis Carroll (1992).

O conto “O retrato oval” é narrado pela perspectiva de um homem gravemente ferido que procura abrigo em um *château* desocupado e vê na parede o retrato de uma jovem, cuja beleza lhe chama a atenção. Em um livro antigo com a descrição das pinturas que estão no aposento, lê a história dela. A jovem dera a vida para agradar o esposo, um artista que desejava pintar o retrato da companheira. Ela morreu por ter permanecido sentada por muito tempo e ter esvaído saúde e espírito, enquanto o pintor realizava o trabalho. Finalmente, quando ele terminou o retrato e admirou sua obra, gritou ao ver, diante de si, a esposa morta.

Por meio de uma aguda análise do comportamento humano, Machado de Assis, por sua vez, expõe em “O espelho” o fato de que nossa “alma exterior” – ligada ao *status* e prestígio social, à imagem que os outros fazem de nós – é muito mais importante do que a nossa “alma interna”, ou seja, a nossa real personalidade.

Visando estimular o aluno a realizar a leitura dos textos literários, optamos por apresentar o filme *Alice através do espelho*, baseado na obra de Lewis Carroll. A película em questão, além de ser uma releitura, é também uma interpretação do texto escrito em uma perspectiva contemporânea. Fazendo a interação entre essas obras, os

⁸ Edgar Allan Poe nasceu em Boston, nos Estados Unidos, no dia 19 de janeiro de 1809; faleceu em Baltimore, em 7 de outubro de 1849. Foi romancista, poeta e crítico literário. Destacou-se na escrita de contos sobre mistério (POE, 2008). Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É cofundador da Academia Brasileira de Letras e primeiro ocupante da Cadeira n. 23.

alunos puderam refletir e perceber que a literatura é importante para sua formação, não apenas escolar, mas também de seres humanos dotados de sentimentos e questionamentos.

3.2 – O gênero: contos fantásticos

Outro marco teórico-conceitual essencial para o nosso trabalho diz respeito ao gênero denominado de “literatura fantástica”. Tzvetan Todorov (2010b) é sem sombra de dúvida o estudioso mais destacado, uma vez que seu livro *Introdução à literatura fantástica* é considerado uma referência por demarcar alguns dos aspectos essenciais do gênero em questão.

Em suas análises, Todorov demarca e discute três gêneros próximos: o maravilhoso, o estranho e o fantástico. Segundo esse teórico, os leitores são levados ao íntimo do fantástico quando, com os pés sobre o mundo do real, do vivido, um universo de vivências sem fantasmas, monstros, anjos ou demônios, encontram-se diante de um evento impossível de ser elucidado pelas leis e regras do mundo concreto. Diante disso, o leitor se divide entre duas opções: ou tal evento é o resultado de sua imaginação, uma forma de ilusão do indivíduo, ou o episódio faz parte da sua realidade, mas, por outro lado, é regido por mecanismos que ele desconhece. Para Todorov essa seria a primeira circunstância para a presença do fantástico, que surge devido a essa incerteza, gerando o que autor denomina de hesitação.

Ao comentar as percepções desse autor sobre o gênero fantástico, a estudiosa Marisa Martins Gama-Khalil considera que:

Essa seria, pois, a condição fundamental para a existência do fantástico. Esmiuçando tal condição básica, o teórico Todorov estabelece mais três condições para a constituição do fantástico na literatura. Em primeiro lugar, é imprescindível que a narrativa obrigue ao leitor a avaliar o mundo das personagens como o seu mundo real, e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos eventos enredados. Em segundo lugar, essa hesitação pode ser também vivida por uma personagem, de tal modo que o leitor espelhe-se nas vivências insólitas da personagem, como num jogo de espelhos. Em terceiro lugar, é preciso que o leitor tome uma determinada atitude em relação à narrativa, devendo descartar tanto a interpretação alegórica como a interpretação poética (GAMA-KHALIL, 2013, p. 22).

Ainda segundo Todorov, a concepção do gênero fantástico estaria entre outros dois gêneros acima citados (o estranho e o maravilhoso), parecidos, e, no entanto, com diferenças que realçam a distinção entre os demais. As formas narrativas do estranho são desenvolvidas a partir do medo, sendo relatados acontecimentos que podem de maneira natural ser esclarecidos à luz da razão, mas que permanecem incríveis, e que, devido a isso, podem fazer aflorar nas personagens e no ávido leitor uma espécie de reação parecida à que se faz presente nas narrativas fantásticas.

O fantástico na literatura pode ser compreendido como “o irreal no sentido estético daquilo que é apenas imaginável”, aquilo “que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, pela fantasia de um espírito” (HELD, 1980, p. 25). Os elementos que compõem o fantástico não estão apartados ou distanciados da realidade, pois eles fazem parte do real, sendo, por isso, expressão e produção do imaginário do próprio homem. Segundo Ana Luiza Silva Camarani,

A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais. Assim, a lógica narrativa é imprescindível enquanto empreendimento de sedução; a coerência interna do texto é responsável por despertar os sentimentos do leitor: medo, surpresa, angústia, enfim, a inquietante estranheza; a obra é, ao mesmo tempo, o corpo material, o complexo de procedimentos utilizados pelo autor seguindo uma lógica interna e o conjunto de reflexões e sentimentos que busca suscitar na consciência do leitor. Como já indicado, prefiro considerar os textos que apresentam tais características como modo ou modalidade literária, uma vez que contribuem para asseverar o caráter movente do fantástico literário, tanto no que se refere à sua manifestação nos gêneros narrativo, lírico e dramático, quanto em relação à sua estrutura que não se revela inalterável, embora conserve seus traços distintivos, variando de acordo com as diferentes épocas, culturas e autores (CAMARANI, 2014, p. 194).

Como bem destacou a autora, a narrativa fantástica, ao promover a aliança e ao mesmo tempo a oposição entre o mundo real e o sobrenatural, acaba gerando no leitor sensações diversas, como medo, surpresa e apreensão. Emílio Carilla assevera que, por meio da literatura fantástica, o leitor amplia o seu mundo, a sua capacidade imaginativa, pois dessa forma abarca “um mundo que toca, em especial, o maravilhoso, o

extraordinário, o sobrenatural, o inexplicável” (CARILLA, 1968, p. 20).⁹ Ao universo do fantástico “pertence aquilo que escapa de ou está nos limites da explicação ‘científica’ e realista; aquilo que está fora do mundo circundante e demonstrável” (p. 20).¹⁰

Quando lemos um livro literário que se enquadra no gênero aqui tratado, somos conduzidos ao cerne do fantástico. Saímos da perspectiva do real para o imaginário e, mesmo que o tema seja algo parecido com o já vivido, os sentimentos despertados nos aproximam ou nos distanciam dos acontecimentos. O fantástico acontece na incerteza, conhecida por um ser que só conhece as leis naturais, perante um fato aparentemente sobrenatural.

Quanto aos alunos participantes da intervenção, como já dissemos, eles têm grande apreço pela literatura fantástica e a reconhecem como uma narrativa ficcional que não está completamente desvinculada do real; as incertezas, os medos e as fantasias advindas do narrado é que tornam os alunos interessados por esse tipo de literatura. O fantástico não se descola da realidade, pois, “apesar de ser fictício, não abandona a sua relação com o real, nem com o presente histórico, que nele interferem tanto como ponto de partida, quanto como ponto de chegada, tanto no momento de produção quanto no da recepção” (SARAIVA, 2006, p. 28).

A estética da recepção também assume importância no bojo das discussões sobre literatura e leitura, pois ela insiste na relação dinâmica entre autor, obra e leitor. Pensada por Hans Robert Jauss e Iser a Estética da Recepção, no momento de sua concepção, buscou discutir novas perspectivas sobre a teoria da literatura. Privilegiando o papel do leitor e a interação dele com a obra literária (aspecto este negligenciado pelas teorias anteriores, cujo enfoque recaía sobre as obras literárias e seus respectivos autores), o pensamento de Jauss destaca a existência de uma interação dialógica em que o leitor passa a ser figura central.

A partir dessa moldura dialógica, a obra é atualizada pelo leitor. Esta atualização diferirá de acordo com a época; assim, em épocas diferentes, novas atualizações serão feitas sem necessariamente excluir as anteriores, mas certamente modificando-as (ZILBERMAN, 1989, p. 144).

⁹ “[...] abarcamos un mundo que toca, en especial, lo maravilloso, lo extraordinario, lo sobrenatural, lo inexplicable”.

¹⁰ “[...] al mundo fantástico pertenece lo que escapa, o está en los límites, de la explicación ‘científica’ y realista; lo que está fuera del mundo circundante y demostrable”.

A teoria da recepção surge do interesse em se analisar como a obra literária é recebida pelo leitor e de que forma ela gera efeitos sobre este. O livro precisa ser observado não apenas pelo seu conteúdo, como também pela forma como ele foi recebido pela sociedade ao longo do tempo. A teoria da recepção permitiu a reelaboração de novas perspectivas no estudo das obras literárias e, entre elas, o ponto de vista de que o leitor é elemento partícipe da “construção” da obra. A partir dessa perspectiva, o gênero fantástico foi, sem dúvida, o preferido pelos alunos.

Depois de deslindadas as características gerais do gênero literário fantástico, considera-se pertinente a definição conceitual do gênero textual conto, posto que a presente intervenção teve como propósito central a leitura de contos literários fantásticos. O conto é um gênero sucinto que cria uma infinita diversidade de acontecimentos e seres fictícios, envolve as mais diferentes temáticas, delineando os mais variados aspectos da vida a partir da arte. O conto é direto, assertivo, sem delongas.

De acordo com André Fiorussi,

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado (FIORUSSI, 2003, p. 103).

No conto “O retrato oval”, percebem-se tais características, pois a cada palavra escrita o leitor vai construindo suas pistas sobre a história, passando a imaginar as possibilidades do desfecho. Já no conto “O espelho”, de Machado de Assis, além de tais aspectos, nota-se que o narrador (personagem principal) traz à tona suas memórias, voltando ao passado para lembrar a história que será o motivo do conto; o personagem machadiano narra a sua história aos presentes sempre no esforço de dotá-la de veracidade, como se o fato tivesse mesmo acontecido. Dessa forma, os contos tomados como ponto de partida para a intervenção mostram-se alinhados com as definições dadas pelos autores no que tange aos aspectos teóricos do conto.

Voltando às definições de conto, Alfredo Bosi assinala que o conto opera como uma espécie de “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real e imaginária” (BOSI, 1975, p. 31), e, por ser dotado de pequena dimensão textual, consegue expor de maneira rápida o conflito que nele se desenrola.

Por mais que o conto seja um gênero textual muito conhecido, ainda há dificuldades em lhe atribuir um conceito totalmente delimitado. De acordo com Cortázar, o conto é de “tão difícil definição, tão esquivo, nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem” (CORTÁZAR, 2006, p. 149), que todos os seus componentes são essenciais para o efeito que o autor quer provocar sobre o leitor.

Quanto aos elementos constitutivos do conto, os manuais escolares atribuem-lhe as seguintes partes: “enredo, um único conflito e clímax, uma história com poucas personagens, tempo e espaço reduzidos e um desfecho” (SARMENTO; TUFANO, 2004, p. 32). Entretanto, essa conceituação, mesmo sendo esclarecedora, carece de definições com maior amplitude. Segundo Nádía Battella Gotlib, o conto tem por características “a solidez, peculiaridade e unicidade. E, ainda, por ser alimentado por um ‘acontecimento impressionante’, tônica que persiste desde suas origens mais remotas” (GOTLIB, 2006, p. 18).

No que se refere à presença e ao uso do conto em sala de aula, Eduardo Araújo afirma ser ele

[...] um dos gêneros prosaicos mais populares da Literatura e a pertinência de colocá-lo em cena na sala de aula está no fato de o mesmo ser produzido à luz das situações cotidianas, das práticas sociais situadas na história da humanidade, das vivências, dos acontecimentos (ARAÚJO, 2015, p. 3).

No conjunto dos *Parâmetros curriculares nacionais*, o conto é parte integrante de um grupo de gêneros literários “cujo domínio é fundamental à efetiva participação do aluno na sociedade” (BRASIL, 1998, p. 53). À medida que os alunos vão desenvolvendo as habilidades de leitura dos mais diversos gêneros, eles vão sendo capazes de interagir socialmente e de fazer uso de tais conhecimentos com eficácia.

Os PCN recomendam que a escolha do material, isto é, dos contos, seja feita a partir da afinidade dos alunos, de forma que o professor valorize o interesse deles. Assim, a escolha do *corpus* nesta pesquisa está ancorada em algumas justificativas: a primeira foi a de desenvolver a intervenção a partir de um gênero com muita aceitação entre os alunos; outro fator importante foi a leitura do conto “O retrato oval”, presente no livro didático e que teve bastante aceitação entre os alunos; a opção pelo conto “O espelho” foi uma maneira de iniciar a leitura do cânone literário a partir de Machado de Assis.

3.2.1 – Machado de Assis

Autor de vasta obra literária, Joaquim Maria Machado de Assis publicou 218 contos nos jornais cariocas, dentre os quais, destaca-se “O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana”, originalmente veiculado no jornal *Gazeta de Notícias*, no dia 8 de dezembro de 1882. Nesse mesmo ano, o conto foi publicado no livro *Papéis avulsos*, juntamente com outros 11 contos, que, assim como “O espelho”, eram “terrivelmente ácidos, críticos e denunciadores de um estado de coisas insustentável do ponto de vista da ética liberal” (RIBEIRO, 2008, p. 10).

O conto relata a fantástica experiência vivida por Jacobina, rapaz de origem humilde, de 25 anos, que acabara de ser nomeado pelo governo imperial para a patente de alferes da Guarda Nacional. Ao galgar o cargo, o jovem passa a ser tratado com reverência pelos familiares, que não poupavam elogios e lisonjas. A nova posição social de Jacobina faz com que uma tia de nome Marcolina o convide para descansar alguns dias em seu sítio. Ao chegar ao local, o sobrinho militar deixa de ser tratado pelo nome para ser chamado apenas de “senhor alferes”, inclusive pelos próprios escravos do sítio.

Os dias são de mais profunda lisonja. O jovem alferes ocupa o melhor lugar na mesa, é o primeiro a ser servido nas refeições; assim como é colocado à sua disposição no quarto de hóspedes o objeto mais caro e requintado da casa:

[...] um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom... (ASSIS, 2015, p. 345).

O espelho era o único objeto remanescente de um tempo áureo, em que a família parecia ter gozado de prestígio e riqueza no início do século XIX; quando Jacobina aprecia o objeto, já carcomido pelo tempo, o espelho reflete uma situação de declínio de uma família escravocrata.

Diante de tantas cortesias e salamaleques, e sendo tomado por grande vaidade, o alferes começa a sentir despertar algo perverso e misterioso no fundo de sua alma. Nos

dias que se seguem, alguns acontecimentos fazem com que o rapaz fique completamente sozinho no sítio: tendo a prima adoecido repentinamente, a tia acaba tendo que levá-la para a cidade em busca de tratamento médico. O jovem permanece, então, apenas na companhia dos escravos que, alguns dias depois, acabam fugindo.

Amargando a mais intensa solidão (acompanhado apenas pelo *tic-tac* do velho relógio da casa), sem nenhuma pessoa que possa alimentar e inflar o seu ego, o alferes se torna triste e apático. O isolamento em que se encontra acaba por lhe causar confusões, delírios e alucinações mentais; Jacobina acredita que de fato está louco e se traça de alferes, como se estivesse assumindo a sua nova identidade. Fardado e solitário, o jovem passa seis dias se olhando no velho espelho colocado em seu quarto, sentindo-se um homem poderoso.

Na narrativa, Jacobina consente que o alferes absorva o seu coração humano; e, para não sucumbir à morte, ele se deixa levar pela loucura. Diante do espelho, quando não está vestido com a farda militar, só vê no reflexo figuras sombrias, borradas e obscuras. Ao colocar a vestimenta:

Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir... (ASSIS, 2015, p. 346).

Essa experiência é contada por Jacobina, muitos anos depois, quando está em uma roda de amigos discutindo temas transcendentais. Em sua explicação, o então alferes distingue a alma humana em duas partes: a interior e a exterior. A alma exterior é onde estão as paixões e obsessões que levam o indivíduo à perdição, essa alma é de fora para dentro. A alma interior é de dentro para fora e seria o abrigo da verdadeira essência do indivíduo. O conto ora apresentado está centrado em mais uma das personagens machadianas baseadas “no que se é, no que se pensa que é e no que os outros pensam que se é”. O autor era um exímio e argucioso observador da sociedade em que vivia e ao mesmo tempo conseguia delinear com profundidade o âmago dos personagens que povoam sua vasta produção literária. Nas palavras de Alfredo Bosi:

[...] uma vez mais, a evocação machadiana de um contexto local (uma fazenda de escravos no interior fluminense; uma patente de alferes da

Guarda Nacional) acabou explorando uma questão candente do pensamento moderno: a identidade do sujeito forjada pelo olhar social (BOSI, 2014, p. 144).

“O espelho” evoca questões inerentes à “modernidade – a fragmentação, a autoimagem do indivíduo; a fragilidade das relações humanas baseadas nas relações de produção; o medo diante das estruturas econômicas e sociais em constante transformação” (BARROS, 2008, p. 102). Faz perpassarem pela narrativa de Jacobina e o seu outro “eu” as dificuldades e contradições do homem na busca de um equilíbrio entre seus valores próprios, princípios ligados à realização individual, e os valores exigidos pela sociedade.

Como numa fábula, “O espelho” apresenta o terror do homem moderno diante da necessidade suprema de espelhar-se favoravelmente, de enxergar-se apenas pelo olhar do outro, reduzido a uma alma exterior, o monstro que, ao contrário de Drácula, se mostra ao espelho. Nesse novo contexto, o homem e a sociedade se fragmentam em seus âmagos, até a alma se divide e precisa ser reconfigurada, reexplicada por meio de novas teorias, como anuncia o subtítulo do conto – “Esboço de uma nova teoria da alma humana”. Num universo de incertezas e transformações, nada é sólido, tudo está em processo, assim como a narrativa que se apresenta como um esboço, uma primeira tentativa, ainda mal acabada, de se criar algo bastante pretensioso, uma nova teoria (o que por si só já seria um empreendimento considerável) sobre o vasto tema da alma humana (BARROS, 2008, p. 107).

Esse conto machadiano foi selecionado para a intervenção em sala de aula, entre outras coisas, porque evidencia a existência do fantástico, ou seja, realidade e fantasia se entrecruzam na narrativa fazendo com que o leitor realize a distinção entre o que é real e o que é surreal no que se passa entre o espelho e o jovem Jacobina.

Parte considerável dos biógrafos e estudiosos da obra de Machado de Assis aponta para um possível “diálogo intertextual” entre esse projeto literário e o de Edgar Allan Poe. Em estudo intitulado *Edgar Allan Poe e Machado de Assis: intertextualidade e identidade*, a pesquisadora Renata Philippov afirma que o escritor brasileiro teve acesso à obra de Poe, tanto em francês (por meio das traduções de Baudelaire) como em inglês. Foi Machado de Assis o primeiro a traduzir do inglês o poema “O corvo” (PHILIPPOV, 2011, p. 41).

A ressonância da obra de Edgar Allan Poe na de Machado de Assis é apontada e analisada por vários críticos, de Herman Lima (1971) a Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998), principalmente por causa do

caráter fantástico de alguns contos, como em “A chinela turca” e “Entre santos” e da escolha do duplo como um tema recorrente, como em “O espelho”, “Teoria do medalhão”, etc. Tanto Poe quanto Machado valorizam extremamente os aspectos formais na construção de seus textos. Enquanto o primeiro cria uma estrutura anterior, que só depois vem a ser preenchida pelo episódio, subordinado ao efeito; o segundo se esmera, por exemplo, na exploração variada dos recursos composicionais, construindo vários tipos diferentes de narradores que fazem a narrativa progredir através do diálogo com seus interlocutores, ironizando personagens, citando outros textos, criando alegorias, relatando experiências testemunhadas ou protagonizadas, escrevendo um diário (ARMANGE *apud* PHILIPPOV, 2011, p. 42).

A proximidade entre “O espelho” e os contos “Willian Wilson”, “O gato preto” e “A queda da casa de Usher”, de Edgar Allan Poe, reside na existência do ser e seu duplo. Nos contos de Poe, “o ser procura destruir seu duplo, o outro que o incomoda – representado como outra personagem a ser abatida”; já na história contada por Jacobina “o ser não quer destruir o outro, parte inerente de si, mas sim o busca para se manter uno, vivo e íntegro” (PHILIPPOV, 2011, p. 46).

No conto “O espelho”,

[...] o outro é temporariamente destruído ou deixado de lado pela ausência social e pelo estado de depressão do ser. Assim que esse último recobra sua sanidade mental e autoconfiança, fenômeno metaforicamente representado pela ação de se usar um uniforme e de se olhar no espelho (seja um espelho concreto, seja um espelho metafórico representado pela sociedade sobre si), ambas as almas se reconciliam, o universo da mente entra em reequilíbrio e o homem é salvo da destruição psíquica (PHILIPPOV, 2011, p. 46).

As possibilidades de que Machado de Assis tenha se inspirado em Edgar Allan Poe são muitas. Não se quer com isso afirmar que o projeto literário machadiano é mera cópia do escritor norte-americano, “mas, sim, [que ele] se apossou da proposta do fantástico que Poe produzira e a tingiu de cor local, estabelecendo o Rio de Janeiro como um epicentro do fantasmagórico, que, como capital do país na época, começava a se modernizar” (ESTEVES, 2017, p. 95).

3.2.2 – Edgar Allan Poe

O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) é autor de considerável obra, que abarca diversos gêneros literários, indo desde a ficção de terror até a ficção

policial, passando pela aventura, ficção científica e pelo gênero fantástico. No campo do jornalismo também atou como editor e crítico literário. A trajetória de Poe foi marcada por tragédias e miséria, daí que seus biógrafos e críticos literários costumam assinalar que a sua obra está em parte baseada “nas sombras do seu passado” (LAITANO; PERNA, 2009, p. 8).

Edgar Allan Poe foi uma alma perturbada, principalmente por ele mesmo, que teria dito, ao falar sobre seus textos, que o terror presente em suas histórias não seria fruto da sociedade a qual pertencia, mas sim de sua obscuridade interior, de seus medos e aflições, ou seja, das inquietações de um homem atormentado. No entanto, seja por ter dado voz aos seus sentimentos mais profundos, ou por ter vivido em uma época que não o compreendeu, produziu contos, poemas e ensaios que fascinam leitores e o consagraram como um Clássico da literatura universal (PERNA; LAITANO, 2009, p. 10).

O seu nome permanece marcado na literatura pelos seus contos de terror, morte e mistério, graças aos quais, segundo Todorov, Poe foi considerado “o autor do extremo, do excessivo, do superlativo; por levar cada coisa aos seus limites – além, se for possível” (TODOROV, 1980, p. 156). O conto do presente autor escolhido para a intervenção é “O retrato oval” [The Oval Portrait], publicado pela primeira vez em abril de 1842, no *Graham's Lady's and Gentleman's Magazine*, com o título de “Life in Death”.

N’“O retrato oval”, o leitor é envolvido em um ambiente enevoado e misterioso. Nesse cenário assombroso, um cavalheiro ferido, acompanhado de seu criado, procura um lugar onde se proteger, quando avista um castelo desocupado e ali consegue abrigo durante a noite. Esse ambiente é decorado com pinturas de requintadas molduras, obras de arte que acabam atraindo a atenção do cavalheiro. Sob o travesseiro, encontra um caderno em que estão registradas histórias que envolvem as obras de arte penduradas nas paredes. O homem passa as horas seguintes lendo os relatos presentes no livro. Pouco antes de adormecer, ele percebe a existência de uma pintura que é o retrato de uma mulher, ornado por uma moldura oval, tratando-se de uma belíssima jovem, pela qual fica fascinado.

O hóspede procura, então, ansiosamente nas páginas do livro alguma informação sobre a jovem da pintura, até que encontra a seguinte explicação:

Era uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria. E maldita foi a hora em que ela viu, amou e desposou o pintor.

Ele era apaixonado, estudioso, austero e já tinha na Arte a sua desposada. Ela, uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria, toda luz e sorrisos, travessa como uma jovem corça; amando com carinho todas as coisas; odiando somente a Arte, que era sua rival; temendo apenas a paleta, os pincéis e os outros sinistros instrumentos que a privavam da contemplação do seu amado. Era pois terrível coisa para essa mulher ouvir o pintor exprimir o desejo de pintar o próprio retrato de sua jovem esposa. Ela era, porém, humilde e obediente, e sentava-se submissa durante horas no escuro e alto quarto do torreão, onde a luz vinha apenas de cima projetar-se, escassa, sobre a alva tela. Mas ele, o pintor, se regozijava com sua obra, que continuava de hora em hora, de dia em dia. E era um homem apaixonado, rude e extravagante, que vivia perdido em devaneios; assim não percebia que a luz que caía tão lívida naquele torreão solitário ia murchando a saúde e a vivacidade de sua esposa, visivelmente definhando para todos, menos para ele. Contudo, ela continuava ainda e sempre a sorrir, sem se queixar, porque via que o pintor (que tinha alto renome) trabalhava com fervoroso e ardente prazer e porfiava, dia e noite, por pintar quem tanto o amava, mas que todavia, se tornava cada vez mais triste e fraca. E na verdade alguns que viram o retrato falavam em voz baixa de sua semelhança como de uma extraordinária maravilha, prova não só da mestria como de seu intenso amor por aquela a quem pintava de modo tão exímio. Mas afinal, ao chegar o trabalho quase a seu termo, ninguém mais foi admitido no torreão, porque o pintor se tornara rude no ardor de seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela, mesmo para contemplar o semblante de sua esposa. E não percebia que as tintas que espalhava sobre a tela eram tiradas das faces daquela que se sentava a seu lado. E quando já se haviam passado várias semanas e muito pouco a fazer, exceto uma pincelada sobre a boca e um colorido nos olhos, a alegria da mulher de novo bruxuleou, como a chama dentro de uma lâmpada. E então foi dada a pincelada e completado o colorido. E durante um instante o pintor ficou extasiado diante da obra que tinha realizado mas em seguida, enquanto ainda contemplava, pôs-se a tremer e, pálido, horrorizado, exclamou em voz alta: “Isto é na verdade a própria vida”. Voltou-se, subitamente, para ver a sua bem-amada... Estava morta! (POE, 2008, p. 281).

A narrativa de “O retrato oval” expõe o amor que o pintor frui pela Arte ao invés de dedicar seu afeto a esposa. A protagonista do conto, ao optar pela submissão ao marido – ao se deixar ser retratada em tela por ele –, acaba cedendo o seu protagonismo para a própria Arte. O conto narra percursos paralelos: o artista em sua incansável busca pela perfeição na arte (o retrato) e a privação e agonia da própria esposa (a morte). “Nesse quadro narrativo, o labor, a satisfação do interesse particular, o desejo pessoal, o excesso, a insensatez, o ardor pela Arte e a prevalência do emocional são levados ao extremo” (PEREIRA; RODRIGUES, 2012, p. 181).

A obra de Poe emerge em uma época – a primeira metade do século XIX – em que nos Estados Unidos ainda persistia um tipo de literatura bem provinciano, que ainda

não havia ganhado uma dimensão, por assim dizer, nacional. Nesse tempo, a literatura produzida caminhava por duas vertentes: a acentuada subordinação aos modelos oriundos da Europa, em especial da Inglaterra; e, por outro lado, a tendência de uma literatura com excessiva carga de patriotismo. Poe relega esses padrões e tenta trilhar um caminho diferente e inverso, produzindo uma obra desvinculada de preceitos morais e didáticos, e que não se prende aos modelos então estabelecidos.

A obra do artista não foi bem recebida naquela sociedade moralista. Na dissertação de mestrado denominada *A teoria da recepção e do efeito aplicadas ao texto literário de Machado de Assis e Edgar Allan Poe*, a pesquisadora Marli Lobo Silva afirma que:

O isolamento intelectual e a indiferença atribuídos às suas obras causam com isso um fosso expressivo desencadeado pelas opiniões distorcidas dos críticos a respeito de suas obras. Tudo isso contribuiu para a indiferença e hostilidade a que Poe fora submetido; Com poucos amigos no meio literário, isso foi um problema, para o escritor, visto a partir de então como uma figura excêntrica e um comportamento desviante, o que obviamente contribuiu para o fracasso crítico de suas obras naquele país (SILVA, 2013, p. 88).

A trajetória de Poe foi marcada por inúmeras dificuldades. A aceitação de seus escritos e o seu ingresso nos círculos literários foi um processo demorado. Alguns aspectos da trajetória biográfica do escritor norte-americano em muito se aproximam da do “Bruxo do Cosme Velho”, como era conhecido Machado de Assis: os dois trabalharam em redação de jornais e revistas literárias, passaram por muitas dificuldades e produziram uma obra que não se enquadrava no modelo vigente, chegando a receber muitas críticas. A escrita, “insólita e transgressora” de Poe fazia dele “o protótipo de sua própria criação” (SILVA, 2013, p. 89).

Ainda nas palavras de Silva:

Edgar Allan Poe foi o grande contista, e o primeiro a redimensionar esse gênero conferindo-lhe uma dimensão até então inédita à narrativa curta; Machado de Assis, no Brasil, foi responsável pela evolução do conto consolidando-o como um gênero capaz de apreender os acontecimentos comuns e vertê-los ao processo da ficcionalidade (SILVA, 2013, p. 118).

As obras de Edgar Allan Poe e Machado de Assis deixam transparecer que eles foram escritores muito atentos ao tempo em que viveram. Para muito além de grandes

nomes do cânone literário, Poe e Machado deixaram refletidas em seus escritos muitas das transformações advindas com a modernidade.

3.2.3 – Lewis Carroll

O britânico Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), conhecido mundialmente pelo pseudônimo “Lewis Carroll”, foi poeta e romancista, tendo como principais obras *Alice no país das maravilhas* (1865)(CARROLL, 1992) e *Alice através do espelho* (1872)(CARROLL, 2015). Neste segundo livro, a menina Alice está com sete anos e, portanto, um pouco mais madura que na narrativa do primeiro livro.

Sentada na poltrona da sala, Alice começa a criar teorias de que existe outro mundo atrás do espelho, um mundo bem diverso daquele onde ela está. Então, repentinamente, Alice ultrapassa o espelho, indo parar em um outro mundo. O espelho é o portal que separa e liga duas perspectivas, dois mundos bem distintos.

O espelho devolve a evidência, revela-se um instrumento mágico que transforma o real em algo maravilhoso, num enigma poético, e permite através destas narrativas aceder a outras realidades. Uma fronteira entre o real e o ilusório que assume por vezes a metáfora de uma “porta” como, em “Alice do outro lado do espelho” de Lewis Carroll, em que o conceito de tempo é anulado predominando a inversão da realidade. O desejo de passar para o lado de lá do espelho, do desconhecido, conduz Alice a descobrir que é possível “entrar” no reflexo. Uma metáfora que sustenta o atravessar da infância. Num primeiro momento da narrativa, Alice encontra-se no mundo real e num segundo momento entra nesse mundo que é simultaneamente igual e invertido. Como o reflexo do espelho que devolve uma imagem invertida, os objectos encontram-se dispostos e movimentam-se em sentido contrário. Uma narrativa que se desenvolve pela inversão da realidade, reforçando o conceito de fronteira implícito no reflexo (SARAIVA, 2011, p. 24).

Alice se encontra com a Rainha Vermelha e o Rei Vermelho em um grande tabuleiro de xadrez. A cada passo dado por Alice no jogo, aumentam-se as chances de ela atravessar todo o tabuleiro, onde, do outro lado, poderá se tornar rainha. Ao longo do jogo, a menina vai reencontrando personagens que também estavam presentes no *País das maravilhas*: os gêmeos Tweedledum e Tweedledee, o Leão e o Unicórnio, Humpty Dumpty, a Morsa e o Carpinteiro, a Rainha Vermelha e a Rainha Branca.

Cada um desses personagens vai assumir importância ao longo da narrativa, que será permeada por longas canções, adivinhações e poemas. O entendimento da história fantástica narrada no livro só é plenamente possível se o leitor tem conhecimento dos aspectos sociais, culturais e políticos da “era vitoriana”, pois, ao longo dos diálogos, são feitas muitas referências à Inglaterra.

Nesse ponto, vale ressaltar que na intervenção que realizamos, optou-se por inserir uma produção cinematográfica, uma vez que o cinema “pode ser usado como um recurso didático para estimular e despertar nos alunos o interesse pela leitura de romances ou clássicos literários, como os contos de fadas, que estão cada vez mais presentes na linguagem cinematográfica” (EVANGELISTA; CALZAVARA, 2016, p. 216). A transposição literatura-cinema evidencia diferenças cruciais entre ambos: enquanto na leitura, as imagens são feitas na mente do leitor, o cinema oferece as imagens ao espectador, com sons e movimentos, fazendo com que a compreensão do texto seja mais atraente. Portanto, é perceptível que em nenhum momento da narrativa cinematográfica será exatamente como o presente em um livro. Ou seja, o cinema em geral redimensiona a narrativa literária. No filme *Alice através do espelho*, de 2017, por exemplo, o que se tem é um distanciamento da obra original de Lewis Carroll, uma vez que a película busca revisitar o passado dos personagens ao invés de se ater apenas à narrativa original. No entanto, esse aspecto não faz desmerecer o cinema, pois, ao permitir outra interpretação de uma obra literária, permitirá ao professor abrir a possibilidade de o aluno realizar reflexões e conclusões diversas.

Ao tratar da convergência entre literatura e cinema, a pesquisadora Olga Arantes Pereira, no artigo intitulado *Cinema e literatura: dois sistemas semióticos distintos*, afirma que:

Graças às características textuais semelhantes, podemos afirmar que há muito tempo o cinema e a literatura ensaiam relações de fascínio mútuo. Frequentemente o cinema se constrói sobre a literatura, adaptando dos vários gêneros literários, provindos, sobretudo, das formas naturais da literatura narrativa e dramática. A literatura e o cinema mantêm uma intrínseca relação de diálogo, desde as adaptações ao modo de se narrar uma história. A linguagem como a narração se dá é que varia de uma arte para outra (PEREIRA, 2009, p. 46).

Ao incorporar na intervenção proposta o filme *Alice através do espelho*, pensou-se em utilizá-lo como instrumento que pudesse despertar no aluno o interesse pela leitura. O uso de novas tecnologias e suportes, mesmo sendo um meio tão difundido, de

fato permitiu aos alunos um maior envolvimento com os temas por nós tratados, uma vez que o cinema tem grande influência sobre os adolescentes.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar (NAPOLITANO, 2009, pp. 11-12).

Ao vincular duas das grandes artes – literatura e cinema –, o professor terá mais subsídios que possam atrair a atenção do aluno, pois não apenas em filmes, mas também em séries a literatura vem, ao longo dos últimos anos, ganhando cada vez mais espaço.

Utilizar o filme na intervenção motivou os alunos, eles aguardaram com muito entusiasmo o dia de assistir ao filme e principalmente prestaram atenção em cada detalhe para posteriormente fazerem as aproximações e os afastamentos dos contos lidos e trabalhados em sala de aula. É fundamental que o professor esteja atento às mudanças, optando pela parceria dos recursos tecnológicos aliados à prática pedagógica para motivar e construir conhecimento. Lembrando sempre que a leitura é fundamental e não deverá jamais perder espaço nas aulas de literatura e letramento literário. Além de eles compreenderem o diálogo entre literatura e cinema e que embora utilizem de linguagem distintas, uma arte não sobressai a outra.

3.3 – Descrição das atividades: a leitura literária em foco

De acordo com a metodologia adotada, foi elaborado um plano/proposta de intervenção, contendo 11 ações que foram desenvolvidas em uma turma de 8º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Professor Plínio Ribeiro”. As atividades foram desenvolvidas entre os dias 7 de maio e 6 de junho de 2018, perfazendo uma carga horária de 22 h/a. A seguir, primeiramente será realizada a descrição das ações, para depois, passar-se à análise dos resultados do desenvolvimento da intervenção.

3.3.1 – Ação I

A intervenção teve início no dia 7 de maio, com 2 módulos/aula de 50 minutos.

O primeiro passo foi a realização de aula expositiva e dialogada sobre a oralidade, com o propósito de explorar o conhecimento prévio dos alunos. A discussão adentrou no tema dos contos de terror, oportunidade em que os alunos contaram histórias que conheciam de maneira entusiástica. Muitos “causos”, lendas do folclore brasileiro e regional, história de assombrações da noite monteclarenses foram recordados, histórias estas contadas principalmente no seio familiar e entre os amigos dos alunos. Atingindo o objetivo proposto – que se consistiu em saber quais os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao tema –, passamos para o livro didático (Coleção Para Viver Juntos), volume do 8º Ano do Ensino Fundamental, em que há o conto “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe (que integra a coletânea de textos da unidade denominada “Conto de enigma e Conto de terror”). Antes de dar início à leitura do conto, foi traçado um breve perfil biográfico de Poe, biografia esta que deixou os alunos curiosos, interessados em desvendar o mistério que envolve a morte do autor. A seguir foram incitados a imaginar, por meio do título, qual seria a narrativa do conto.

3.3.2 – Ação II

Na aula do dia 8 de maio (2 módulos/aula de 50 min.), iniciamos a leitura do conto “O retrato oval”. Após a introdução, demos início à leitura de reconhecimento, a ser feita silenciosa e atentamente, procurando perceber as emoções do narrador em cada momento do texto, para que cada um fizesse sua interpretação, suas inferências e construísse relações com o texto. Posteriormente, a leitura oral e expressiva¹¹ foi feita por mim. Em seguida, os alunos expressaram suas opiniões sobre o conto, suas perspectivas de leitura, e, inclusive, perceberam a existência de duas histórias dentro do texto, a do narrador e a da pintura. Deram suas impressões sobre a perspectiva do narrador e sobre a atitude do pintor; externaram os sentimentos que tiveram, como

¹¹ De acordo com o Glossário do Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – UFMG), “leitura expressiva “designa uma proficiência leitora específica situada entre o simples reconhecimento e decodificação dos signos gráficos (oralização mecânica do texto) e a *performance* artística, que leva às últimas consequências a exploração das possibilidades artísticas do uso do corpo (experiência sensorial) e da voz (vocalização poética), na sua relação com o texto. A *leitura expressiva*, na expectativa de reconstruir e apresentar sua força sugestiva e significativa, se apresenta, então, como um desafio para a apreensão sensorial do texto. Nesse sentido, a expressividade pode motivar um leque de atividades diversificadas nas escolas, que vão de uma interpretação inicial do texto ao prazer de sua transmissão, como animações de leituras, saraus, recitais, dramatizações, gravações (*podcasts*), versões de programas de rádio” (GLOSSÁRIO, [s.d.], [s.p.]).

leitores, em correspondência aos acontecimentos narrados. A seguir, anotaram as palavras e expressões cujo significado não conheciam.

Na aula foi possível fazer uso de quatro descritores (D) do tópico I – Procedimentos de leitura: D1 – Localizar informações explícitas em um texto; D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; D4 – Inferir uma informação implícita em um texto; e D6 – Identificar o tema de um texto.

3.3.3 – Ação III

Em 14 de maio (2 módulos/aula de 50 min.), os alunos assistiram na sala de vídeo a uma adaptação d“O retrato oval” (Figura 1), curta-metragem em forma de animação realizado pela equipe de estagiários da professora Manoela Barreto Borges (projeto PIBID/UFSE), em 2015. A seguir os alunos foram chamados a comparar o conto escrito e a releitura dele, presente no curta. Seguiu-se um debate, no qual foram expostos os mais diversos aspectos relacionados ao conto de Poe.

Figura 1 – Exibição do curta-metragem “O retrato oval”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A partir do texto e da animação, os alunos propuseram desenhar quadrinhos a partir de contos fantásticos (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Elaboração de HQs

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 3 – Elaboração de HQs

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O resultado do trabalho foram HQs narrando a história de “O retrato oval”, as quais foram expostas em conjunto com uma apresentação da professora Claudia Bahia Ribeiro Vasconcelos (mestranda Profletras/Unimontes) (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Exposição dos HQs



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 5 – Exposição dos HQs



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Foram utilizados os seguintes descritores: D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.); D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

3.3.4 – Ação IV

Essa etapa da intervenção (dia 15 de maio, 2 módulos/aula de 50 minutos) começou com a exploração do título do conto “O espelho”. Assim como fora feito com o conto de Poe, os alunos falaram sobre a que remete para eles o título. E as impressões foram o espelho como reflexo da nossa imagem, como objeto mágico, como portal para outros mundos, como o oposto do que é real. Nesse momento, alguns alunos suscitaram uma questão que causou incômodo: a imagem no espelho reflete o que somos no mundo real? Muitos alunos disseram estar insatisfeitos com seus corpos, que não gostam do que veem no espelho, que usam determinadas roupas e acessórios para agradar os amigos ou para serem aceitos por outras “tribos”.

Após a fala de todos e as anotações feitas na lousa com as palavras-chave de cada fala, foi entregue uma cópia do conto de Machado de Assis, do qual fizeram a leitura na sequência. Alguns alunos tiveram muitas dúvidas durante a leitura, devido ao vocabulário do autor. Então foi necessário que, na leitura expressiva, parássemos para fazer uma interpretação, parágrafo a parágrafo, ampliando a compreensão dos alunos em relação ao texto. Na sequência foram retomadas as discussões sobre a imagem que temos de nós mesmos, a postura do personagem em relação ao cargo que ocupa e ao fato de, algum tempo depois, sem as vestes militares Jacobina não se reconhecer no espelho, onde consegue visualizar apenas imagens retorcidas. Os alunos também perceberam a presença simbólica do relógio – e seu repetitivo *tic-tac* – demarcando a passagem do tempo. No encerramento, eles colaram a folha do conto no caderno, e, como dever de casa, foi solicitado que lessem os dois contos novamente.

As atividades contemplaram os seguintes descritores: D1 – Localizar informações explícitas em um texto; D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; D4 – Inferir uma informação implícita em um texto e D6 – Identificar o tema de um texto.

3.3.5 – Ação V

Em 21 de maio (2 módulos/aula, de 50 min.), propusemos aos alunos que comparassem os contos, de forma a perceber as aproximações e distanciamentos entre

ambos. Na ocasião, foram utilizados os seguintes descritores: D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que abordam o mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido; D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa; D11 – Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto; e D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão. Dessa forma, houve um diálogo entre os contos, no qual os alunos expuseram suas considerações e percepções de leitura. Foi discutida a sequência narrativa dos textos, realizando-se uma sondagem dos elementos constituintes: situação inicial, complicação, ações e resolução, desfecho.

3.3.6 – Ações VI e VII

Em 22 de maio (1 módulo/aula de 50 min.) foi desenvolvida uma aula expositiva e dialogada com o objetivo de definir o gênero conto (ação VI). Procurou-se uma explicação que fosse compreensível aos alunos, que, depois das observações da professora, souberam identificar nos contos as seguintes características: uma breve história com poucos personagens, um acontecimento que é o ponto alto da história (o clímax) e a forma como a história se encerra (desfecho). Foram utilizados na presente ação os seguintes descritores: D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros; D9 – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto; e D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. A ação VII, realizada no mesmo dia (1 módulo/aula de 50 min.), consistiu em aula expositiva na qual foram explicadas as características da literatura fantástica. A partir dos contos “O espelho” e “O retrato oval”, foi solicitado aos alunos que sublinhassem nos textos as passagens em que eles encontravam o fantástico de cada narrativa. Depois disso, cada aluno expôs sua opinião para os demais colegas. Nesse momento, muitas dúvidas e divergências foram suscitadas, pois, enquanto uns afirmavam que tal trecho era sobrenatural, outros entendiam que não, que tal acontecimento ocorrera realmente.

Os alunos foram, então, convidados a sentar em círculo, e foi realizado o debate. No conto de Poe, o seguinte trecho causou divergências entre os alunos:

Mas afinal, ao chegar o trabalho quase a seu termo, ninguém mais foi admitido no torreão, porque o pintor se tornara rude no ardor de seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela, mesmo para contemplar o semblante de sua esposa. E não percebia que as tintas

que espalhava sobre a tela eram tiradas das faces daquela que se sentava a seu lado. E quando já se haviam passado várias semanas e muito pouco a fazer, exceto uma pincelada sobre a boca e um colorido nos olhos, a alegria da mulher de novo bruxuleou, como a chama dentro de uma lâmpada (POE, 2008, p. 52).

Os alunos debateram essa passagem do conto, alguns alegando que seria impossível a uma pessoa ficar tanto tempo sem olhar para a esposa, assim como esta permanecer durante horas a fio sem se mover e se alimentar; outros alunos afirmaram que sim, isso era possível, pois o artista estava concentrado na elaboração de sua obra de arte. Quanto a ser possível a esposa ficar sentada por vários dias, alguns alunos acharam que certamente o lugar era confortável, que muitas pessoas ficam muito tempo sentadas em seu serviço e que, portanto, não há nada de estranho nisso.

No conto “O espelho”, a divergência ocorreu no seguinte excerto:

Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a condição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra (ASSIS, 2015, p. 150).

Alguns alunos questionaram a visão distorcida do espelho, pois o objeto, apesar de antigo, até ali refletira imagens perfeitamente. Dizendo ser um sonho ou fruto da imaginação, outros entenderam que, como Jacobina ficara muito tempo sozinho, a imagem criada seria um “amigo imaginário”. Essa discussão se desenvolveu até que, com a compreensão final do texto, eles entenderam que o problema é que o personagem não se reconhecia mais, uma vez que o espelho refletia apenas o exterior, e não o que Jacobina demonstrava para os outros, seu *status* de alferes.

Na ação foram utilizados os seguintes descritores: D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que abordam o mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido; e D21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

3.3.7 – Ação VIII

Em 23 de maio, foi dada sequência ao projeto de intervenção (2 módulos/aula, 50 min.). Antes da exibição do filme, foi ministrada uma aula expositiva com o propósito de apresentar a ficha técnica do filme, algumas críticas dele, realizadas pelos especialistas, e também foi discutido qual a possível relação do filme com o assunto tratado nas aulas anteriores. Os alunos foram, então, encaminhados ao auditório, onde assistiram ao filme *Alice através do espelho*. Pedimos a eles que prestassem bastante atenção aos prováveis significados do espelho no filme.

Após a exibição, como atividade “Para Casa”, foi passado o questionário abaixo, adaptado do elaborado por Marcos Napolitano (2009, p. 56), especialista no uso do cinema em sala de aula.

- 1 – Qual a história do filme?
- 2 – Qual a situação narrada no filme?
- 3 – Descreva a cena de maior impacto para você.
- 4 – Você aprendeu alguma coisa com o filme? O que?
- 5 – Qual foi o seu personagem favorito no filme? Por quê?
- 6 – Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva uma cena que se aproxima mais da realidade.
- 7 – Descreva a cena mais fantástica do filme para você.

3.3.8 – Ação IX

Nos dias 28 e 29 de maio, foi dada sequência à intervenção, totalizando 4 módulos/aula de 50 minutos. Primeiramente os alunos expuseram seus pontos de vista, com base nas respostas que haviam preenchido nos questionários em casa. A seguir foi sugerido a eles que escrevessem um conto fantástico cujo objeto mágico fosse um espelho. Antes de iniciar a elaboração do texto, os alunos foram instruídos a planejar a escrita, baseando-se nos componentes do conto clássico: narrador, espaço, tempo e personagens. Eles poderiam também inserir elementos de suspense: ambiente, detalhamento de objetos, sons, cheiros etc. Todos produziram o texto, mas somente vinte os encaminharam para correção e futura publicação.

3.3.9 – Ação X

No dia 4 de junho (2 módulos/aula), a sala foi organizada em círculo para que os alunos pudessem ler os contos que haviam criado. Na ocasião, os demais colegas

fizeram críticas e considerações sobre os trabalhos apresentados, apontando nestes os aspectos que entendiam dizer respeito ao fantástico.¹²

3.3.10 – Ação XI

No dia 13 de junho foi executada a ação XI, no laboratório de informática. Por meio dos recursos da Internet e da informática, os alunos projetaram o *blog* “Contos Fantásticos”. Nessa ocasião, eles também se mostraram entusiasmados, pois ajudaram diretamente na montagem do leiaute do *blog*, na escolha das fontes, na correção dos textos, no formato e na escolha das ilustrações.

Site: <https://contosfantasticos8d.blogspot.com>

Figura 6 – Blog “Contos Fantásticos”



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Concluída a descrição das atividades da intervenção, a seguir apresentamos uma análise pormenorizada dos resultados.

3.4 – Análise dos resultados da intervenção

O primeiro passo da intervenção consistiu em aproximar o aluno do texto literário, fazendo com que ele se interessasse pela literatura. Nesse sentido, explorar os

¹² No anexo 7 estão alguns dos contos apresentados pelos alunos, os quais selecionamos a título de exemplo do resultado do trabalho.

conhecimentos prévios, as experiências e os interesses pessoais deles foi de fundamental importância para que esse entrosamento leitor-texto ocorresse.

Tendo em vista a importância de despertar no aluno o interesse pela leitura de textos literários, foco do presente trabalho, esse momento foi relevante para o processo de *antecipação*, que representa as várias ações que o leitor executa antes de adentrar no texto propriamente dito. Segundo Rildo Cosson

Nesse caso, são relevantes tanto os objetivos da leitura, que levam o leitor a adotar posturas diferenciadas ante o texto – não lemos da mesma maneira um poema e uma receita de bolo – quanto os elementos que compõem a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. A leitura começa nessa antecipação que fazemos do que diz o texto (COSSON, 2016, p. 40).

Como vimos, na primeira ação interventiva, os alunos contaram variadas histórias fantásticas principalmente as que estão ligadas ao folclore local e as chamadas “lendas urbanas”. A partir daí começamos a explicar a eles a existência de uma parte/tendência da literatura que se ocupa das narrativas fantásticas, da qual o norte-americano Edgar Allan Poe é um dos mais importantes expoentes. Na finalização, questionamos os alunos sobre o título do conto “O retrato oval”: é possível a partir do título imaginar qual história o autor está narrando?.

Na segunda ação, foi feita a leitura do conto, e, após a leitura, os alunos expuseram suas impressões sobre o texto, oportunidade em que buscamos explorar nas explanações deles os elementos que consideravam ligados ao fantástico. A aula foi pensada com os seguintes propósitos: fazer com que os alunos conseguissem identificar informações explícitas e implícitas, perceber os variados sentidos que podem ser atribuídos a uma palavra ou expressão e identificar o tema do texto.

Na terceira etapa, assistiu-se a um curta-metragem baseado no conto de Poe. Após a apreciação, foi pedido aos alunos que comparassem as narrativas do texto e do vídeo com o propósito de perceber se há muitas semelhanças ou diferenças, e quais seriam elas. A conclusão a que chegaram foi a de que os autores do curta tentaram trazer fidedignidade em relação à narrativa do conto; acrescentaram também que a música e o ambiente escuro do curta contribuem para o clima de suspense e fantástico da história. Em seguida, com base no conto e no curta-metragem, os alunos elaboraram HQs, que depois foram expostas na escola. Com os recursos e métodos utilizados, os alunos

conseguiram interpretar o texto a partir de outros elementos (imagens, quadrinhos) e identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

Na ação IV utilizamos a mesma abordagem da primeira, ou seja, a antecipação. Além disso, foi bastante profícuo o debate sobre o simbolismo do espelho e o do relógio nas histórias fantásticas analisadas. Posteriormente, passou-se à exploração do conto “O espelho”, de Machado de Assis, do qual os alunos realizaram minuciosa leitura, inclusive anotando as palavras cujo significado eles não reconheciam. A estratégia tinha como propósito fazer com que conseguissem localizar informações implícitas e explícitas, o significado de palavras ou expressões desconhecidas e identificar o tema de um texto.

Na ação V, os alunos leram os dois contos e entre estes realizaram uma análise comparativa, que foi resumida no quadro a seguir:

Quadro 1 – Comparação de aspectos dos contos “O retrato oval” e “O espelho”

	“O retrato oval”	“O espelho”
Ambiente	Castelo abandonado e sombrio com decoração requintada. Quadro no quarto iluminado pelo candelabro com velas.	O primeiro ambiente narrado é uma casa iluminada por velas. O ambiente da casa da fazenda era modesto e simples, havendo o espelho como único objeto luxuoso. Espelho no quarto do hóspede, no caso, Jacobina.
Narrativa	Existem duas histórias, ou seja, “uma história dentro da outra”. A primeira história é a do narrador que adentra no castelo e encontra a pintura e o livro; e neste livro aparece a segunda narrativa, que informa sobre a história do quadro.	Também existem duas histórias. A primeira é a de um encontro de amigos que estavam conversando sobre coisas sobrenaturais. Em meio ao assunto, o narrador conta uma história (a segunda narrativa) sobre seu passado, a do espelho e os dois “eu” do narrador.
Objetos	Livro contendo a história da jovem retratada na pintura. Quadro de belíssima moldura e pintura.	Diversos livros, que Jacobina passa a maior parte do tempo lendo. Espelho já envelhecido, mas que ainda tem traços de requinte. Relógio.
Tempo	Uma noite.	Alguns dias; o <i>tic-tac</i> do relógio “dá a sensação de que o tempo não passava”.
Personagens	O narrador e o seu criado (do qual pouco se sabe); o pintor e	Na narrativa inicial, Jacobina e seus velhos amigos; na narrativa

	sua bela esposa.	antiga existem a tia Marcolina, a prima adoentada, os poucos escravos e o próprio Jacobina, à época, um belo jovem.
Clímax	O momento de finalização da pintura e a descoberta da mulher, já morta.	Momento em que Jacobina, ao se dirigir ao espelho, enxerga apenas um reflexo distorcido.

Fonte: Elaboração própria, a partir das anotações dos alunos e da professora.

Ainda de acordo com os alunos, no conto machadiano, o excesso de zelo e mimos da tia, demais parentes e escravos, fez com que o jovem Jacobina perdesse a sua personalidade, fazendo surgir outra pessoa. Na opinião de alguns, o objeto misterioso/mágico desse conto não é o espelho, e sim o relógio, com seu repetitivo *tic-tac*. Quanto ao conto “O retrato oval”, disseram que a moça se deixou levar pelo desejo do esposo, sacrificando-se para que o artista pintasse uma obra perfeita; nesse ponto, algumas alunas criticaram a obediência cega da esposa ao marido. Para alguns alunos, a alma e a beleza da jovem foram eternamente aprisionadas no quadro.

A atividade comparativa dos contos teve como propósito identificar o conflito criador do enredo, os elementos que constroem a narrativa e a relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.

Na sétima etapa da intervenção, os discentes leram o “O espelho” com o propósito de encontrar elementos que considerassem fantásticos. Após a leitura, expuseram suas opiniões aos demais colegas. Nesse momento muitas dúvidas e divergências surgiram, pois, enquanto uns afirmavam que tal trecho era sobrenatural, outros entendiam que não, que esse acontecimento ocorrera realmente. Sentados em círculo, os alunos realizaram o debate.

Sobre o conto de Poe, alguns alunos questionaram se era mesmo possível que alguém ficasse tanto tempo sem olhar para a esposa, enquanto outros alunos entenderam que isso era possível. Já no conto de Machado, alguns questionaram a imagem distorcida do espelho, que era velho, mas ainda refletia perfeitamente as imagens; outros entenderam que, por Jacobina ter ficado muito tempo sozinho na casa, a criação da imagem corresponderia a um “amigo imaginário”. Ao final do debate, eles conseguiram perceber que o personagem já não se reconhecia mais, uma vez que o espelho apenas reflete o exterior, e o que Jacobina demonstrava para os outros era seu *status* de alferes, ou seja, sua imagem exterior.

A ação VIII consistiu na exibição do filme *Alice através do espelho*. Ao final do filme, os alunos receberam o questionário para ser respondido em casa. Na ação seguinte eles se organizaram em círculo para o debate sobre o filme. Sobre o enredo, os alunos entenderam que se trata de uma história fantástica que ocorre entre dois mundos ligados por um portal representado por um espelho. Na opinião da aluna L. B., a protagonista “entra em um mundo fantástico e maravilhoso”, onde é possível voltar no tempo. A. C. S. afirmou acreditar que o enredo do filme está na missão de Alice, que é a de ajudar o Chapeleiro maluco a voltar no tempo para recuperar lembranças e sentimentos relacionados aos pais dele.

Sobre a situação inicial do filme, alguns alunos lembraram que, no mundo da realidade, Alice enfrenta uma série de problemas pessoais. Ao atravessar o espelho, ela adentra no País das Maravilhas, onde enfrentará outros desafios, em especial o de recuperar a saúde do Chapeleiro maluco.

Sobre o real e o imaginário no filme, os alunos apontaram a existência de dois mundos: aquele em que vivem Alice e sua família e o mundo dos sonhos e da imaginação. Ainda tratando do fantástico, os alunos escolheram como partes mais surpreendentes do filme o momento em que a menina atravessa o espelho ou pilota o navio e a cronosfera (esfera do tempo), ou até mesmo o momento em que Alice é transformada em pedra.

Quando perguntados sobre as possíveis semelhanças e aproximações entre o filme e os contos, os alunos de imediato mencionaram “O espelho”. Segundo eles, a presença do objeto mágico, no caso, o espelho, é o elo que liga o mundo real com o imaginário ou é o meio pelo qual aparece o outro “eu”. Para os alunos, o espelho abre-se para um mundo imaginário (filme) ou para uma personalidade também imaginária (conto). Assim como a animação, o texto machadiano enfatiza a questão do tempo, representada pelo relógio. Em ambos ocorre uma volta no tempo: Jacobina, por meio de suas memórias, relembra algo ocorrido ainda na juventude; já no filme o tempo é um personagem (vilão, o Tempo) a ser enfrentado, pois, para ajudar o Chapeleiro, Alice precisa voltar no passado e descobrir o que se passou com a família do seu amigo. A aluna L. B. ainda ressaltou outro elemento importante que simboliza o tempo: a lagarta Absolem (lagarta azul), que simbolizaria as mudanças advindas da passagem do tempo.

Na comparação entre o conto de Poe e o filme, os alunos ressaltaram principalmente o papel feminino nas duas histórias. Na opinião de F. S., no conto de Poe, a mulher assume um papel subalterno em relação ao homem, a ponto de sacrificar

a própria vida para satisfazê-lo; já na narrativa fantástica do filme, a protagonista assume um posto até então restrito aos homens, além de não aceitar um casamento imposto pela família e pela sociedade.

Passemos agora à análise dos contos produzidos pelos alunos.

“O herdeiro infernal” (Anexo 7a), escrito por Y. D., narra a história de um menino cuja família tinha o hábito de cobrir os espelhos sempre que um morador da casa falecia, por acreditarem que o espelho tinha o poder de sugar a alma da pessoa morta e transportá-la para o inferno. Um belo dia, esse jovem rapaz foi sugado pelo espelho, indo parar no inferno, onde se viu diante do demônio, que acaba descobrindo ser seu pai verdadeiro. O diabo é aprisionado pelo próprio filho, que se torna, então, o rei do inferno. O conto realça a presença do espelho como sendo um portal direto para o inferno. O clímax está no encontro entre pai e filho, e o desfecho, quando este toma o poder, no inferno.

O conto “Pureza infernal” (Anexo 7b), de G. C., narra uma história passada no Japão. A protagonista era uma jovem bela e pura que se envolveu com um rapaz. Diariamente eles se encontravam no mesmo lugar e horário. Depois de vários encontros, já na primavera, o rapaz pediu a bela jovem em casamento. Aceito o pedido, o rapaz se transfigura, assumindo a sua verdadeira face demoníaca. Eles selam, então, um pacto de sangue: o demônio quebra o espelho que havia dado à amada e ambos se cortam, proclamando em uníssono a frase “conhece-te a ti mesmo”, e, assim, o casal vai direto para o inferno. O conto é narrado em terceira pessoa (narrador onisciente); o espaço é o mundo oriental (ambientação típica dos mangás); quanto ao tempo, a história se passa na primavera; e os personagens – Takeo e Akane – são dois jovens apaixonados. A presença do espelho no conto está ligada à vaidade da jovem que, ao ver diariamente o seu reflexo no espelho, acaba obcecada com a própria beleza. O clímax é a quebra do espelho, cujos cacos são utilizados para a realização do pacto de sangue, que sela a ida do casal para as profundezas do inferno.

O conto “O espelho e a morte” (Anexo 7d) é narrado em terceira pessoa, o tempo é cronológico e o espaço, real. Trata-se da história de três pessoas que tiveram mortes trágicas em uma casa; após o ocorrido o lugar fica com fama de mal-assombrado, ocorrendo ali muitos fatos sobrenaturais. Ao tentar investigar os fatos misteriosos, dois amigos acabam morrendo misteriosamente.

O conto “O espelho que sugava almas” (Anexo 7c), de I. F. S., é escrito em primeira pessoa, e nele há a presença de dois objetos principais: o livro e o espelho.

Nessa narrativa, o livro contém conhecimentos relativos ao mundo da magia e ao espelho, que vivia coberto, porque o seu reflexo tinha o poder de sugar a alma das pessoas. O conto se encerra com uma carta de despedida, pois o narrador morre, entregando-se ao espelho, para ir encontrar com seus avós, no além. O narrador é em primeira pessoa, o espaço é real e o tempo é psicológico. Assim como no conto de Poe, o livro conta a história de um objeto, no caso o espelho, que guarda todo um mistério envolvendo os antepassados do protagonista, além de segredos de feitiçaria.

O conto “Duas garotas e um espelho” (Anexo 7e), de E. O., é narrado em terceira pessoa. A narrativa trata de uma menina que era sempre vista, em noites chuvosas, na porta de um cemitério e com um espelho nas mãos. Juliana, uma menina recém-chegada à cidade, é advertida a não se aproximar da “menina dos olhos cinza”, a do espelho. Contrariando as advertências, as duas fazem amizade e passam a brincar durante a noite entre as lápides do cemitério. Juliana acaba descobrindo que sua amiga é uma alma penada, quando esta acaba transportando-a para o mundo que existe do outro lado do espelho, um lugar onde estão presas as almas das pessoas já falecidas da cidade. Na narrativa o tempo é cronológico, e o narrador está em terceira pessoa. De início, o espaço é real, mas posteriormente se torna um espaço imaginário (a entrada das meninas no espelho). Nessa narrativa, o espelho assume papel de grande importância, pois é ele o portal que separa dois mundos, aqui entendido como o elo entre o mundo dos mortos e o dos vivos.

Em “O espelho amaldiçoado” (Anexo 7f), de A. C. C. S., o narrador é em 3ª pessoa, o espaço alterna entre o real e o imaginário e o tempo é cronológico. Uma menina é abandonada pelos pais em uma casa isolada. Ao passar pela floresta, a menina percebe a existência de uma casa onde havia um espelho, no qual havia uma criança aprisionada. Ao tentar ajudar o menino a se libertar, a menina acaba morrendo de maneira misteriosa.

O conto “O garoto” (Anexo 7h), de autoria de C. E., é narrado em terceira pessoa e trata de um garoto solitário, cujos pais são muito ausentes. Voltando de uma aula de literatura, em que fora discutido um livro que tratava de morte, ele, ao passar em frente a uma casa abandonada, vê uma menina brincando no balanço. Ao chegar em casa, o menino se olha no espelho e percebe que, junto ao seu reflexo, aparece a imagem da mesma menina. Ele, intrigado e confuso, dirige-se para a casa abandonada, à procura de uma explicação. Lá encontra a menina envolta em um ritual satânico e, após interagir com ela, acaba assinando com sangue o seu nome no livro de Lúcifer, garantindo a

entrega de sua alma a este, e morre. O conto retoma o ambiente de uma casa abandonada, o livro, a presença de rituais satânicos, a morte e a entrega da alma ao demônio, temas que são muito comuns na literatura que os alunos apreciam.

De modo geral, o tema do espelho como portal para o mal, inferno, que leva ao demônio, é recorrente nos contos dos alunos, demonstrando que eles entendem o sobrenatural como uma luta entre o bem e o mal.

Após a leitura dos contos dos alunos em sala, foi realizada a seleção dos textos que seriam publicados no *blog*. Os critérios adotados para a escolha foram: a proximidade com os contos de Machado de Assis, Poe e o filme; as histórias mais sombrias; e as que despertaram mais curiosidade e entusiasmo dos alunos.

No dia 6 de maio, os alunos se reuniram na sala de informática para a construção do *blog*, digitação dos contos e sua inserção no *blog*. Eles então escolheram a denominação “Contos Fantásticos” para o *blog* e selecionaram o leiaute para ele. Nessa ocasião, mostraram-se entusiasmados, por terem tido a oportunidade de ajudar em todas as etapas de montagem do *blog*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.
(Antonio Candido, 1995)

A intervenção planejada e posta em execução começou a ser pensada a partir das dificuldades e dos desafios enfrentados diariamente pelos professores do Ensino Fundamental no trabalho com leitura literária. Entre os obstáculos a serem superados está a falta de entusiasmo e interesse dos alunos por esse tipo de leitura, ou seja, os discentes não têm desenvolvido as habilidades e competências de leitura. Nessa empreitada, primeiramente, partimos para a detecção das dificuldades que embaraçam o desenvolvimento do aluno leitor e, em seguida, para o estudo das abordagens teóricas que tratam de letramento literário, leitura e literatura no contexto escolar.

As dificuldades percebidas na primeira etapa levaram ao redirecionamento de parte do planejamento, com a inserção de novas estratégias que permitissem a aproximação dos alunos com o texto literário e o desenvolvimento das habilidades leitoras deles. Ao identificar o fantástico como sendo o gênero pelo qual os alunos têm muito interesse, foi estabelecido o conto fantástico, do ponto de vista do letramento literário, como o gênero a ser tratado na intervenção. O objetivo desta basicamente consistia em promover a melhoria da leitura por meio de uma maior proximidade com a literatura, para dar ao aluno a oportunidade de conhecer o texto literário e torná-lo parte de suas experiências de vida.

A experiência proporcionada por essa intervenção, realizada com alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Professor Plínio Ribeiro”, permite reafirmar o quanto a literatura é indispensável para o ser humano e, principalmente, para as crianças e adolescentes que estão em formação escolar. A fase preliminar do estudo e sua execução possibilitaram a compreensão dos motivos que levam ao distanciamento do aluno em relação à literatura, pois, segundo eles, a forma como a escola ensina a literatura é muito antiquada e desinteressante diante das novas tecnologias da informação, tais como a *internet*, os serviços de *streaming* e as redes sociais.

Percebemos, enfim, que essas tecnologias têm desviado o interesse dos alunos pela literatura.

Notamos que, desde o início da intervenção, o interesse e o entusiasmo dos alunos foram consideráveis, talvez pelo fato de se ter privilegiado o gênero de maior interesse deles. As práticas didáticas de letramento literário postas em ação com a turma – como a leitura silenciosa seguida por outras estratégias, tais como a leitura compartilhada, o debate sobre temas e aspectos relacionados aos contos, a comparação entre os contos estudados (“O retrato oval” e “O espelho”), a interpretação dos textos e a contextualização das obras e, finalmente, a biografia dos autores – aumentaram a vinculação entre os leitores e os textos. As atividades desenvolvidas proporcionaram aos alunos a livre exposição de suas opiniões sobre os contos, em especial, a detecção dos aspectos e detalhes que mais chamaram a atenção, a associação entre vários aspectos dos contos com outras histórias e até mesmo com a própria vivência.

O trabalho com a produção escrita foi a etapa mais difícil, uma vez que os alunos preferiam contar oralmente seus “causos” e lendas, ao invés de colocá-los no papel. No entanto, a ideia de criação do *blog* e a aula na sala de informática foram elementos que estimularam os alunos para o desenvolvimento da escrita. Outro aspecto percebido foi que os alunos não queriam produzir seus textos manualmente, fazendo a opção por digitá-los. Notamos também que as discussões, análises, reflexões e produções escritas conduzidas e mediadas pela professora mostraram-se essenciais para que os discentes desenvolvessem um maior entrosamento com o texto literário.

Dessa forma, a presente intervenção evidencia a necessidade de mudança na forma de tratar a literatura em sala de aula, mostrando que deve haver também a adoção de outras práticas e estratégias de letramento literário, acompanhar a leitura dos textos literários, de modo a proporcionar a aproximação do aluno com eles, favorecendo a formação de leitores. Ao explorar o interesse dos discentes pela literatura fantástica, a professora descobriu um universo ficcional que, ao ser explorado, pôde ser a porta de entrada para o estudo – e a leitura – de outros autores e gêneros.

O título do trabalho evoca justamente o propósito da pesquisa, isto é, a leitura dos contos sendo tomada como ponto de partida para a formação do leitor na escola. Os contos são um convite para viagens mais longas através dos livros, permitindo que o aluno se interesse e tome gosto pela leitura. Mesmo ao término do projeto, muitos alunos, ao se depararem com textos que remetiam ao objeto “espelho”, relatavam e traziam para a sala para compartilhar com os demais. Relembrando o mestre Antonio

Candido (1989), muito além de um deleite, a literatura é capaz de humanizar o homem, pois nos faz perceber o que há de humano em nós. Com ela, acreditamos que os alunos podem se tornar não apenas exímios leitores, como também cidadãos capazes de compreender e questionar a sociedade da qual fazem parte.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Formação de leitores-professores. In: MARTNS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versani. **A escolarização da leitura literária**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp. 248-254.

ALICE através do espelho. Direção: James Bobin; Produção: Tim Burton. Nova Iorque: Walt Disney Company, 2016. 1 DVD.

ARAÚJO, Eduardo. **A construção do livro**. Rio de Janeiro/Brasília: Nova Fronteira/Instituto Nacional do Livro, 2015.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BARROS, Andrea. Reflexos do medo na modernidade: uma leitura de “O espelho” (1882), de Machado de Assis. **Miscelânea – Revista de Literatura e Vida Social**, [s.l.], v. 4, out. 2017, pp. 102-114. Disponível em: <<http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/732>>.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORTOLON, Daniela. **De Sherlock Holmes a Shakespeare: um caminho a ser descoberto projeto de ensino de literatura: o leitor como foco, o professor como mediador**. 175 fls. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2228/1/390385.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BOSI, Alfredo. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, 2014, pp. 23-246.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: volume 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

BRASIL. Fundação Capes. Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras). **Portal do Governo Brasileiro [site]**. 19/04/2013 [Última atualização: 19/03/2018]. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/profletras>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). 2017a. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/inicio>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)**. Brasília, 2017b.

BRASIL. Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). **Guia do livro didático – Ensino Médio**. Brasília: MEC/FNDE, 2017c.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Educacenso – Censo escolar da Educação Básica**. Brasília, 2017d.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Banco de dados dos resultados da Prova Brasil**. 2017e. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/resultados>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BRASIL. Fundação Capes. Programa de Avaliação da Educação Básica. **Mestrados Profissionais para Professores da Educação Básica (Proeb)**. 10/01/2018 [Última Atualização: Quarta, 13 Março 2019]. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/proeb>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BUSNARDO, Joanne; BRAGA, Denise Bértoli. Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 38, jan.-jun. 2000, pp. 91-114.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Série Conversas com o Professor, 1)

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. R. (org.). **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed., rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, ANTONIO. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, 1999.

CARILLA, Emilio. **El cuento fantástico**. Buenos Aires: Nova, 1968.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Adaptação de Ruy Castro e ilustração de Laura Beatriz. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 1992[1865].

CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho: e o que ela encontrou lá**. Trad. Cynthia Beatrice Costa. São Paulo: Poetisa, 2015[1872].

CHARTIER, Roger. Os livros resistirão às novas tecnologias. [Entrevista a Cristina Zahar]. **Revista Nova Escola**, 1 ago. 2007. Acesso em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistirao-as-tecnologias-digitais>>. Acesso: 10 fev. 2019.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas da teoria literária**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014[1955].
- ESTEVES, Maylah Longo Gonçalves Menezes. **O fantástico em Edgar Allan Poe e Machado de Assis: um estudo comparado**. 97 fls. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, 2017.
- EVANGELISTA, Josiane Luzia; CALZAVARA, Rosemari Bendlin. Cinema e literatura: do clássico ao moderno. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 17, n. 2, pp. 216-219, 2016.
- FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FIORUSSI, André. **De conto em conto**. São Paulo: Ática, 2003.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A literatura fantástica: gênero ou modo? **Terra Roxa e Outras Terras – Rev. de Estudos Literários**, v. 26, dez. 2013, pp. 1-130.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GLOSSÁRIO do Ceale**. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG). [s.d.]. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-expressiva>>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios)
- HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. 3. ed. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus Editorial, 1980. (Coleção Novas Buscas em Educação, v. 7)
- JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2012.
- KIEFER, Charles. **A poética do conto: de Poe a Borges, um passeio pelo gênero**. São Paulo: Leya, 2011.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, pp. 15-61. (Coleção Letramento, Educação e Ensino).
- LAITANO, Paloma Esteves; PERNA, Cristina Lopes. O clássico Edgar Allan Poe. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, pp. 7-10, 2009.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1999.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 17ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

O RETRATO oval [Animação. Adaptado do conto de Edgar Allan Poe]. Edição: Joyslan San de Oliveira. Dublagem: Manuela Barreto Borges. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yj0yHn0bclI>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. **Algumas especificidades da leitura literária**. Relatório de pesquisa. Brasília: CNPq, 2008.

PAULINO, Maria das Graças; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, T. M. K; ZILBERMAN, R. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda *et al.* **Para viver juntos: português: ensino fundamental**. 2ª ed. São Paulo: Edições SM, 2011. (Coleção para Viver Juntos, 8º Ano do Ensino Fundamental)

PEREIRA, Maria da Luz Alves; RODRIGUES, Rauer Ribeiro. Um retrato tradutório de “O retrato oval”. **Revista Solettras**, Rio de Janeiro, n. 24, fev. 2012, pp. 175-195.

PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e literatura: dois sistemas semióticos distintos. **Kaliópe**, São Paulo, ano 5, n. 10, pp. 42-69, ago.-dez., 2009.

PERIN, Denise Alexandre. **Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e sociedade**, São Paulo, n. 9, pp. 17-29, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Em defesa da literatura. **O Globo**, Caderno Prosa e Verso, 2016, p. 12.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

PHILIPPOV, Renata. Edgar Allan Poe e Machado de Assis: intertextualidade e identidade. **Itinerários**, Araraquara, n. 33, 2011.

POE, Edgar Allan. **Livro completo de Edgar Allan Poe**. Org. Shelley Costa Bloomfield. Rio de Janeiro: Madras, 2008.

PROLIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ibope, 2015.

REZENDE, Neide Luzia de. **Ensino de literatura e a leitura literária**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Machado, um contista desconhecido**. Disponível em: <http://www.machadodeassis.net/rev_num01_artigo02.asp>. Acesso em: 7 jun. 2008.

RIBEIRO, Renato Janine. O mestrado profissional na política atual da Capes. **Revista Brasileira de Pós-graduação**, v. 2, n. 4, pp. 8-15, jul. 2015.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SARAIVA, Catarina Alexandra Coelho dos Santos. **Espelhos e reflexos: estratégias de representação e (des)construção do corpo e da identidade femininos**. Dissertação (Mestrado em Pintura) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. Lisboa, 2011.

- SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2004.
- SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 11-41, jan. 2006.
- SILVA, Ezequiel. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- SILVA, Marli Lobo. **A teoria da recepção e do efeito aplicadas ao texto literário de Machado de Assis e Edgar Allan Poe**. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de Goiânia (PUC-GO). Goiânia: 2013.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann; TURCHI, Maria Zaira (Orgs.). **Leitor formado, leitor em formação** – leitura literária em questão. São Paulo/Assis: Cultura Acadêmica/ANAP, 2006.
- SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In: **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento e cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, pp. 143-160, 2002.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: MARTINS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versani. **A escolarização da leitura literária**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp. 17-48.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOLÉ, Izabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA, Maria Salete Daros de. **A conquista do jovem leitor: uma proposta alternativa**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.
- TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. São Paulo: DIFEL, 2010a.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 4ª ed. Trad. Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2010b.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: antilhões. In: EVMGEISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versani. **A escolarização da leitura literária**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- ZAPPONE, Mirian H. Y. Fanfics – um caso de letramento literário na cibercultura? **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, pp. 29-33, abr.-jun. 2008.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.
- ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Bom Livro, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de Literatura. In: COSSON, Rildo; PAULINO, Graça (Orgs.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1

Rio de Janeiro — Sexta-feira 8 de Setembro de 1882

Ano VIII

N. 250

ASSINATURA PARA O ANO... PAGAMENTO AVANÇADO... Rua de Oliveira n. 70

ASSINATURA PARA O ANO... PAGAMENTO AVANÇADO... Typographia—Rua Sete de Setembro n. 72

Numero avulso 40 rs.

Numero avulso 40 rs.

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fins de março, junho, setembro ou dezembro. Os artigos enviados á redacção não serão restituídos ainda que não sejam publicados

EXPEDIENTE
Seu Sr. assignante que não quer continuar com o seu assignatura pedimnos que se reformem em tempo para não haver interrupção da publicação.

TELEGRAMMAS
Servico telegraphico da Cidade de Noticias
MONTVIELO, 7 de Setembro.
Pellegrino pede a general Pimenta e esta commoventemente a general Apparecido.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

RELAZÃO DO SENADO
Relatório apresentado ao Senado da Câmara de Rio de Janeiro, em 27 de Setembro de 1882, sobre a situação da administração municipal.

O espelho foi publicado pela primeira vez no jornal Gazeta de Noticias, do Rio de Janeiro, em 8 de setembro de 1882. Fonte: www.bn.br.

ANEXO 2

Conto de Machado na Primeira Edição de Papéis Avulsos

MACHADO DE ASSIS

PAPEIS AVULSOS

O ALIENISTA — THEORIA DO MEDALHÃO
 A CHINELA TURCA
 NA ARCA — D. BENEDICTA — O SEGREDO DO BONZO
 O ANEL DE POLYCRATES
 O EMPRESTIMO — A SERENISSIMA REPUBLICA
 O ESPELHO
 UMA VISITA DE ALCIBIADES — VERBA TESTAMENTARIA

RIO DE JANEIRO

Typographia e Lithographia a vapor, Encadernação e Livraria

Lombaerts & C.

7 — Rua dos Ourives — 7

1882

O ESPELHO

ESBOÇO DE UMA NOVA THEORIA DA ALMA HUMANA

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, varias questões de alta transcendencia, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espiritos. A casa ficava no morro de Santa Thezeza, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se mysteriosamente com o luar que vinha de fóra. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrellas pestanejavam, atravez de uma atmospherá limpida e socegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metaphysicas, resolvendo amigavelmente os mais arduos problemas do universo.

Porque quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que fallavam; mas, além d'elles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, co-

chilando, cuja esportula no debate não passava de um o outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta annos, era provinciano, capitalista, intelligente, não sem instrucção, e, ao que parece, astuto e caustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era a fórma polida do instincto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e accrescentava que os seraphins e os cherubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como dêsse esta mesma resposta n'aquella noite, contestou-lh'a um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava elle) reflectiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, succedeu que este casmurro usou da palavra, e não dous ou tres minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veiu a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o accordo, mas a mesma discussão, tornou-se difficil, senão impossivel, pela multiplicidade de questões que se deduziram do

tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião, redarguiu elle ; uma ou outra póde dar logar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que resalta a mais clara demonstração ácerca da materia de que se trata. Em primeiro logar, não ha uma só alma, ha duas...

— Duas ?

— Nada menos de duas almas. Cada creatura humana traz duas almas comsigo : uma que olha de dentro para fóra, outra que olha de fóra para dentro... Espantem-se á vontade ; pódem ficar de bocca aberta, dar de hombros, tudo ; não admitto replica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior póde ser um espirito, um fluido, um homem, muitos homens, um objecto, uma operação. Ha casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa ; — e assim tambem a polka, o voltarete, um livro, uma machina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o officio dessa segunda

alma é transmittir a vida, como a primeira ; as duas completam o homem, que é, metaphysicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existencia ; e casos ha, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existencia inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquelle judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. « Nunca mais verei o meu ouro, diz elle a Tubal ; *é um punhal que me enterras no coração* ». Vejam bem esta phrase ; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para elle. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

— Não ?

— Não, senhor ; muda de natureza e de estado. Não alludo a certas almas absorventes, como a patria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de Cesar e de Cromwell. São almas energicas e exclusivas; mas ha outras, embora energicas, de natureza mudavel. Ha cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros annos, foi um chocalho ou um cavallinho de páu, e mais tarde uma provedoria de irmandade, supponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, — na verdade, gentilissima, — que muda de alma exterior

cinco, seis vezes por anno. Durante a estação lyrica é a opera ; cessando a estação, a alma exterior substitue-se por outra : um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petropolis...

— Perdão; essa senhora quem é ?

— Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome : chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado d'essas trocas. Não as relato, porque iria longe ; restrinjo-me ao episodio de que lhes fallei. Um episodio dos meus vinte e cinco annos...

Os quatro companheiros, anciosos de ouvir o caso promettido, esqueceram a controversia. Santa curiosidade ! tu não és só a ama da civilisação, és tambem o pomo da concordia, fructa divina, de outro sabor que não aquelle pomo da mythologia. A sala, até ha pouco ruidosa de physica e metaphysica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memorias. Eis aqui como elle começou a narração :

— Tinha vinte e cinco annos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa ! tão contente ! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo

uma alegria sincera e pura. Na villa, note-se bem, houve alguns despeitados ; chôro e ranger de dentes, como na Escriptura ; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Supponho tambem que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita : nasceu da simples distincção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam commigo, e passaram a olhar-me de revez, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação ; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viuva do capitão Peçanha, que morava a muitas leguas da villa, n'um sitio escuso e solitario, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ella e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pagem, que d'ahi á dias tornou á villa, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sitio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mez, pelo menos. E abraçava-me ! Chamava-me tambem o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a provincia não havia outro que me puzesse o pé adiante. E sempre alferes ; era al-

feres para cá alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãosinho, como d'antes; e ella abanava a cabeça, bradando que não, que era o « senhor alferes ». Um cunhado d'ella, irmão do finado Peçanha, que alli morava, não me chamava de outra maneira. Era o « senhor alferes », não por gracejo, mas a serio, e á vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor logar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnifica, que destoava do resto da casa, cuja mobilia era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdára da mãe, que o comprára a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia n'isso de verdade; era a tradiçãõ. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos angulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

— Espelho grande ?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza,

porque o espelho estava na sala ; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do proposito ; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o « senhor alferes » merecia muito mais. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obsequios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam. creio eu ?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se ; mas não tardou que a primitiva cedesse á outra ; ficou-me uma parte minima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era d'antes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortezia e os rapapés da casa, tudo o que me fallava do posto, nada do que me fallava do homem. A unica parte do cidadão que ficou commigo foi aquella que entendia com o exercicio da patente ; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custalhes acreditar, não ?

— Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

— Vai entender. Os factos explicarão melhor os

sentimentos; os factos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um philosopho antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos factos. Vamos vêr como, ao tempo em que a consciencia do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dôres humanas, as alegrias humanas se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apathica ou um sorriso de favor. No fim de tres semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma noticia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente d'alli a cinco leguas, estava mal e á morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãi extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ella, e a mim que tomasse conta do sitio. Creio que, se não fosse a afflicção, disporia o contrario; deixaria o cunhado, e iria commigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo sentí uma grande oppressão, alguma cousa semelhante ao effeito de quatro paredes de um carcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espiritos boçaes. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse

menos intensa, e a consciencia mais debil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortezias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade domestica interrompida. Notei mesmo, n'aquella noite, que elles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes ha de ser coronel; nhô alferes ha de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e prophecias, que me deixou extatico. Ah! perfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

— Matal-o?

— Antes assim fosse.

— Cousa peor?

— Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento proprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguem. entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum folego humano. Corri a casa toda, a sênzala, tudo, nada, ninguem, um molequinho que fosse. Gallcs e gallinhas tão sómente, um par de mulas, que philosophavam a vida, sacudindo as moscas, e tres bois. Os mesmos cães foram

levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era peor. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do damno causado á tia Marcolina; fiquei tambem um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ella, para lhe dar a triste noticia, ou ficar tomando conta da casa. Adoptei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia sómente augmentar a dôr da mãe, sem remedio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse n'aquelle dia ou no outro, visto que tinham sahido havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestigio d'elle; e á tarde comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a acção nervosa, e não tivesse consciencia da acção muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquella semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de seculo a seculo, no velho relógio da sala, cuja pendula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior,

como um piparote continuo do eternidade. Quando muitos annos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribillo: *Never, for ever!* — *For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me d'aquelles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: — *Never, for ever!* — *For ever, never!* Não eram golpes de pendula, era um dialogo do abysmo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silencio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac.* Ninguem nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguem em parte nenhuma... Riem-se?

— Sim, parece que tinha um pouco de medo.

— Oh! fôra bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o caracteristico d'aquella situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicavel. Era como um defuncto andando, um somnambulo, um boneco mecanico. Dormindo, era outra cousa. O somno dava-me allivio, não pela razão commum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse phenomeno: —

o somno, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava actuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da familia e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e promettia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando accordava, dia claro, esvaia-se com o somno, a consciencia do meu ser novo e unico, — porque a alma interior perdia a acção exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu sahia fóra, a um lado e outro, a ver se descobria algum signal de regresso. *Sœur Anne, sœur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, cousa nenhuma; tal qual como na lenda franceza. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac.* Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janellas, assobiava. Em certa occasião lembrei-me de escrever alguma cousa, um artigo politico, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e phrases soltas, para intercalar no estylo. Mas o estylo, como a tia Marcolina, deixava-se estar. *Sœur Anne, sœur Anne...*

Cousa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

— Mas não comia?

— Comia mal, fructas, farinha, conservas, algumas raizes tostadas ao fogo, mas supportaria tudo alegremente, se não fôra a terrivel situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, lyras de Gonzaga, oitavas de Camões, decimas, uma anthologia em trinta volumes. A's vezes fazia gymnastica; outras dava beliscões nas pernas; mas o effeito era só uma sensação physica de dôr ou de canção, e mais nada. Tudo silencio, um silencio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pendula. *Tic-tac, tic-tac...*

— Na verdade, era de enlouquecer.

— Vão ouvir cousa peor. Convém dizer-lhes que, desde que ficára só, não olhára uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, n'aquella casa solitaria; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradicção humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e

recuei. O proprio vidro parecia conjurado com o resto do universo ; não me estampou a figura nitida e inteira, mas vaga, esfumada, diffusa, sombra de sombra. A realidade das leis physicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo ; attribui o phenomeno á excitação nervosa em que andava ; receiei ficar mais tempo, e enlouquecer.—Vou-me embora, disse commigo. E levantei o braço com gesto de máu humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro ; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando commigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrepito, affligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma cousa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho ; a imagem era a mesma diffusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicavel, por um impulso sem calculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéa...

— Diga.

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistencia de desesperado, contemplando as proprias

feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a,romptei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, emfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sitio, dispersa e fugida com os escravos, eil-a recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco emerge de um lethargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objectos, mas não conhece individualmente uns nem outros; emfim, sabe que este é Fulano, aquelle é Sicrano; aqui está uma cadeira, alli um sofá. Tudo volta ao que era antes do somno. Assim foi commigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um automato, era um ente animado. D'ahi em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, tres

horas, despia-me outra vez. Com este regimen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

FIM DO ESPELHO.

ANEXO 3

O retrato oval

O castelo cuja entrada meu criado se aventurara a forçar para não deixar que eu passasse a noite ao relento, gravemente ferido como estava, era um desses monumentos ao mesmo tempo grandiosos e sombrios que por tanto tempo se ergueram carrancudos entre os Apeninos, tanto na realidade como na imaginação da Sra. Radcliffe. Segundo todas as aparências, tinha sido temporária e muito recentemente abandonado. Aboletamo-nos em uma das salas menores e menos suntuosamente mobiliadas, localizada num afastado torreão do edifício. Eram ricas, embora estragadas e antigas suas decorações. Tapeçarias pendiam das paredes, adornadas com vários e multiformes troféus de armas, de mistura com um número insólito de quadros de estilo bem moderno em molduras de ricos arabescos de ouro. Por esses quadros, que enchiam não só todas as paredes, mas ainda os numerosos ângulos que a esquisita arquitetura do castelo formava, meu delírio incipiente me fizera talvez tomar profundo interesse. Assim é que mandei Pedro fechar os pesados postigos da sala pois já era noite, acender as velas de um enorme candelabro que se achava à cabeceira de minha cama e abrir completamente as franjadas cortinas de veludo preto que envolviam o leito. Desejei que tudo isso fosse feito, a fim de que pudesse abandonar-me senão ao sono, pelo menos, alternativamente, à contemplação desses quadros e à leitura de um livrinho que encontrara sobre o travesseiro e que continha a crítica e a descrição das pinturas. Li, li durante muito tempo e longamente contemplei aqueles quadros. Rápida e esplendidamente as horas se escoaram e a profunda meia-noite chegou. A posição do candelabro me desagradava e, estendendo a mão, com dificuldade, para não perturbar o sono do criado, coloquei-o de modo a lançar seus raios de luz em cheio sobre o livro. Esse gesto, porém, produziu um efeito totalmente inesperado. Os raios das numerosas velas (pois haviam muitas) caíam agora dentro de um nicho da sala que até então estivera mergulhado na intensa sombra lançada por uma das colunas da cama. E assim vi, plena luz, um retrato até então despercebido. Era o retrato de uma jovem no alvorecer da feminilidade. Olhei rapidamente para o retrato e depois fechei os olhos. Por que isso fizera, eu mesmo não o percebi a princípio. Mas, enquanto minhas pálpebras permaneciam fechadas, revolvi na mente a razão de assim ter feito. Era um movimento impulsivo, para ganhar tempo de pensar, para certificar-me de que minha vista não me iludira, para acalmar e dominar a fantasia, forçando-a a uma contemplação mais serena e mais segura. Logo depois, olhei

de novo, fixamente. para o quadro. Do que então vi claramente não poderia nem deveria duvidar. Porque o primeiro clarão das velas sobre aquele quadro como que dissipou o sonolento torpor que furtivamente se apossava de meus sentidos e sem demora me pôs completamente desperto. O retrato, como já disse, era o de uma jovem. Apenas a cabeça e os ombros, feitos na maneira tecnicamente chamada vignette, e bastante no estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o colo, e mesmo as pontas do cabelo luminoso perdiam-se imperceptivelmente na vaga porém profunda sombra formada pelo fundo do conjunto. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada à mourisca. Como obra de arte, nada podia ser mais admirável do que a própria pintura. Mas aquela comoção tão súbita e tão intensa não me viera nem da execução da obra nem da imortal beleza do semblante. Menos do que tudo poderia ter sido minha imaginação que despertada de seu semi torpor, teria tomado aquela cabeça pela de uma pessoa viva. Vi imediatamente que as peculiaridades do desenho, do trabalho do vinhetista e da moldura deviam ter de pronto dissipado tal idéia, impedido mesmo seu momentâneo aparecimento. Permaneci quase talvez uma hora semierguido, semi-inclinado, a pensar intensamente sobre tais pormenores, com a vista fixada no retrato. Por fim, satisfeito com o verdadeiro segredo de seu efeito, deixei-me cair na cama. Descobri que o encanto do retrato estava na expressão de uma absoluta aparência de vida que a princípio me espantou para afinal confundir-me, dominar-me e aterrar-me. Com profundo e reverente temor, tornei a pôr o candelabro em sua primitiva posição. Afastada assim de minha vista a causa de minha aguda agitação, busquei avidamente o volume que descrevia as pinturas e sua história. Procurando a página que se referia ao retrato oval, li as imprecisas e fantásticas palavras que se seguem: Era uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria. E maldita foi a hora em que ela viu, amou e desposou o pintor. Ele era apaixonado, estudioso, austero e já tinha na Arte a sua desposada. Ela, uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria, toda luz e sorrisos, travessa como uma jovem corça; amando com carinho todas as coisas; odiando somente a Arte, que era sua rival; temendo apenas a paleta, os pincéis e os outros sinistros instrumentos que a privavam da contemplação do seu amado. Era, pois terrível coisa para essa mulher ouvir o pintor exprimir o desejo de pintar o próprio retrato de sua jovem esposa. Ela era, porém, humilde e obediente, e sentava-se submissa durante horas no escuro e alto quarto do torreão, onde a luz vinha apenas de cima projetar-se, escassa, sobre a alva tela. Mas ele, o pintor, se regozijava com sua obra, que continuava de hora em hora, de dia em dia, e era um homem apaixonado, rude e extravagante, que vivia perdido em

devaneios; assim não percebia que a luz que caía tão lívida naquele torreão solitário ia murchando a saúde e a vivacidade de sua esposa, visivelmente definhando para todos, menos para ele. Contudo, ela continuava ainda e sempre a sorrir, sem se queixar, porque via que o pintor (que tinha alto renome) trabalhava com fervoroso e ardente prazer e porfiava, dia e noite, por pintar quem tanto o amava, mas que todavia, se tornava cada vez mais triste e fraca. E, na verdade, alguns que viram o retrato falavam em voz baixa de sua semelhança como de uma extraordinária maravilha, prova não só da mestria como de seu intenso amor por aquela a quem pintava de modo tão exímio. Mas afinal, ao chegar o trabalho quase a seu termo, ninguém mais foi admitido no torreão, porque o pintor se tornara rude no ardor de seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela, mesmo para contemplar o semblante de sua esposa. E não percebia que as tintas que espalhava sobre a tela eram tiradas das faces daquela que se sentava a seu lado. E quando já se haviam passado várias semanas e muito pouco a fazer, exceto uma pincelada sobre a boca e um colorido nos olhos, a alegria da mulher de novo bruxuleou, como a chama dentro de uma lâmpada. E então foi dada a pincelada e completado o colorido. E durante um instante o pintor ficou extasiado diante da obra que tinha realizado mas em seguida, enquanto ainda contemplava, pôs-se a tremer e, pálido, horrorizado, exclamou em voz alta: "Isto é na verdade a própria vida. Voltou-se, subitamente, para ver a sua bem-amada... Estava morta!

(POE, Edgar Allan. *Contos Universais*. São Paulo: Ática, 2003, 9 ed. pp. 49-53. Coleção para gostar de ler, volume II.)

ANEXO 4

Seleção de redações produzidas pelos alunos (cópia dos manuscritos)

Hoje em dia os adolescentes não tem interesse pela literatura eles querem saber sobre: celular, computador etc. Mas tem alguns adolescentes que gostam de ler livros como Harry Potter, Narnia e outros livros. Eu mesmo gosto mais ou menos de ler livros, prefiro ficar no computador de vez em quando. Mas essa coisa de literatura é muito ruim e eu recomendo que os adolescentes leiam livros.

Arthur Arthur



8^o Leticia Rodrigues Queiroz

* Porque é tão difícil gostar de leitura?

Porque talvez seja falta de incentivo, porém eu acho que devemos nos esforçar para podermos despertar o desejo de ler - mas procurando sempre boas leituras que possam desenvolver a nossa capacidade de criar textos, diálogos e termos criatividade de fazermos redações e saber raciocinar tudo aquilo que iremos criar no contexto no que se refere ao português. Eu acho que nós devemos nos esforçar para sentirmos o desejo de lermos porque lendo nós aprenderemos bastante para não sentirmos dificuldade na nossa vida futura. Por tanto, eu particularmente vou me esforçar para ler bastante o suficiente para que eu possa desenvolver os meus exercícios. Acho fundamental a leitura na vida das pessoas porque favorece bastante o aprendizado. Acho importantíssimo a leitura, pois através dela iremos ter novas ideias e imaginações fantásticas, de agora em diante eu vou procurar ler bastante para o meu desenvolvimento nas atividades e no meu desempenho escolar porque iremos precisar muito de criar coisas novas e interessantes, no futuro iremos sentir que foi muito gratificante termos esforcado por termos dedicado tanto a leitura.



tilibra



© Disney

Os adolescentes de hoje em dia não ler mais os livros, por causa da internet, celular, tablet etc. Hoje em dia está tudo mais avançado, e os adolescentes conforme passa o tempo, a tecnologia avança bem mais, e os livros não deixando de existir na vida dos adolescentes.

nome: Larissa Antunes 7º D

Minha opinião

1º Se o adolescente não quer ler o livro dele
 2º estamos no Brasil onde, a educação cai e a
 funk e a semi-nudez reina, onde se pode contar
 quanto tem prazer por leitura então, sim eu acho
 que a literatura deve ser obrigatório para o aluno
 tem que ser obrigatório de ler um livro de 300 pag.
 e fazer um resumo. Livros como toda a coleção/
 franquia de HARRY POTTER, Percy Jackson, Narnia
 entre outros grandes livros que viraram filme, despertam
 a curiosidade da criança/adolescente, ou então os
 professores podem fazer o dia da literatura onde
 todos devem levar um livro (EX: NARNIA) para casa
 e fazer um resumo, e quem fez assiste o filme de
 livros enquanto os que não fizeram tem uma aula
 normal no outro dia. Ótima ideia né? mas como
 disse esse é o Brasil.

Lázaro Guilherme.

Nome: Bethânia Maryah
8º d

O Interesse

É tão difícil despertar o gosto pela leitura porque nem todos leem o que gostam. O gosto da leitura seria melhor se todos lessem o que gostam porque o interesse seria maior e todos iriam ler muito mais.

ANEXO 5

Parecer do Conselho de Ética

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Livros são viagens, contos são bilhetes de partida: a literatura fantástica em sala de aula.

Pesquisador: LUCIANA PATRICIO DUARTE MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81270217.0.0000.5146

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.483.674

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa está inserido na grande área de concentração Linguagens e Letramento e na linha de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras, modalidade mestrado profissional – ProfLetras. O escopo da proposta de intervenção do presente projeto é o de proporcionar aos alunos o contato com a literatura a partir dos contos “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe e “O espelho”, de Machado de Assis; e do filme “Alice através do espelho”, dirigido por James Bobin. A partir da correlação entre as obras citadas buscar-se-á desenvolver práticas de ensino-aprendizagem que possibilitem o interesse e desenvolva o senso crítico dos discentes

Objetivo da Pesquisa:

Proporcionar aos alunos o contato com a literatura a partir dos contos “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe e “O espelho”, de Machado de Assis; e posteriormente com a utilização do filme Alice através do espelho, dirigido por James Bobin. A partir da correlação entre as obras citadas pretende-se desenvolver práticas de ensino-aprendizagem que possibilitem o interesse e desenvolva o senso crítico dos discentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Proporcionar a ampliação dos conhecimentos literários através da literatura fantástica juntamente com o filme proposto.

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

ANEXO 6

Cartaz do filme

Alice através do espelho



ANEXO 7

Transcrição de alguns contos produzidos pelos alunos.

Anexo 7a

O herdeiro infernal

Essa é uma história sobrenatural sobre uma família e o diabo, conhecido também como Lúcifer, o príncipe do inferno. Na década de 1990, uma família que morava em San Diego acabou sofrendo nas mãos de Lúcifer, eles eram uma família feliz, até que chegou o dia em que a felicidade dessa família se foi, a data de 18 de abril de 1990, uma data que Denver, o filho primogênito da família Wright nunca irá esquecer. Lúcifer ao acabar com os Wright acabou deixando Denver viver, porém ele se sentia morto por dentro. O motivo de Lúcifer ter feito aquilo, acreditasse que foi porque Rebeca, sua mãe, não queria fazer um pacto com ele, pois ele viu os dois conversando antes da aniquilação de sua família, essa foi a última lembrança que tem da sua mãe, naquele tempo Denver tinha somente treze anos, e já te jurado vingança contra Lúcifer pela sua família.

Denver foi criado pelos seus tios Ashley e Bruce, ele contava o que tinha acontecido naquela noite, mas eles não acreditavam que o próprio diabo tinha matado os Wright, pensavam que um *serial killer* tinha feito aquilo por ser muito comum naquela época, por conta dessa história que ele contava seus tios o levaram para o psicólogo. A única pessoa que acreditava nele era sua avó Lisa, ele suspeitava que ela mexia com bruxaria, pois quando ele tinha 8 anos viu ela fazendo um tipo de ritual, e sempre que algum parente morria ela cobria os espelhos com panos, ela dizia que tinha medo da alma do falecido ficar presa no espelho.

Depois de tudo isso que aconteceu, e o fato dele morar com os tios ele tinha uma rotina complicada, de manhã estudava, a tarde trabalhava, chegando do trabalho malhava, a noite estudava sobre feitiçaria, o sobrenatural, treinava para matar Lúcifer, e nas sextas ia ao psicólogo. Por ter meio que esse trauma de infância Denver não tinha muitas relações sociais, as pessoas o achavam estranho, e até tinham medo dele, pensavam que ele mesmo tinha matado sua família, e isso durou 5 anos, quando ele se formou e completou 18 anos, e enfim foi atrás da sua vingança. Com essa idade ele já conhecia quase todos os feitiços, as mais diversas criaturas existentes, porém o feitiço que ele precisava, que abria o portão do inferno, e também não sabia onde estava o portão do inferno, então começou a caçar os demônios leais de Lúcifer que vagavam pela terra, para achar eles teve que matar e torturar outros demônios e criaturas que vagavam na terra, ele rodou o mundo atrás deles, até que em Sidney, na Austrália, os encontrou, um deles carregava um colar em seu pescoço com uma pedra azul, que Denver acreditava que fazia parte do feitiço, pois nunca tinha visto algo do tipo, então eles lutaram até que Denver matou maioria e deixou vivo apenas o que carregava a pedra, ele o torturou, até que ele disse uma frase:

– O reflexo da alma está onde menos espera.

Denver tentou tirar mais coisas dele, mas ele só dizia aquilo, então o decapitou.

Ele ficou pensando nessa frase e associou a um espelho, e então começou a procurar feitiços sobre espelhos, e também uns espelhos antigos, mas não encontrou nada, até que quando ele estava na sua casa, Lisa sua avó, entrou pela porta e disse:

– Eu sei qual é o feitiço que você está procurando

Então lhe entregou um papel antigo com vários símbolos, e nesse papel estava o feitiço que levava mundanos para o inferno. Com esse ato da sua avó ele ficou surpreso, mas associou as peças e lembrou que sua avó era uma bruxa, então ele perguntou:

– Você sabe onde está o espelho?

Então ela respondeu:

– O reflexo que você procura não é um espelho, é a...

E então uma lâmina atravessou o seu coração, três demônios apareceram e mataram Lisa, e Denver furioso com isso, liberou uma força que ela desconhecia e matou os demônios em questão de segundos. Então se derramou as lágrimas ao chão, a única pessoa que confiava nele, agora está morta, e Denver se ajoelhou no chão e jurou vingança, ele estava determinado a matar Lúcifer. Em questão de minutos policiais apareceram na sua porta, seus vizinhos tinham denunciado com a suspeita de algum crime, pois escutaram os gritos, os policiais já chegaram arrombando a porta, já se deparando com 4 corpos no chão, como Denver explicaria aquilo, os policiais o nocautearam e levaram direto para a delegacia. Chegando lá os policiais começaram a fazer várias perguntas e ele fica em completo silêncio, os policiais deram água para ele, mas ele não fazia nenhum movimento, ficava ali parado e em completo silêncio, os policiais começaram a achar que ele era um psicopata, pois desde que o ofereceram água, ele ficava encarando o copo, até que se tocou, que o reflexo que ele procurava estava ali na sua frente, a água, fazia total sentido, em muitas histórias dizem que a água as vezes mostra o seu pior lado, esse pior lado seria porque atravessando a água você chega ao inferno, Denver começou a olhar para os policiais, mostrou suas mãos e então eles viram que ela estava sem suas algemas, nocauteou os policiais, pegou a roupa deles e saiu da delegacia, voltou correndo para sua casa, juntou tudo que precisava e foi para o Lake Murray, um lago da cidade e começou a ler o papel que sua avó te deu, viu que a pedra era o que lhe deixava imune do calor do inferno, preparou o feitiço e então atravessou a água.

Chegando no inferno se deparou com almas gritando por ajuda, pedindo perdão, elas estavam sendo torturadas, um verdadeiro inferno, então caminhando pelo inferno se deparou com o castelo de Lúcifer, e um exército de criaturas governadas pelo diabo, e então ele disse:

– Vamos ver do que é capaz!

Como se ele já estivesse esperando por ele, o exército então avançou, Denver irado liberou aquela força novamente e em dez minutos, todos estavam ao chão, e ele estava com seu corpo cheio de sangue, Lúcifer se aproximou e disse:

– Esse é digno de ser meu filho.

– Como se você fosse o meu pai, ele morreu há 5 anos, você o matou, e com ele toda a minha família. – disse Denver.

– Como acha que conseguiu matar esses demônios tão facilmente? Fiz um pacto com sua avó, fiz com que ela colocasse sangue de demônio em seu pai, lembra que ele estava meio conturbado antes dele morrer, então em troca eu garantia sua vida e a da sua avó até você fazer 18 anos. – disse Lúcifer.

– Cala a boca. – gritou Denver.

– E sua mãe, ela era um anjo, foi expulsa do paraíso, pois desobedeceu umas das leis dos guardiões, se apaixonar por um mundano, seu pai, então assim que soube que tinham cortado suas asas, e que estava vivendo entre os mundanos, tive a ideia de criar um ser para governar junto comigo, metade demônio e metade anjo, o herdeiro do inferno, ele é você. – disse Lúcifer

Denver já estava sem palavras só ficava em silêncio e escutava o que seu pai tinha a dizer, até que ergueu a cabeça e disse:

– Você pode até dizer que é meu pai, mas eu nunca serei seu filho.

Avançou em cima dele e os dois começaram a lutar, então Denver apesar de ser mais forte que ele não conseguiu matá-lo, apesar de tudo ele era seu pai, então o aprisionou em uma cela, caminhou até o trono, se sentou nele, e se tornou o que seu pai mais desejava, o príncipe do inferno.

(Yuri Duarte)

Anexo 7b

Pureza infernal

Há muito tempo, na aldeia de Orimachi, em Shirakawa-Go, província de Gifu, Japão, havia uma jovem moça de olhos negros e pele de pêssego, com um coração tão puro quanto as águas da cachoeira Jofu. Chamava-se Akane Akasofu e era a moça mais desejada em todos os cantos da aldeia, mas seu jovem coração só foi conhecer o amor na primavera de seus dezessete anos, no Hanami Festival, época de se apreciar as Sakuras. Percebeu que havia se apaixonado ao pegar-se pensando no jovem viajante que havia encontrado ao adentrar a floresta em busca de sementes de ameixas selvagens. Tomara um susto ao se deparar com o jovem, que se apresentara como Takeo, sentado a beira de um salgueiro. Trocaram olhares curiosos e sorriram ao perceberem que estavam a se encarar. Quando ela se deu conta, já estava sentada junto do desconhecido, ao pé do salgueiro, falando sobre o Hadami Festival. Hora ou outra ele a elogiava, dizendo que as sakuras estavam quase tão belas quanto ela naquele ano. Conversaram até perceberem o sol se pondo ao longe e Akane precisava ir para casa. O jovem a convidou para encontrá-lo ali, ao pé daquele mesmo salgueiro, no dia seguinte, quando o sol estivesse a pino. Disse ela que faria o máximo para vê-lo no e, quando já estava indo seguir seu caminho, tivera uma surpresa ao ter um beijo roubado pelo rapaz, fazendo suas bochechas corarem. Seguiram cada um seu caminho e, desde então, a jovem não o tirava da cabeça.

Fazia frio naquela noite, algo que caracterizava bem as primaveras do Sul. Inquieta por não conseguir dormir, levantou-se para fazer um chá hojica, na expectativa de pegar no sono, o que não demorou muito para acontecer.

O nascer do sol parecia mais lento aquele dia, Akane não via a hora de encontrasse com Takeo no salgueiro. Seu coração acelerou quando o sol encontrava-se quase no meio do céu. Inventou uma desculpa qualquer aos pais e saiu apressada floresta adentro. Encontrou Takeo no mesmo lugar do dia anterior, agora segurando uma pequena caixa de madeira nas mãos. Sorriu ao ver Akane sentando-se ao seu lado e o cumprimentando. Entregou a ela a pequena caixa de madeira, e com um gesto de cabeça a pediu para abri-la. A jovem encantou-se com o lindo espelho que encontrou. Era todo trabalhado em jade nas bordas. Akane agradeceu ao jovem pelo presente e o mesmo disse que ela precisava de algo para admirar-se. Pediu a ela que sempre que se olhasse no espelho dissesse as palavras “conhece-te a ti mesmo” e, mesmo sem saber o porquê e o significado de tais palavras, ela concordou, pois não seria capaz de negar nada a ele.

Sentados ao pé do salgueiro, Akane maravilhava-se ao escutar histórias contadas por Takeo. Mais uma vez, conversaram e nem perceberam o passar das horas e logo puderam ver o sol escondendo-se por detrás das montanhas. Trocaram mais algumas palavras e, como no dia anterior, Akane teve um beijo roubado e não pode conter um pequenino sorriso em seus lábios. Cada um seguiu seu rumo e Akane já estava ansiosa de novo para encontrar-se com o rapaz.

No caminho de casa olhava-se no espelho e repetia as palavras “conhece-te a ti mesmo”, enquanto se admirava e não deixava de notar o quão linda era. Seus traços eram delicados, um olhar que poderia afogar qualquer um se fosse de sua vontade e, por fim, o seu lindo cabelo, tão macio quanto a mais fina seda. A jovem pensava consigo mesma em como era a mais bonita da aldeia e poderia até mesmo ser a mais bonita do Japão, ou até mesmo quem sabe, do mundo inteiro. Orgulhosa de si, ergueu a cabeça e seguiu seu caminho, deixando um pouco da pureza do seu coração para trás.

Os dias se passavam e os dois jovens se encontravam sempre ao pé do salgueiro. Seus encontros baseavam-se em beijos roubados, elogios trocados, assuntos dos mais diversos e sorrisos espontâneos. Ela não cansava de tanto se gabar pelo fato de sua beleza e de ser muito mais habilidosa que qualquer outro, em qualquer coisa. Takeo sempre concordava e dizia que deveriam a considerar uma divindade por tamanhas qualidades. Seu ego aumentava cada vez mais com tantos elogios e, toda vez que se olhava no espelho, se via com mais superioridade.

A primavera chegava ao fim quando Takeo anunciou que precisava partir, e antes de fazer uma proposta a Akane, tomou sua verdadeira forma, o Demônio Ushi-Oni. Antes, aquele fora um dos piores pesadelos da jovem, mas naquele momento só conseguia maravilhar-se com o tamanho poder que exalava do tal. A proposta era fazer um pacto de sangue com ela, tomando sua alma de mortal e transformando-a, junto dele, a Rainha do Inferno. Akane apenas conseguiu concordar com um gesto de cabeça, ainda em transe por conta da criatura.

Ushi-Oni pegou o espelho de jade, o espelho que tornara Akane tão orgulhosa, o espelho da vaidade e da ambição e simplesmente o quebrou. Cortou a mão dos dois e as entrelaçou, deixando simplesmente o sangue dos dois fluírem em ambos os corpos. Para completar o pacto ele disse “Conhece-te a ti mesma e tome a sua verdadeira forma, Rainha do Inferno!”. Assim selaram o pacto, tornando um ligado ao outro até depois do fim da eternidade.

(Giulia Candido dos Santos Silva)

Anexo 7c

O espelho que sugava almas

Um dia eu e meu melhor amigo Fernando estávamos brincando na casa da minha avó, quando tivemos a ideia de jogar esconde-esconde, estava na vez dele se esconder então fui procurado, ele tinha se escondido no porão da minha casa, quando eu cheguei lá não tive reação a achá-lo morto em frente ao espelho do meu bisavô que já tinha falecido a anos, Fernando tinha tirado o pano que estava em cima do espelho eu desesperado comecei a gritar quando minha avó veio ver o que estava acontecendo se depararam comigo paralisado e Fernando morto com os olhos vazios e profundos, minha avó colocou o pano com de volta no espelho e saiu, passaram muito tempo até eu criar coragem de entrar no porão de novo, eu perguntei a minha avó por que o Fernando tinha morrido ela apenas começou a chorar e não me disse nada, então fui eu mesmo atrás de respostas, fui no porão e comecei a procurar as coisas do meu bisavô, quando de deparo com um livro com a capa toda preta com um título ilegível de tão velho que se encontrava, comecei a ler e descobri que meu bisavô era algum tipo de mago ou algo do tipo, no livro contava a história do tal espelho. No livro dizia: “o espelho amaldiçoado, quem se atrever a olhar diretamente nesse espelho poderá ter a sua alma

sugada para sempre e permanecer dentro do espelho”. Eu larguei o livro e fui contar para minha avó que eu tinha descoberto o que tinha acontecido, ela ficou espantada por eu ter descoberto tão facilmente e me disse: “Como você agora sabe que seu bisavô era um mago, eu tenho que te contar uma coisa, todos os herdeiros dele tem no sangue um pouco de feitiço, eu mesma sou uma feiticeira e sei uma maneira de trazer o Fernando de volta, mas tem um risco, a minha alma pode ir pro lugar da dele e como eu já estou na beira da morte eu vou fazer o feitiço”. Eu não aceitei de primeiro instante, pois não queria perder a minha avó, mas eu pensei bem e ela estava certa ela já estava morrendo, então eu aceitei e deixei ela trazer o Fernando de volta a vida, ela fez o feitiço em um caldeirão que eu nem sabia que existia em minha casa, e colocou em um frasco com um pouco de sangue dela e disse para eu jogar em cima do tumulo do Fernando, então lá fui eu no cemitério, as meia noite, em plena lua cheia e joguei o frasco, passou um tempo e vi a terra do tumulo dele se mexer, era ele Fernando, voltando a vida mas sem memória do que tinha acontecido, quando ele saiu do tumulo eu levei ele pra casa, chegando lá vi minha avó deitada no chão, com os olhos vazios e profundos igual aos do Fernando quando ele tinha sido “morto”. Eu fingi que não sabia o que tinha acontecido perto dele, mas dentro de mim estava um vazio enorme e uma tristeza sem fim por ter dado a vida da minha avó para ressuscitar meu amigo que no final das contas nem valeu a pena, pois ele nem se lembrava de mim, nem da família dele, ninguém aceitou ele, pois falaram que ele era um monstro, ele acabou sendo internado, e no fim disso tudo fiquei sem avó e sem amigos. Essa é uma carta de despedida quando encontrarem o meu corpo eu estarei morto, eu olhei para o espelho por que não aguentei o peso que estava na minha consciência, e acabei indo ficar ao lado da minha avó, pois assim ficaria mais feliz, meu pai e minha mãe já morreram e eu não vou ficar sozinho para sempre, então... Tchau.

(Igor Ferreira da Silva)

Anexo 7d

O espelho e a morte

Era uma vez uma casa assombrada, que moravam três pessoas, e aconteceu que estas pessoas que moravam na casa tiveram mortes trágicas, uma delas morreu caindo de uma sacada, outra morreu afogada e outra morreu enforcada. Passado um ano a casa foi alugada por um jovem chamado Mike 021. E passado um tempo aconteceram coisas sobrenaturais, portas batiam sozinhas, vultos que andavam pela casa. o jovem ficou com medo e chamou o seu amigo Renato Garcia que tinha um aparelho transmissor de magneto para detectar se tinha algum espírito na casa. Ao andar pela casa usando seu aparelho não percebeu nenhum movimento estranho. Mas ao chegar no quarto Mike e seu amigo passaram diante de um espelho e ao olhar para ele viu dentro do espelho a imagem de um fantasma com cara de zumbi e levaram o maior susto. E para piorar ficaram com medo de olhar para trás, mas como não tinham escolha olharam de uma vez não viram nada, a olhar para o espelho novamente a imagem do fantasma continuava refletida no espelho. Apavorados correram depressa e ao passar pela escada viram um vulto tropeçaram e caíram da escada e os dois morreram tragicamente repetindo a história dos antigos moradores.

(Vinícius Nascimento Dias)

Anexo 7e

Duas garotas e um espelho

Numa cidade do interior, mora uma garota, cujo nome é desconhecido, ela possui lindos cabelos longos e negros e olhos cinza da cor da lua, que somente ela possuía naquela cidade, sempre é avistada na porta do cemitério durante a noite em dias chuvosos, segurando um espelho esperando algo, nunca fala com ninguém e ninguém fala com ela. Nesta cidade a uma lenda que diz que em todos os dias chuvosos alguém tem que morrer pelo bem de todos os outros moradores.

Em um dia de chuva, novos moradores chegam a essa cidade pela manhã, entre eles estão Juliana, seu pai e sua mãe, que se mudaram na intenção de ter uma nova vida perto de seus familiares. Essa menina tem muita facilidade em fazer novos amigos, e logo que chegou já tinha feito várias novas amizades, que a alertaram a mesma coisa que seus pais, ela nunca deveria ir ao cemitério durante a noite muito menos falar com uma garota de olhos cinza. Logo que eles disseram isso, Juliana ficou curiosa e perguntou por que ela não podia falar com essa menina, eles responderam que não interessava desde que ela nunca falasse com essa garota, sem entender ela jurou que jamais falaria com ela.

Um pouco depois de isso ter acontecido, a tia dela foi encontrada morta na frente do cemitério, no entardecer deste mesmo dia ela foi enterrada, e durante o enterro Juliana ouviu seus pais conversando com alguns moradores, que falaram que viram a tia dela conversando com uma menina de cabelos longos e negros. Durante a noite Juliana decidiu visitar o túmulo de sua tia, depois de um longo tempo em silêncio ela resolveu ir embora quando viu uma linda garota e logo percebeu que ela era a menina de quem seus pais e todos os moradores a alertaram, logo ela pensou em ir embora antes que algo acontecesse, porém o pouco tempo em que ela olhou para essa garota foi o suficiente para ela ficar enfeitiçada por sua beleza sem igual, e quando viu já não conseguia mais se mover e logo abriu a boca para perguntar o nome dela, sem sucesso ela disse seu nome e chamou a garota para brincar. Um bom tempo depois as duas pararam e a garota finalmente disse algo, “Helena esse é o meu nome”.

Durante todas as noites depois desta, Juliana voltou ao cemitério durante a noite para se encontrar com Helena. Quando em um dia Juliana estava indo embora e deu de cara com seu pai e sua mãe, depois de uma longa discussão deles ali mesmo naquele cemitério, os pais dela dizem que terão que se mudar para bem longe se quiserem sobreviver, ela já explodindo de raiva volta correndo para o cemitério e conta tudo para Helena, que pergunta para Juliana se ela gostaria de ficar para sempre junto dela e a mesma responde que sim, então Helena pega seu espelho o coloca na frente dela e diz algumas palavras estranhas e então ela é transportada para um lugar estranho onde tudo é ao contrário e onde todos que já morreram naquela cidade tiveram suas almas presas nesse espelho.

Mesmo sabendo disso Juliana não julgou nem perguntou nada para Helena que chegou um tempo depois, tudo o que ela fez foi perguntar o porquê dela ter demorado a ir até lá, então Helena responde que matou o pai dela, pois ele não queria a deixar ir atrás de Juliana. Sem se importar Juliana diz que tudo bem desde que elas ficassem sempre juntas sem ninguém atrapalhar, e ela responde que ninguém jamais iria atrapalhar as duas já que se tentassem no mínimo encostar-se ao espelho iriam morrer.

(Emanuelle Oliveira)

O espelho amaldiçoado

Em uma casa na floresta, morava uma menina, seu nome é Isabel ela vivia com seu cachorro chamado Ozzy, seus pais a abandonaram quando ela completou dez anos desde então ela mora sozinha com Ozzy. Um dia quando ela estava andando na floresta ela encontrou uma cabana onde sua porta estava fechada ela olhou a cabana atentamente quando ouviu um barulho dentro da cabana, então ela pulou a janela e entrou na cabana, quando entrou olhou em volta procurando da onde vinha aquele barulho então viu um espelho grande com a borda branca e dentro havia uma pessoa como se estivesse presa dentro mas logo passou direto pois achou ser uma quadro, até que a pessoa se mexeu fazendo-a olhar novamente, a pessoa foi até a borda do espelho e a chamou, ela se aproximou mesmo com medo, o menino que estava dentro do espelho disse que quem se atrevera a entrar na casa seria perseguida por um mal até desvendar o enigma do espelho e libertá-lo. Isabel com medo saiu correndo da cabana em direção a sua casa, mas, quando chegou a sua casa não estava mais lá então Isabel começou a ouvir vozes e vultos para todos os lados e correu até a cabana para perguntar ao menino como desvendar o enigma, quando entrou na cabana foi até o espelho, chegou perto e perguntou o menino que lhe disse que o enigma estava dentro da cabana e que ela teria que achar o desenho de uma flor a flor de lótus, a menina procurou por toda a cabana até achou atrás de um quadro na parede, a flor estava no meio de um quadrado como se fosse uma porta, e era, ela abriu encontrando um papel onde estava escrito “Atrás de uma porta está o seu futuro, mas cuidado com os monstros” foi aí que ela sentiu alguma coisa mudando nela, o menino do espelho disse que tinha entrado um espírito nela e ela poderia ter poderes para enfrentar os monstros e que ela tinha que encontrar alguma porta e entrar. Depois de encontrar a porta ela se despediu do menino e entrou como se estivesse caindo de um penhasco, quando parou estava em um lugar onde havia um espelho ela olhou e viu o menino do outro lado só então reparou que ela estava dentro do espelho e que tinha um lobo-zumbi atrás dela o menino saiu correndo de dentro da cabana a deixando só com o lobo que a matou enquanto lutava com ela. O menino viveu por muito tempo e teve uma família e contou pra cada um da sua família esta história que na sua cabeça virou lenda.

(Ana Luísa Gonçalves)

Anexo 7g

A casa

Quando eu tinha quatorze anos, eu e minha família mudamos para uma casa estranha e sombria.

Passando-se um tempo, comecei a ver vultos e ouvir vozes e muitos barulhos no meu quarto todo espelhado. Era sinistro!

Em determinado momento os espelhos começaram a rachar e o barulho do vento batendo na janela era assustador.

Só então que resolvi contar aos meus pais o que estava acontecendo, mas de nada adiantou. Procurei ajuda em uma igreja. Conversei com o padre e contei o que estava acontecendo. Então ele foi a minha casa, mas a minha mãe não queria o deixar entrar, mas ela acabou cedendo.

Eu só queria voltar para minha casa antiga. Aí quando o padre começou a rezar, a minha mãe assustou com espelho despedaçando ao som dos gritos e gemidos naquele

lugar. Foi quando apareceram os antigos moradores da casa e nos contaram que ali antes era um velho cemitério. Então decidimos voltar para a nossa casa antiga.

(Mikaelly Stephany)

Anexo 7h

O garoto

E assim começa mais uma história de Henry na sua aula de literatura onde ele sempre conta histórias que o professor e os colegas não acreditam. O professor acha a história bem sombria, ainda mais saída da cabeça de um menino que mora só.

O sinal da escola toca e todos vão ao refeitório ou embora...

Henry não tinha o que fazer, então decidiu ir embora pelo caminho mais longo. Ele estava andando e escutando música no seu fone de ouvido quando do nada olha para a casa que está abandonada desde 1786 e vê uma garota bela sentada no balanço do jardim da casa. Henry achou-a tão bonita que nem se importou que ela estivesse em uma casa abandonada e sozinha. Ele virou para trás para ver o carro que estava passando e quando voltou o olhar para casa, não viu mais a garota no balanço. Ele achou isso muito estranho, mas seguiu seu caminho de volta para casa.

Chegando em casa tomou seu banho, preparou algo para comer e subiu para seu quarto. Sua mãe nunca estava em casa, vivia no trabalho e seu pai viajando e quando estavam em casa juntos, começavam a brigar. Henry já estava acostumado, então passa a maior parte do tempo no seu quarto escutando música e desenhando. Henry estava na sua mesa desenhando a garota que viu na casa abandonada, e quando ele olha para o espelho que estava atrás de si acaba vendo o seu corpo todo ensanguentado com a garota ao seu lado. Então ele correu para o banheiro, limpou seu rosto e não tinha nada mais. Ele se perguntou se estava ficando louco e voltou para o quarto e tentou descansar, teve vários pesadelos e então decidiu ir a casa abandonada de madrugada. Ele não estava com tanto medo e sim com dúvida do que tinha visto.

Chegou à casa abandonada e ficou uns trinta minutos do lado de fora observando; a casa não tinha vizinhança e o fundo era uma floresta. Estava tudo escuro, então ele ligou a lanterna do celular e entrou na casa, momento em que saíram uns morcegos voando, ele subiu a escada e tinha um quarto que parecia ter luz ou vela, e quando entrou viu uma garota deitada no meio com velas ao seu redor, ele já tinha visto isso, parecia uma Viagem Espiritual.

Em sua mente Henry começa a questionar...

– Mas para onde ela está indo? Não faz sentido... se ela está morta ela pode ir para onde quiser. Então não está morta? nada está fazendo sentido na minha mente, o que estou fazendo aqui?

Henry pegou uma vela e desfez o círculo que estava ao redor da garota. A garota levantou assustada e falou brava:

– Quem é você? Quem acha que é para esta na minha casa? Foi a Lilith que te mandou aqui?

– Que? De quem você está falando? Eu não estou entendendo mais nada.

– Você entrou na minha casa sem permissão, você terá que entregar o seu corpo para mim.

– Eu nem sei do que você está falando, disse Henry dando passos para trás.

– Você não é o garoto de hoje cedo? Preciso de uma ajuda, mesmo que você não aceite eu terei que fazer isso com você, pois viu coisas que não devia. Você é um mortal

e eu não aceito que um mortal me intimide ou saiba das minhas coisas assim. Entregue seu corpo para Lúcifer e estará tudo certo entre nós.

– Eu não fiz nada, então não vou me entregar a ninguém.

– Você vai por bem ou por mal, não estou para brincadeiras de um garoto infantil. Então a garota começou a falar umas coisas estranhas e Henry começou a correr, a casa começou a fechar todas as portas e janelas, ele já não sabia para onde ir e entrou em um quarto e se trancou, quando olhou em volta percebeu que estava no seu quarto e seu corpo estava deitado na cama dormindo.

– Você já morreu não adianta escapar mais Henry, só preciso que você assine esse livro agora, disse a garota entrando no quarto com o livro nas mãos.

– Mas e minha família? Minha escola, minha vida? Isso não está fazendo sentido, disse Henry muito confuso.

– Assine o livro que explicarei melhor.

Então Henry fez um corte na mão e começou a assinar o livro.

– Você agora pertence a Lúcifer e fará o que ele determinar, e se não obedecer será punido conforme a vontade do diabo.

Lúcifer aparece para ele no corpo da garota e fala palavras em língua satânica que Henry não estava entendendo e do nada ele fica com a visão turva e morre.

(Carla Emanuely)

ANEXO 8 PROJETO LITERÁRIO – 2018



ANEXO 9
Fachada da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro



ANEXO 10
Escudo da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro



ANEXO 11
QUESTIONÁRIO SOBRE O FILME

 ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR PLÍNIO RIBEIRO		
DISCIPLINA: Português	PROFESSOR:	SÉRIE: 8º
NOME DO(A) ALUNO(A): Ana Carolina L. de Pa'		TURMA: D

Filme: Alice através do Espelho

Data:

1) Qual o enredo do filme? A missão de ajuda o Chapaleiro a recuperar os seus pais.

2) Qual a situação inicial narrada no filme?

Ela é capitã de um navio, a mãe dela vende o navio e o abismo carrega ela para o País dos maravilhosos com uma missão.

3) Descreva a cena de maior impacto para você.

A que ela usa o espelho para fugir.

4) Você aprendeu alguma coisa com o filme? O que?

Sim, Ajuda o próximo

5) Qual foi o seu personagem favorito no filme? Por quê?

Chapeleiro Maluco. Ele é maluco e divertido.

6) Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva uma cena que se aproxima mais da realidade.

Quando ela é obrigada a casar por dinheiro

7) Descreva a cena mais fantástica do filme para você.

Quando ela pega a cronoesfera